

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO -
UEMASUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS - CCHSL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLe)

JOÃO BATISTA PEREIRA SILVA

A CRÔNICA IMPERATRIZENSE: literatura, regionalidade e ensino

Imperatriz - MA

2024

JOÃO BATISTA PEREIRA SILVA

A CRÔNICA IMPERATRIZENSE: literatura, regionalidade e ensino

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Letras - PPGLe, LP 2: - Literatura, Diálogos e Saberes.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana.

Imperatriz - MA

2024

S586c

Silva, João Batista Pereira da

A crônica imperatrizense: literatura, regionalidade e ensino. / João Batista Pereira da Silva. – Imperatriz, MA, 2024.

95 f.; il.

Produção Técnico-Tecnológica (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2024.

1. Língua Portuguesa – gêneros literários. 2. Crônicas. 3. Letramento. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 82-94(812.1)

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

JOÃO BATISTA PEREIRA DA SILVA

A CRÔNICA IMPERATRIZENSE: literatura, regionalidade e ensino

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Letras - PPGLe, LP 2: - Literatura, Diálogos e Saberes.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana.

APROVADA EM: 11/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana

Membro Interno: Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima

Membro Externo: Prof. Dr. César Alessandro Sagrillo Figueiredo

AGRADECIMENTOS

Em princípio, agradeço aos meus pais (in memoriam), ele, quando inspirado, se revelava um exímio contador de histórias - cronista da oralidade; ela mulher da oração e da ternura.

Agradecimento especial ao Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana, pelo trilhar junto neste percurso, trazendo na bagagem conhecimentos, generosidade, atenção e entusiasmo.

Agradecimento especial à Prof.^a Dra. M^a da Guia Taveiro Silva, por generosa participação em meu percurso formativo, dialogando sobre multiletramentos, letramento literário e linguagens.

Agradecimento especial à Prof.^a Dra. Lilian Castelo Branco, pelo desvelo e dedicação ao tratar das questões de identidade e regionalidade, que também subsidiaram meu trabalho.

Feliz e grato a Anna Carolina Kunz, pelo dedicado apoio no acompanhamento das demandas e prazos das disciplinas e dos eventos acadêmicos.

Feliz e grato aos meus mais recentes amigos, Trajano Neto e Paulo Ney, pela acolhida na AIL, onde, por meses, estive a pesquisar autores e obras.

Gratidão aos colegas de turma, por viajarem comigo neste desafio intelectual, partilhando ideias e ideais, projetando sonhos e conquistas.

Gratidão à minha família, que sempre tem me apoiado em projetos relevantes, e de maneira especial a Leila Lopes, esposa, companheira e incentivadora deste mestrado.

Rendo graças a Deus, que, por mistérios insondáveis e pelo espírito criativo, nos posiciona no aqui e agora da vida - vocação para o que é justo, bom e belo.

Escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor.

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar e analisar parte das crônicas regionais produzidas em Imperatriz, estado do Maranhão, como recurso para o ensino médio, em uma perspectiva de letramento literário. Um percurso científico voltado a compreender o gênero como ferramenta a provocar questionamentos e reflexões no âmbito da sala de aula e para além dela, em vista das múltiplas potências que o texto literário possibilita. Uma análise do gênero literário da crônica regional, construída dentro do contexto social e histórico de Imperatriz, seu conteúdo, intencionalidades e repercussões. O caminho metodológico passou por uma abordagem qualitativa e de natureza documental e bibliográfica, com levantamento em fontes jornalísticas, literárias e da Academia Imperatrizense de Letras - AIL, revisitando a produção de autores locais tais como Jurivê de Macedo, Adalberto Franklin, Livaldo Fregona, Agostinho Noletto, Elson Araújo, entre outros. Neste processo se empreendeu a aplicabilidade dessas produções, evidenciando sua natureza literária e social como um verdadeiro recurso no fazer educativo.

Palavras-chave: Literatura; Crônicas; Regionalidade; Letramento.

ABSTRACT

The aim of this research is to identify and analyze part of the regional chronicles produced in Imperatriz, state of Maranhão, as a resource for secondary education, from a literary literacy perspective. A scientific journey aimed at understanding the genre as a tool to provoke questions and reflections in the classroom and beyond, in view of the multiple powers that the literary text makes possible. An analysis of the literary genre of the regional chronicle, constructed within the social and historical context of Imperatriz, its content, intentions and repercussions. The methodological approach took a qualitative, documentary and bibliographical approach, with a survey of journalistic and literary sources and the Academia Imperatrizense de Letras - AIL, revisiting the production of local authors such as Jurivê de Macedo, Adalberto Franklin, Livaldo Fregona, Agostinho Noletto, Elson Araújo, among others; in this process, the applicability of these productions was undertaken, highlighting their literary and social nature as a real resource in educational practice.

Keywords: Literature; Chronicles; Regionality; Literacy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 LITERATURA: REGIONALIDADE EM PERSPECTIVA.....	12
2.1 Literatura em nosso tempo: desafios e possibilidades.....	21
2.2 Literatura e letramento: o social e a produção de sentido.....	28
3 A CRÔNICA: CONTRIBUIÇÕES E PERCEPÇÕES.....	32
3.1 Mapeamento de cronistas de Imperatriz.....	33
3.2 Crônicas de Imperatriz: referências e perspectivas.....	39
4 CRÔNICAS REGIONAIS EM SALA DE AULA: LETRAMENTO LITERÁRIO.....	74
4.1 A Estratégia do letramento literário.....	77
4.2 A Sala de aula: espaço da crônica.....	80
5 A PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA – PTT.....	85
5.1 Antologia de crônicas de Imperatriz.....	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO

Por caminhos diversos, a literatura se manifesta e apresenta caminhos outros, que nos permitem avançar. Oferece gêneros mais diversos, os quais são capazes de enriquecer a experiência humana e a forma de pensar o mundo, refletir sobre a vida e os desafios nela contidos. Na literatura – cuja etimologia vem do latim *littera* – se encontra a arte da letra que constrói a palavra, delineada em verso e prosa: em verso, se deslinda os mais variados poemas com suas rimas, métricas, ritmos, nuances; na prosa, uma construção nas corredeiras das palavras - talvez diria o poeta Manoel de Barros - tal como o romance, a novela, o texto teatral, a fábula, o conto, a crônica, entre outros.

E foi assim, em uma carta de opções, em um universo de possibilidades, foi escolhido o gênero da crônica, para essa abordagem acadêmica, compreendendo seu valor para além do artístico e do estético; um valor que dialoga com o humano jeito de viver, na medida que aproxima o indivíduo do cotidiano e da leitura de mundo, permitindo fazer as mais diversas conexões com tudo o que a experiência da existência pode suscitar. Sendo possível tal conexão, também é possível pensar em um sentido humanizador. No dizer de Candido (1992), a crônica sendo uma despreensão que humaniza e permite profundidade de significado. Ele assim vai se expressar:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (Candido, 1992, p. 14).

Notadamente em seu aspecto regional, a crônica carrega um sentido social relevante, conjugando saberes, ideias e novos entendimentos a serem identificados, valorizados e partilhados em um espaço geográfico delimitado e, portanto, rico de possibilidades, inclusive no favorecimento de uma identificação com elementos próprios, e que, portanto, carregam as próprias marcas identitárias. Neste sentido, está proposto aqui analisar e discutir crônicas produzidas em Imperatriz, em uma perspectiva de letramento literário, compreendendo e valorizando o que está sendo elaborado, como manifestação de arte e cultura, bem como estabelecendo uma ponte com o fazer educativo.

Trata-se de uma discussão que pretende identificar elementos de promoção da cultura, de descobertas, apontando trajetórias que levem à compreensão, ampliando visões, desenvolvendo senso crítico e estimulando a troca de saberes. Isso sugere ser bastante oportuno e necessário, uma vez que refletir, discutir e compreender a realidade vivida, possibilita um reconhecimento

de mundo e, por consequência, uma visão mais crítica sobre a realidade, uma melhor compreensão sobre o viver e conviver humano em sociedade. Para que haja, de fato, essa possibilidade - sobretudo em um mundo bombardeado de informações e distorções por todos os lados, um mundo que tem apostado boa parte de suas fichas em tecnologias avançadas e por muitas vezes desconectadas ou desprovidas do sentido humano – é preciso oportunizar ao indivíduo as ferramentas, meios necessários para um adequado entendimento. É preciso desenvolver o enorme potencial humano que há sobremaneira nos jovens. E esse potencial depende em grande medida do investimento em espaços educativos e nas práticas de leitura e compreensão da sociedade. Silva (2011), nos ajuda neste entendimento quando reitera que fundamental é possibilitar ao aluno a decisão sobre seu trajeto da leitura, e os significados que os textos podem construir neste processo.

No que está proposto, cabe ainda uma fala de Lajolo (2000), a qual explica que “a literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados” (p. 105). Isso permite pensar no caráter de amplitude que a literatura oportuniza. E nessa perspectiva ampla, sugestiva de espaços ainda não abarcados, de caminhos ainda não trilhados, se ousa pensar no gênero da crônica como recurso carreador de inúmeras possibilidades.

Abraçando estes primeiros argumentos, pretende-se, nesta abordagem, apresentar uma construção científica, em um contexto regionalizado, qual seja da cidade de Imperatriz, estado do Maranhão, estudando e refletindo uma sequência de crônicas produzidas. Um percurso que seja capaz de dialogar com questões sociais que se apresentam, sobremaneira no campo da educação e do letramento literário. Tal percurso dialoga com o social, o qual permeia todas as nossas relações. Um diálogo que poderia aproximar-se às mais diversas manifestações da vida acadêmica, nas escolas, em associações de pais e mestres, nos centros de cultura, em clubes de leitura etc. Enfim, onde houver pertinência de discussão de temáticas que tratam da cultura local, da arte, da literatura e da educação e letramento.

No sentido de trazer luz sobre as questões propostas para esta pesquisa, as indagações que se apresentam são estas: na perspectiva de fornecer elementos de discussão a partir de nossa regionalidade, quais as crônicas poderiam ser úteis? Qual o significado da produção literária regional do gênero crônica em nossa dinâmica social e educativa? Quais elementos que melhor definem nossas crônicas? Como essas crônicas possibilitam o exercício do letramento literário?

Justifica-se essa proposta de pesquisa, com os questionamentos a ela vinculados, na medida em que se considera a necessidade de um olhar investigativo. Aquele lançado sobre a produção dos cronistas, numa abordagem regionalizada, abrindo espaço para discussão,

considerando o perfil dos autores e o contexto. Importante considerar que o gênero da crônica carrega consigo, comumente, uma perspectiva de comunicação mais acessível, em parte devido ao meio em que geralmente é difundida, o jornal, e em parte por apresentar-se como um texto curto. E talvez, ainda, por se voltar o olhar para o cotidiano humano, possibilitando identificações, reconhecimentos, uma relação de proximidade com o leitor. É uma abordagem reflexiva e humanizante, produz sentidos e, de certo modo, chama este leitor para determinada atitude.

Igualmente se justifica, quando o desafio da busca do leitor literário consciente, crítico também está em jogo. Significa que, para além da valorização da produção local dos cronistas, para além da discussão do social – profundamente imbricado nessa seara – reside o adequado usufruto dessa produção, vinculado à formação, qual seja o letramento de um novo leitor. Aquele leitor que, pelo contato com o texto literário, de forma estruturada, planejada – sem perder a liberdade - se abra à experiência de novos saberes, novas conexões com a própria realidade. Estar conectado à realidade a qual se faz parte é pressuposto de humanização, na medida permite ao sujeito o uso de ferramentas adequadas para agir e reagir diante dos enormes desafios que se apresentam diante de si.

Outro elemento importante no desenho desta pesquisa está vinculado à trajetória, perfil e motivações do pesquisador: perfil e trajetória se apresentam nesta escrita em formato de um breve memorial, objetivando defender a temática proposta como mecanismo de letramento literário, capaz de estabelecer conexões com a realidade e promoção do senso crítico. E ademais, evidenciar as expectativas e sonhos, inquietações e subjetividades de quem abraça com liberdade a educação e a literatura como experiência humana marcante.

Falar do percurso pessoal do pesquisador – que agora passa a usar a primeira pessoa - é falar de concretudes, sonhos, inquietações e frequentes questionamentos que se atualizam e se renovam. Falo de experiência de vida - mas não só isso – reflito uma busca de realização e, sobretudo, uma defesa de nossa capacidade humana de reinventar-se ante as adversidades da vida. Para breve síntese dessa minha história – interligada à literatura pela sede de descobertas e apreço à criatividade humana - considerarei a realidade, escolhas efetivadas, trajetórias assumidas, as quais gostaria de partilhar com objetividade, assertividade e necessária autonomia.

Tal e qual qualquer ser humano, trago comigo todas as marcas de meu tempo, contexto e cultura. Nascido em 1970, me encontro em espírito na obra do doutor Sérgio José Schirato (1976) - O Homem 70. Neste sentido, sou um partidário das incertezas, mas também um andarilho da esperança. Um homem que jamais renunciaria à sua vocação de ser pessoa – de

ser livre para confirmar minha participação efetiva neste mundo. Vocação para abraçar desafios os mais diversos, desde que dialoguem com a minha premente necessidade de humanização, de defender o que é justo e belo, e ir ao encontro do outro.

A despeito de algumas dificuldades encontradas pelo caminho, frutos do cenário da época, consegui concluir o curso de Pedagogia em 1999, no entanto, minha identidade de pedagogo se manteve latente até aquele evento, o qual batizei de meu movimento paradigmático, quando, em 2015, deixei o setor privado e entrei para o serviço público, assumindo minha identidade de pedagogo. Contudo, antes de me unir à pedagogia em 2015, mantive uma relação simbiótica com ela. Em minha então turma de pedagogia (1994 a 1999) conheci Leila, minha colega de turma, e que se formou comigo. No ano seguinte nos casamos. E como costume dizer a ela, abraçamos um “projeto de amor pedagógico”, pleno de sentido e de frutos – filhos, projetos, conquistas.

Em 2015 fui trabalhar como pedagogo na recém-criada Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, sediada em Marabá – Pa. Naquela instituição pude fazer parte de uma equipe pedagógica. Nossa agenda de trabalho semanal previa demandas em avaliação de PPC's dos diversos cursos ofertados, análise de indicadores educacionais internos conduzidos pela própria instituição, objetivando a tomada de melhores decisões; também atuamos no atendimento a professores, no oferecimento de suporte pedagógico. Somados a isso, sempre reservávamos algumas horas na semana para um exercício coletivo de refletirmos juntos sobre nossa prática educativa, nossos desafios e perspectivas, as histórias pessoais partilhadas.

Em 2020, fui transferido para o IFMA – Instituto Federal do Maranhão, Campus Grajaú, onde pude fazer uma nova experiência pedagógica, agora numa instituição de ensino técnico-profissional. Neste novo contexto, associei-me a uma equipe de pedagogos, ancorados em uma Coordenação de Apoio Pedagógico – CAP, cuja função principal é oferecer suporte pedagógico para as inúmeras atividades educativas desenvolvidas pela instituição. Neste departamento, tive a oportunidade de assumir a coordenação, onde trabalhamos na assessoria junto a professores nas questões didático-pedagógicas, trabalhando com projetos de inclusão dos alunos, bem como atuando no enfrentamento dos enormes desafios socioeducacionais intensificados, sobretudo, a partir da pandemia deflagrada em março de 2020.

Este breve relato torna-se útil também para falar de motivações. Motivações que são aqui estabelecidas pelas conexões da vida - saberes da profissão, experiência no chão da escola, dos diálogos, das histórias de vida partilhadas, dos começos e recomeços. Na literatura – experiência despreziosa desde as leituras dos tempos de infância, passando pelo fascínio da escuta atenta das histórias contadas pelo meu saudoso pai – tenho encontrado razões e

motivações que dão brilho à vida e que – mais tarde compreendi – ajudam para melhor refletir e compreender a realidade.

Neste sentido, fui abraçando esse ideal humanizador o qual fala Candido (2017). E nesse abraço, tenho renovado meu compromisso com a defesa de uma educação que liberta e emancipa, e de uma literatura que, por caminhos outros, também liberta, permitindo verdadeiros processos de humanização.

Para além das motivações, importante também é falar do percurso utilizado nesta pesquisa. Ele está composto de quatro capítulos. O primeiro dedicado a dialogar sobre literatura e regionalidade; o segundo discorremos sobre a crônica imperatrizense e suas contribuições; o terceiro, colocamos essa crônica imperatrizense e regional em contexto de sala de aula, com seus desafios e implicações; o quarto, apresentamos a proposta do PTT como ferramenta didática a subsidiar o trabalho do professor. Sucintamente este percurso foi desenhado da seguinte forma:

O desafio da pesquisa foi trabalhar conceitos e perspectivas sobre literatura e regionalidade, à luz de Candido (2012; 2017), Perrone-Moisés (2016), Pozenato (2003), Joachim Sthaler (2009), entre outros. Discorre-se sobre quatro tópicos. O primeiro deles foi um olhar retrospectivo sobre a literatura; nessa abordagem, introduziu-se uma breve síntese da literatura em suas origens, apontando suas principais fases as quais estão situadas no tempo e sua interessante e permanente natureza de transformação. Trabalhou-se as conexões entre a Literatura e a regionalidade, revisitando conceitos de região, regionalidade e regionalismo, bem como a relação e identificação desses conceitos como arena de disputas e conquistas; aqui discutiu-se a existência de um viés especulativo o qual propõe integrar áreas, regionalizando-as em benefício da dominação e do lucro. Se abordou a Literatura em nosso contexto, o que se tem testemunhado na contemporaneidade; tratou-se de uma literatura do momento atual, que está expressa no estilo de escrita e em todas as expressões de arte, repercutindo os grandes acontecimentos do nosso tempo, marcado pelas mudanças nas mais diversas áreas do conhecimento, bem como pelo acelerado desenvolvimento industrial e tecnológico. E, finalmente, abriu-se uma discussão sobre as possibilidades da Literatura; os intrincados caminhos – para muito além da arte e da estética – que dialogam com as mais variadas questões humanas; refletiu-se como a literatura reivindica o insurgente papel de pertencer a todos indistintamente, atendendo à premissa do direito à sua democratização; abordou-se os desafios que se apresentam, tais como o baixo nível de escolaridade do povo brasileiro, o pouco hábito de leitura, o custo elevado dos livros e a carência de políticas públicas de incentivo à cultura.

No segundo capítulo, *A Crônica Imperatrizense: contribuições e percepções*, o desafio

da pesquisa foi trazer um olhar sobre a crônica regional, contexto, implicações e seu significado. Como referencial teórico, recorreu-se a Bosi (2013), Candido (2003), Sá (2005), Marchuschi (1997), entre outros. Primeiro, tratou-se especificamente o gênero crônica com suas referências e perspectivas, as origens do gênero e seu significado regional e local. Em seguida, assinalou-se a crônica como repercussão de fatos, opiniões e as demandas geradas numa cidade como Imperatriz – um carimbo na história literária, ao tratar de questões de seu povo e suas principais demandas. Em seguida, discutiu-se a questão da oralidade, observando que boa parte dos cronistas pesquisados revela esse traço como pressuposto de interação com o leitor, uma característica que aproxima autor, texto e leitor, despertando interesse e gerando empatia, num processo permeado de prazer e conquista. Outro elemento posto à discussão foi a intertextualidade, uma marca presente, como a garantir seu necessário espaço junto ao leitor; um espaço garantido pelo encontro possível que um texto pode fazer com outros textos, com diversas situações vividas e contadas e que estão ligados ao contexto regional. Prosseguindo o itinerário, passou-se a tratar da natureza reflexiva das crônicas pesquisadas, onde muitas se revelaram como um verdadeiro convite ao exercício do pensamento e da crítica, uma provocação do leitor para determinada temática, um chamado à reflexão. Em seguida, traçou-se o perfil de alguns autores – apenas uma parte deles – sem a pretensão de apontar qualquer tipo de avaliação objetiva sobre suas produções, mas tão somente colocar alguns como recorte, reconhecendo o sentido do que temos construído, e sua possibilidade de utilização como recurso educativo. E encerrando o capítulo, trabalhou-se o significado do ato de produzir as citadas crônicas, como palavras a registrar um pouco da história regional. Que o que se conta sobre seu povo – localidade, região, valores, cultura - está contido nas crônicas produzidas. E a cidade de Imperatriz – ao seu modo, com suas singularidades, com suas nuances – tem tido a oportunidade de fazer revelações, e de certa forma construindo e reconstruindo a história de seu povo.

No terceiro capítulo, *A crônica imperatrizense e regional em sala de aula: letramento literário*, propôs-se problematizar as relações entre as crônicas e seu acesso, bem como a aplicação concreta dessa experiência de leitura literária em sala de aula. Como referencial teórico, recorreu-se a Silva (2011), Braggio (1992), Kleiman (1999) e Bajou (2012). Iniciou-se ensaiando a leitura como um desafio que se impõe ante a realidade, considerando os índices de alfabetização, de leitores e de consumidores de livros em nosso país. Refletiu-se sobre o espaço da sala de aula, o qual necessita com urgência de formar novos leitores. Foi discutida a necessidade de estar nas escolas, exercendo uma pedagogia de formação de leitores. Em seguida, fez-se uma abordagem sobre a leitura enquanto mecanismo de escuta - uma escuta que pressupõe intencionalidade e consciência, de uma leitura como pressuposto enriquecedor que

oferece o diálogo, o bate-papo, a interação de sentidos. Uma escuta que também pressupõe a experiência de apreciar e aceitar também a expressão que vem do outro, nem sempre convergente, mas agregando novas visões de mundo. Na sequência, apresentou-se as possibilidades das crônicas estudadas para o ensino, as quais suscitam leituras, diálogos e reflexões. Chamou-se a atenção para o fato que a escola ainda não tenha dado necessária importância a atividades que promovam a discussão de textos, com seus significados e intenções. Neste sentido, urge um investimento na pessoa do professor, da escola, e do papel do Estado, na conquista do aluno, para que adentre o universo da leitura. Explorou-se, ademais, o percurso metodológico escolhido, uma pesquisa qualitativa, cuja essência passa por um caminho de valorização da experiência dos atores sociais envolvidos, traduzidos na literatura e oralidade dos discursos em forma de crônicas, sua natureza e significados, motivações e intencionalidades. Aproximando-se do final do capítulo, adentrou-se à sala de aula, compreendida como um espaço importante para a literatura e para um trabalho com crônicas. Todavia, considerando as características do gênero estudado, se passa a compreender claramente, que maiores e mais qualificados esforços precisam ser envidados para posicionar a crônica como recurso atrativo, provocando ideias, senso crítico e contribuindo no desenvolvimento do aluno.

O quarto capítulo, assinala a respeito da Produção Técnico-Tecnológica, a PTT – um E-book com 50 crônicas para atividade de letramento em sala de aula, fruto desta empreitada científica. Elencou-se uma antologia de 50 crônicas autores de Imperatriz, com sugestões e apontamentos para discussão em sala de aula; uma ferramenta de natureza didática no sentido de favorecer a aplicação exercício de leitura literária em sala de aula, abrindo-se a discussão sobre os mais diversos fatos e assuntos abordados nos textos. Um recurso que permanece diretamente ligado à proposta da pesquisa.

Com relação à metodologia, esta pesquisa inseriu-se na estratégia investigativa de Modelo Qualitativo de Pesquisa, a qual se projetou o desenho exploratório, a partir de coleta e análise de dados com foco no levantamento documental, bibliográfico, contextual, relatos individuais já escritos, fatos relevantes. Tornou-se notadamente um caminho de aproximação da experiência dos atores sociais envolvidos, traduzidas no fazer literário dos textos em forma de crônicas, sua natureza e significados, motivações e intenções, reflexos e provocações sociais encontradas. Tudo isso exigiu um elaborado trabalho e necessária versatilidade, considerando abordagens que emergem do contexto, atores e suas visões. Ademais, de acordo com Santos (1991), a pesquisa exploratória se constitui em um contato inicial com o tema que será analisado, considerando os sujeitos que serão investigados, o perfil destes, bem como suas

fontes. Nesse sentido, a atitude de receptividade e adequado manuseio do pesquisador para com os dados e as informações sobre a realidade estudada torna-se fundamental.

O *corpus* desta pesquisa comporta um recorte de produções específicas do gênero das crônicas no espaço jornalístico ou fora dele, formatadas em um contexto regional, tendo a cidade de Imperatriz como referência, a sinalizar elementos de discussão de natureza social, política, existencial, retratando o cotidiano e representando realidades. Conteúdos selecionados e elencados para serem ainda articulados na escola como recursos de letramento literário.

Uma referência para essa pesquisa – autores e produções - também foi a Academia Imperatrizense de Letras - AIL, que, na atualidade – leia-se 2023 - conta com 40 cadeiras e que em 1993 foi reconhecida como entidade civil de utilidade pública, preconizada pela Lei Municipal Nº 724. Em sua constituição jurídica, consta delineado sua importância e singularidade, mediante campo e objeto de atuação. Em seu documento constitutivo está discriminado:

Cód. 94.30-8-00 - Atividade de associação em defesa dos direitos sociais: (...) a defesa de causas relacionadas aos direitos humanos, direitos de grupos minoritários étnicos, assim como outros direitos difusos e coletivos (...); Cód. 74.90-1-05- Agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas: O agenciamento de profissionais para atividades culturais, esportivas e artísticas pode ser realizado por agentes liberais ou por empresas (...); Cód. 82.30-0-01 - Serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas: Essa atividade refere-se à atividade de organização de eventos, tais como feiras, congressos, exposições, conferências, convenções e festas (...); Cód. 85.50-3-02 - Atividades de apoio à educação, exceto caixas escolares: Em atividades de apoio à educação, exceto caixas escolares, engloba os serviços de orientação, planejamento, consultoria, gestão e assessoria relacionados ao sistema educacional (...); Cód. 94.93-6-00 - Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte: Neste campo destacam-se as organizações associativas ligadas à cultura e à arte (ACI-CNPJ, 1991).

Essa entidade, aqui posicionada como uma das referências para essa pesquisa, se justifica pela sua importância no arcabouço cultural da cidade e região, bem como na construção de um ideário de natureza sociopolítica dialogante com as mais urgentes demandas sociais. Uma entidade civil, que a exemplo da Academia Brasileira de Letras – ABL, da Academia Maranhense de Letras – AML, da Academia de Ciência e Artes de João Lisboa, e tantas outras entidades dessa natureza e com similaridade de propósito, espalhadas pelo Brasil afora, promove, articula e dissemina a cultura, a literatura, a arte e o saber.

Empreendeu-se, pois, um levantamento das crônicas locais, através de livros de antologias presentes e disponibilizadas pela própria AIL, fontes jornalísticas foram levantadas, livros de crônicas ou com crônicas que foram lançados, sobretudo – mas não exclusivamente - nos últimos anos – no sentido de melhor aproveitar uma tendência mais recente dos cronistas

locais. Utilizou-se um adequado tempo para fazer uma leitura pormenorizada das principais obras encontradas, considerando a autoria, o perfil dos textos, subjetividade etc.

Estas palavras proferidas até o momento, a título de introdução - carregando motivações pessoais, itinerário do pesquisador, percurso da pesquisa - reivindicam a responsabilidade de trazer uma reflexão consistente, ou como se poderia dizer, ensejar, despertar novos olhares sobre o que se tem produzido de crônicas em Imperatriz, bem como o significado disso quando posicionado ao letramento literário. Olhares que considerem o desafio de compreender a crônica imperatrizense não só como valor ligado à arte e à estética, mas, sobretudo, como um recurso que, conforme os dizeres de Yúdice (2004), fortalece nosso tecido social nas mais diferentes demandas.

2 LITERATURA: A REGIONALIDADE EM PERSPECTIVA

É importante compreender que as mais diversas áreas do conhecimento trabalham no sentido de descortinar mais e melhor as diferentes realidades da vida e da existência humana. E qual seria o propósito da literatura? Não há um propósito capaz de abarcá-la, sendo ela mesma um propósito, por excelência. Seguramente ela abre possibilidades de falar das realidades da experiência do viver através de diferentes modos, contornos e intenções.

Não custa lembrar que a origem do termo literatura vem do latim *littera*, o qual nos remete à produção e assimilação do objeto da escrita. Para além disso, se compreende que a literatura está ligada às diversas formas de o homem se expressar e falar de si e do outro, ao longo de sua trajetória. Dessa forma, mesmo antes do advento da escrita – pelos sumérios, por volta de 3.500 anos a. C - as gravuras em rochas já apontavam alguma expressão de arte a qual já evidenciava um pouco da experiência humana e de certa forma, uma manifestação de natureza estética. Num passado distante, a literatura trouxe as epopeias, poemas épicos - relatos em prosa e verso de grandes aventuras, abordando temas universais, como amor, a ira, a honra, o heroísmo, tal como, com maestria, estão presentes na “Ilíada”, na “Odisseia”, de Homero por volta do século VII a.C.

Como toda atividade humana, cuja natureza está ligada a um tempo, uma cultura e um espaço geográfico, a literatura passou por diversas fases, em diferentes épocas e lugares. No Brasil, os movimentos literários europeus foram introduzidos com a colonização portuguesa, a partir de 1500. Neste processo, tem-se o Quinhentismo (de 1500 a 1601), Barroco (de 1601 a 1768), Arcadismo (de 1768 a 1808), um breve período de transição, e em seguida temos: Romantismo (de 1836 a 1881); Realismo e Naturalismo (de 1881 a 1922), Parnasianismo (1882

a 1922), Simbolismo (de 1893 a 1922), Pré-Modernismo (1902 a 1922), Modernismo (de 1922 a 1950), Tendências Contemporâneas, as quais se encontram com os dias atuais.

Esse brevíssimo olhar retrospecto é importante não apenas para apreciar o percurso da história, mas, sobretudo, para ajudar a refletir sobre o formato e natureza da evolução da literatura, os elementos que a definem, os aspectos da regionalidade etc. Todavia, a despeito de qualquer ensaio de definição, Perrone-Moisés (2016), em sua obra *Mutações da literatura no século XXI*, vai advertir que em nenhuma época houve uma definição rigorosa sobre a literatura, e que hoje, devido às transformações culturais ocorridas nas últimas décadas, tal definição se tornou ainda mais complexa.

A complexidade da literatura, lembrava Perrone-Moisés (2016), passa pela questão de sua essência, que por sua vez é mutável e transitória, não permitindo haver uma definição geral capaz de a abarcar. E mais: o que de fato se considera literário é notadamente aquilo que determinada época o define como tal. No âmbito dessa complexidade, a autora acrescenta que a partir do século XX, com a ampliação do espaço da leitura, do ensino e da cultura de massa, pensadores inquietaram-se com a chamada desvalorização daquilo que no passado se chamava de cultura. Todavia, lembra a autora que “a importância da literatura na cultura contemporânea não pode ser defendida fora de uma prática. São os escritores e não os teóricos que definem, em suas obras, as mutações da literatura” (Perrone-Moisés, 2016, p. 35). E os escritores contemporâneos, a exemplo dos pertencentes ao passado, também estão geograficamente situados e produzem literatura a partir de suas origens, referências culturais, formação intelectual, valores, história, conexões etc.

Em países de grande volume territorial, como a Rússia, Canadá, EUA, China, Brasil, as características regionais passam a ganhar notável importância. Não é possível uma abordagem unificada sobre literatura em um país com dimensões continentais, pois possuem uma nação culturalmente diversa, e muito diversa será sua forma de produzir literatura. Aqui se encontra a importância das questões ligadas à região, regionalismo e regionalidade. A partir dessa compreensão, uma pesquisa sobre a produção de crônicas regionalmente situadas, faz todo sentido.

Convém elucidar o termo regionalidade e outros dois que dele se aproximam do ponto de vista semântico, qual seja região, regionalismo. A começar pelo significado de região. No pensamento de Pozenato (2003), está posto:

Não é demais enfatizar que tanto o conceito de região (no plano do fazer científico) quanto à definição de uma determinada região (no plano do fazer prático) são construções. Quer dizer, são representações simbólicas e não a própria realidade ou, como ensina a Física Quântica: só existe como fenômeno

aquilo que conseguimos construir na nossa linguagem. Como observa Pierre Bourdieu (1989), tanto o discurso regionalista (voltado para constituir a identidade de uma região) quanto o discurso científico (voltado para descrever relações regionais) são performativos, isto é, constroem a realidade que eles designam (p. 3).

Para além de falar do aspecto simbólico do que se chama de região, Pozenato (2003) vai falar que, mesmo sem deixar de ser um espaço natural, antes de tudo se configura por decisão de natureza política. Em suas palavras:

A região não é pois, na sua origem, uma realidade natural, mas uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade. Tal divisão só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar um território, há certamente critérios, entre os quais o mais importante é o do alcance e da eficácia do poder de que se reveste o autor da região. Enquanto esse poder é reconhecido, a região por ele regida existe. Em suma, a região, sem deixar de ser em algum grau um espaço natural, com fronteiras naturais, é antes de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências (p. 150).

O segundo termo, regionalismo, pode ser identificado na particularidade das relações de regionalidade, ou seja, um espaço simbólico específico, citando como exemplo o uso de um dialeto ou língua de uso interno em determinada produção literária. Todos os regionalismos se apoiam, inclusive os literários, na defesa de uma língua própria. A regionalidade – que dado à sua natureza semântica vai abraçar incontáveis elementos sociais, culturais, linguísticos, geográficos etc. – e o utilizaremos como referência. O conceito de regionalidade deveria ser empregado, ao menos no campo da literatura brasileira, objetivando identificar e descrever tudo o que se refere às diversas relações do fato literário de determinada região. Portanto, o termo regionalidade, defende o autor, deveria ser empregado nesta perspectiva (Pozenato, 2003).

Haesbaert (2010) argumenta que regionalizar, como a assunção da natureza do regional, não está dissociado do que chama de processos globalizadores. Regionalização e globalização estão como que apoiando-se em uma dinâmica complementar. Dessa forma, um processo globalizador e que é ao mesmo tempo regionalizador, tem caráter hegemônico, onde a força dos donos do capital emite as cartas do jogo.

Assim sendo, esse modelo especulativo propõe integrar áreas, regionalizando-as em benefício da dominação e do lucro. Isso é particularmente importante, pois pensar em regionalidade é considerar a intencionalidade de indivíduos. Como se sabe, não há processo ocorrido no acaso e na convergência de fatos aleatórios.

Sobre essa literatura regional, Joachimsthaler (2009) ajuda a compreender, a partir de sua análise sobre a literatura alemã, que essa literatura primeiramente se explica através do pertencimento local, uma identidade regional, onde um contexto local torna-se estado local.

Numa sociedade dita globalizada como a que se vivencia, a priori, o sentimento de pertencimento parece incongruente. Se as pessoas são globalizadas, de certa forma se consideram pertencentes a todo lugar e ao mesmo tempo sem lugar algum, exatamente para não se perder em aforismos ou superficialidades; torna-se importante compreender o pertencimento como elemento-chave, o qual vai permitir falar de cultura, de valores, de simbolismos – todos pertencentes à regionalidade.

A literatura produzida em determinada região do país, com suas particularidades, portanto, com seus regionalismos, vai expressar não somente uma maneira particular de contar histórias, de falar de valores e características peculiares. E está carregada de interesses e intenções de quem ocupa econômica e politicamente aquele espaço geográfico, portanto, está abarcada pela regionalidade (Haesbaert, 2010).

Nessa perspectiva, as produções literárias regionais sempre precisarão de olhares cuidadosos para reconhecer o que pretende tais produtos literários. Por outro lado, se o espaço regional é arena de disputas, é também espaço de conquistas. E tais conquistas passam pela valorização do que determinada região ou localidade é capaz de oferecer, a partir de seu espaço, sua configuração demográfica e suas próprias demandas.

Trazendo essa discussão para o espaço geopolítico de Imperatriz, uma pergunta bem caberia: o que poderia significar uma valorização do que é produzido localmente? Entre outras possibilidades possíveis, poderia significar esse olhar de reconhecimento das crônicas e dos autores delas, como potência literária, cujo papel passa pelo social, pela perspectiva de partilhar vivências, de falar da experiência do cotidiano, antes que se perca no tempo e na memória; e mais ainda, numa abordagem de Candido (2012), extrair ou provocar significados humanizadores.

Defende-se, portanto, uma literatura regional que, entre muitas possibilidades, se permita deixar conhecer e concomitantemente produzir sentido reivindicatório dos direitos que historicamente são negados, inclusive à própria literatura. Quando se imprime a referência à regionalidade das crônicas de Imperatriz, se busca imprimir esse caráter apreciativo, valorativo, convidando a refletir a importância desse processo criativo.

No aspecto da regionalidade, no entremeio dessa seara de crônicas, foram colhidas obras de autores de Imperatriz – apenas uma pequena parte delas – que de certa forma revelam o sentido do fazer crônicas, falam de sua natureza e singularidades. Também foi trilhado um caminho metodológico que desse conta de apontar as possibilidades de aplicação dessas produções como instrumento socioeducativo.

O desafio foi a utilização das crônicas produzidas em Imperatriz em espaço educativo,

na disciplina de Língua Portuguesa e/ou afins, como fomento ao letramento literário. Se alude aqui à participação de professores e alunos no universo da literatura, através da leitura, da discussão, da interpretação, do livre passeio por uma gama de possibilidades.

Este estudo, portanto, pretende fazer uma investigação sobre as contribuições do gênero literário da crônica a partir da compreensão do que vem a ser uma literatura regional. Uma análise que permite possibilidades. Analisar aspectos dessa literatura regional significa visitar elementos literários próximos, elaborados no contexto regional, e que são ávidos a contar sua própria história, pressuposto de compreensão e valorização.

E mais que contar uma história, significa ainda reconhecer a importância dos autores desta produção literária, memória, identidades e subjetividades. Significa uma abordagem que seja capaz de dialogar com quem emprestou seu olhar para discutir, apreciar e problematizar diversas demandas.

Literatura e regionalidade, finalmente, estão unidas pelo sentimento de pertença. Todos são capazes de construir objetos literários, por se encontrar vinculados ao chão que os abriga, ao povo o qual se identifica, às expressões de vida e cultura que são partilhadas, aos valores que se defendem e notadamente à memória compartilhada. Essa memória, como aponta Nora (2012), sendo de natureza afetiva, nasce de um grupo que ela é capaz de unir - uma memória viva e que é carregada pelos vivos.

2.1 Literatura em nosso tempo: desafios e possibilidades

Na luminosidade dos meus dezessete anos de idade, quando iniciei o meu curso ginasial, sonhei sonhos dourados, apegado à leitura de bons livros da literatura brasileira e universal, alçando vôos imaginários que me levaram a remotas eras, a lugares e situações somente descritíveis através dos textos bem elaborados, verdadeiras joias literárias produzidas por escritores magistrais. (Raimundo Trajano Neto. AIL. 2012. p. 129)

Esse fragmento da crônica intitulada *Crônica da saudade*, de Trajano Neto (2012), pode ajudar um pouco mais neste entendimento sobre as possibilidades que nos são possíveis pela literatura. A literatura alça voos criativos, imaginários; ao seu modo, fala de histórias, de pessoas, de desejos, de experiências, de desafios, de atitudes diante da realidade da vida e do mundo. Neste sentido, sua relevância está em revelar coisas, desnudar situações, abrir janelas, desvelar segredos. E mais que isso, permite navegar pelo idílico oceano de possibilidades, abrir trilhas do imaginário, percorrer campos das emoções, reflexões e visitar mundos os mais diversos, e dessa insurgente experiência humana, fazer conexões com o mundo real, gerando novas sendas de entendimentos.

Essa experiência humana oportunizada pela literatura tem valor inestimável, nela se sonha, nela se desperta para tudo o que a vida oferece. A literatura propicia verdadeiros espaços de encontro com o outro, com a sociedade e consigo mesmo, abrindo-se às descobertas, às interações, ao diálogo produtivo, propositivo, capaz de aglutinar forças. Um diálogo que pode abrir possibilidades de novos projetos, que exercite empatia com a sociedade, que desperte visões e promova espaços para trocas de experiência e cooperação.

“A literatura é uma confissão de que a vida não basta.” Dizia Fernando Pessoa, escritor português em sua obra *Livro do Desassossego* (2006). E o poeta maranhense Ferreira Gullar, em uma espécie de revisita ao dizer pessoano, reitera que “a arte existe porque a vida não basta”¹. Expressões que apontam uma natureza absolutamente essencial da literatura, da arte. Um jeito sofisticado para falar sobre o universo de possibilidades que a literatura, a arte permite tocar. Permite tocar e desafia a fazê-lo, sublimando aos poucos uma acentuada e resistente inclinação ao senso comum e avançando nas compreensões mais importantes do viver.

A exemplo do passado, hoje, se passa a compreender o significado e o papel da literatura a partir das implicações próprias de nosso tempo. Perrone-Moisés (2016), ao falar sobre literatura contemporânea, aborda o conceito de “fato literário” do século XX, de Tynianov (1991), que fala que toda definição de literatura se choca com o “fato literário vivo”. Portanto, um gênero que não é literário em determinada época, pode passar a sê-lo em outra. E mais, que pode ocorrer uma “literalização” da vida social em razão de mudanças de costumes e técnicas.

Perrone-Moisés (2016) lembra que nos tempos atuais, são inquestionáveis as mudanças ocorridas em diversas áreas, desde a política, passando pelo econômico, social, tecnológico, costumes etc. E que a chamada globalização não resolveu problemas sociais advindos de outros tempos. Neste contexto intitulado pós-moderno, a literatura segue acompanhando as transformações. Infere a autora que “no terreno das artes, o que se tem visto não é o nascimento de novos estilos, mas a exacerbação das propostas modernistas” (p. 41). Prossegue dizendo que “Quanto à literatura, as peculiaridades apontadas pelos teóricos como ‘pós-modernas’ são pouco convincentes” (p. 41). De fato, todas as peculiaridades apontadas para uma literatura do tempo de hoje já eram utilizadas no passado, exemplo da intertextualidade, oralidade, paródia, metalinguagem, fragmentação, aspecto lúdico etc. Dessa forma, Perrone-Moisés (2016) defende que, pela carência de uma melhor definição, chamemos a literatura dos dias de hoje de literatura contemporânea.

Neste sentido, essa literatura contemporânea, forjada no contexto atual e refletindo-o

¹ “A arte existe porque a vida não basta” (2016), título/frase do poeta Ferreira Gullar no filme de Zelito Viana.

continuamente, está expressa no estilo de escrita e em todas as expressões de arte, avaliando os grandes acontecimentos do nosso tempo, marcado pelo acelerado desenvolvimento tecnológico e industrial, na multiplicidade de informações, nas mudanças na política, na economia, na reconfiguração das ideologias. Essa literatura que hoje nos deparamos, condensa uma rica oferta de gêneros, estilos, modos de produção, e por consequência, de percepções.

Por outro lado, Dalcastagnè (2012) em seu artigo *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*, argumenta que na literatura contemporânea o espaço é de disputa, e a despeito da ampliação de publicações, trânsito de informações (editoras, sites, blogs, revistas etc.), é um campo notadamente homogêneo. Um espaço onde os reconhecidos autores permanecem os mesmos, pertencentes, na sua maioria, a uma classe social, de certa maneira, detentoras de acessos, privilégios. Um espaço em que, secularmente, foi negada a oportunidade para os autores que, no mais, foram e continuam sendo silenciados, menosprezados. Louve-se, portanto, o resgate da escritora Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, a existência, no presente, de Conceição Evaristo e suas escrituras, de Miriam Alves, Itamar Assunção, Eliane Alves Cruz e tanto outros/outras que em suas negritudes literárias vão rompendo as barreiras da exclusão. De igual modo Ailton Krenak, Elaine Potiguara, Daniel Munduruku, Olívio Jekupé, com relação aos indígenas.

É emblemático perceber que no mundo e no Brasil, considerando todas as relações nele contidas, as coisas tendem a mudar vertiginosamente: as formas de comunicação e acesso à informação, à tecnologia, as relações de trabalho, os comportamentos etc. E, ao mesmo tempo, ainda persiste uma resistência na perspectiva de reconhecimento, de inclusão de “novos” talentos que enriquecem nossa literatura.

Dalcastagnè (2012) vai nos lembrar que há um desconforto, que por certo carrega preconceitos, desprezo, indiferença, em trazer esses autores novos para o grande mercado. De fato, persiste uma resistência no setor editorial em permitir esse avanço a partir dos novos talentos. Isso de certa forma reduz a possibilidade de se conhecer outros olhares, o que poderia resultar em novos ganhos em matéria de literatura, cultura e arte.

Importa argumentar, portanto, que a valorização de uma literatura produzida por *outsiders* de determinada região, é tão importante quanto necessário, em vista de uma socialização de bens culturais em benefício de todos. De fato, precisa haver avanços significativos nessa direção, para que um caminho de democratização da cultura e das artes seja pavimentado. E, para além disso, quantas descobertas poderiam ser feitas, quantas obras poderiam ganhar destaque e reconhecimento, quantas histórias poderiam ser partilhadas, se a política editorial, a acadêmica, levassem em conta o que regionalmente se produz.

Por outro lado, há na literatura significativos caminhos – para muito além da arte e da estética - que são plenos de diálogo com as mais variadas questões humanas. Candido (2011) lembra que a literatura confirma no homem a sua própria humanidade, tornando-se um fator indispensável. Imperativo, sem dúvida, para ampliar horizontes e nos fazer compreender as mais significativas demandas. Na literatura estão presentes as diferentes situações que a sociedade conhece e tem a oportunidade de vivenciar. Neste sentido:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (Candido, 2011. p. 177).

Em uma de suas abordagens sobre literatura e direitos humanos, Candido (2011) convida a observar e refletir sobre essa outra importante possibilidade de a literatura atuar na seara desta demanda social.

Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. (p. 2011. p. 15)

Para Candido (2011), os componentes de determinada obra literária, cujo autor esteja socialmente posicionado, o texto vai refletir significados e pontos de vista dos próprios leitores, construindo sentido de natureza social. E como referência na sociologia da literatura, o autor vai claramente posicionar esse fazer literário como um direito. Mas qual seria um argumento convincente para esta defesa? O próprio autor nos ajuda, dizendo que “o esforço pra incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre direitos humanos”. (Candido, 2011. p. 172).

No usufruto dos bens culturais, como a literatura e todas as expressões de arte, todos têm direito. Isso é particularmente importante, já que historicamente se verifica uma dicotomia de direitos marcante entre os indivíduos que compõem a base hegemônica e os que são relegados à subalternidade e ao esquecimento. Fica evidenciado que nossa sociedade é desigual no usufruto de bens, de lucros, de cultura, de arte, de literatura.

Uma das possibilidades e, ao mesmo tempo, desafio da literatura, é fazer-se presente na vida de todos. Instrumentalizada para servir a quem tudo pode e tudo tem, a literatura reivindica esse papel insurgente: pertencer a todos indistintamente. Particularmente em nosso país – tendo como premissa o direito à democratização do acesso à literatura – algumas situações precisam

ser colocadas à mesa:

a) O baixo nível de escolaridade de nossa população. Dados do IBGE revelam que no ano de 2022, um percentual de 5,6 % das pessoas com 15 anos ou mais, eram analfabetas. Isso equivale a 9,6 milhões de pessoas sem qualquer nível de escolaridade. Neste mesmo levantamento de 2022, identificou-se que entre as pessoas com 25 anos de idade ou mais, apenas 53,2% conseguiram concluir o ensino médio completo. E mais: do universo dos que ficaram para trás, ou seja, os que não conseguiram concluir todo o ciclo da educação básica – metade da população brasileira – encontra-se 6,0% que não tinham instrução alguma, 28,0% que possuíam o ensino fundamental incompleto, 7,8% que tinham o ensino fundamental completo e 5,0% que tinham o ensino médio incompleto. (IBGE, 2022). Deste minúsculo recorte, se pode verificar o enorme desafio que está posto. Havemos de pensar que, no tocante à questão do acesso à literatura, seguimos compreendendo que as bases para tal acesso precisam ainda ser construídas, que caminhos que levam à democratização da literatura precisam ser pavimentados com um ensino de qualidade em todos os níveis, com garantia de acesso a todos, em igualdade de condições de aprendizagem.

b) O hábito de pouca leitura. Em sua 5ª edição, a pesquisa encomendada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) – Organização Civil de Interesse Público, criada e mantida por *Abrelivros*, *CBL* e *Snel* – intitulada *Retratos da Leitura no Brasil* - revelou que nosso país registrou entre 2015 e 2019, uma queda de leitores de 56% para 52%; em números absolutos, está se falando de uma redução de 4,6 milhões de leitores. (ILP. 2023). É um dado estarrecedor, na medida que em se compreende como fundamental o papel da leitura no desenvolvimento de uma nação. Trata-se de uma realidade que, para muito além de gerar uma série de preocupações e tentativas de compreender as causas para chegar aonde se chegou, torna-se mais que urgente colocar isso entre os assuntos que um país precisaria tratar. Uma vez compreendido com necessária clareza, os impactos negativos que incidem sobre cada cidadão, mais elementos se poderia ter para traçar políticas públicas, ações coletivas, mobilizações da escola, da família e da sociedade, no sentido de reverter essa realidade.

c) O custo elevado dos livros. Segundo um levantamento do setor editorial, de 2022 para 2023 houve um aumento do preço médio dos livros no Brasil na ordem de 5,43% (SNEL, 2023). O preço médio praticado em 2022 era de R\$ 43,53 em 2022 para R\$ 45,89. Esse único dado nos revela o peso financeiro do livro a impactar decisivamente sobre a possibilidade de acesso dos mais pobres ao universo da leitura e da literatura. Uma forma de trabalhar rumo à construção de soluções – por se entender que compreendem várias frentes – passa por um movimento de readequação de preços, com uso de ferramentas para garantir que a população, uma vez inserida

num processo de conquista para a leitura, também obtenha os meios de aquisição de obras. Nesta seara cabe uma discussão complementar: a preocupação com a disposição que, particularmente, o aluno precisa ter – considerando a nutrição, as adequadas condições de habitação e todas as necessidades elementares de sobrevivência asseguradas – para que este adquira a possibilidade de fazer da leitura uma atividade atrativa, prazerosa, que faça sentido, tornando-se leitor de livros, leitor do cotidiano, do mundo e especialmente consumidor de literatura.

e) As políticas públicas de incentivo à literatura. A necessária implementação de políticas públicas pode tornar-se mecanismo capaz de produzir mudanças no mundo real, na medida em que os propósitos e compromissos eleitorais se transformem em ações efetivas (Souza, 2006). Neste sentido, ações equivocadas ou eivadas de vícios ou mesmo má fé – as quais muito se presenciou em termos de Brasil, em suas diferentes esferas de poder – comprometem frontalmente o processo de democratização da leitura e da literatura. É preciso, diante disso, conjugar esforços nas referidas esferas de poder, no sentido de se implementar políticas de estado, focadas no fomento de novos leitores a partir do espaço educativo e para além dele. Vale lembrar que há uma lei (a de nº 10.753, de 30.10.2003) a qual instituiu a chamada *Política Nacional do Livro*, a autorizar as esferas do Poder Executivo, elaborar projetos de fomento à leitura e acesso ao livro. Caminhos que levam ao acesso e à prática da leitura literária, os quais precisam se encontrar e se alinhar com todas as iniciativas de promoção da leitura.

Colocadas à mesa essas quatro situações, agregando-se a outras e seus necessários desdobramentos, torna-se pertinente falar de desafios e utopias ligadas ao exercício de escrita literária. As utopias, defende Candido (2011), são significativamente importantes no sentido de promover novos olhares, novas e diferentes leituras e interpretações sobre a realidade. As utopias são necessárias e hoje, mais do que em outros tempos, com os avanços tecnológicos nas mais diversas áreas do conhecimento humano, tornam possibilidades reais, e se há possibilidades reais, há também de se adicionar esperança aos enormes desafios enfrentados na atualidade.

No âmbito educacional, Candido (1995) vai assinalar que a literatura significa um grande recurso para educação, um verdadeiro instrumento intelectual. Porém, o que notadamente se percebe é que ela ainda permanece como este recurso não dividido, essa riqueza não partilhada, um bem de grande valor destinado a poucos. Deste modo, pela própria natureza da literatura, por sua relevante participação na arte, no cognitivo, educativo, crítico, social, político etc., espaços precisam ser conquistados. E a conquista de espaço carrega em seu bojo

a grande luta pela democratização de todas as formas de produção de cultura e de apropriação dos textos literários. Os textos literários, de fato, sendo sistematicamente utilizados como recursos educativos, despertando novos entendimentos, conhecimentos.

“Ou o texto dá sentido ao mundo ou ele não tem sentido nenhum” (Lajolo, 2000, p. 15). Lajolo, com essa expressão, faz uma provocação sobre o modo de utilização do texto literário em sala de aula em nosso país. Salta aos olhos essa necessidade imperativa de deixar a literatura fazer seu papel de produzir sentido à dinâmica da vida, sobretudo no espaço educativo, onde a conquista para a leitura e especificamente para a literatura torna-se essencial na formação do sujeito crítico e participativo na sociedade.

Dar sentido ao mundo pelas conexões possíveis que a literatura pode proporcionar é uma tarefa irrenunciável. Todavia, os caminhos que levam o sujeito a descobrir-se enquanto ser social, com pensamento próprio, com capacidade de análise crítica, com perspectiva de engajamento social, não são fáceis e por certo nunca o serão. O projeto hegemônico, como lembrava Gramsci, na primeira metade do século XX, que habilmente dissemina ideias e valores da classe dominante, ainda permanece com vigor e longevidade incontestes, produzindo exclusões, ampliando desigualdades, gerando concentração de renda e poder, negando direitos. É preciso, pois, ao contrário da morte preconizada no usual eufemismo “fechar os olhos”, mais do que nunca, abrir os olhos para a vida pulsante que nos rodeia.

É preciso oferecer essa possibilidade de leitura do texto e do mundo, do mundo pelo texto, numa elegante dança de saberes e descobertas. Meneghetti (2010) ajuda nesta ideia ao dizer que é o texto literário que fornece elementos os quais permitem analisar as entrelinhas das mensagens, desenvolvendo olhares para as sutilezas do texto, com imaginação, interpretação e buscando significados. Esse olhar capaz de descobrir minúcias é o resultado desse movimento apreciativo do leitor com relação ao texto. Um movimento extremamente relevante, sobretudo ao serem confrontadas com as enormes demandas sociais de cada país e região.

Importante inferir que, embora a leitura de mundo, alimentada e fortalecida pela leitura geral e literária, tenha como base a escola, há de se conquistar para além dela (Lajolo, 2000). Para além da escola está a plena participação da pessoa no seio da sociedade. Para além da escola está o professor qualificado – que anda pela rua exercendo a sua cidadania – e que pode fazer a diferença pelo exemplo, na construção de novos sujeitos críticos. Para além da escola está o profissional médico, engenheiro, cientista, poeta, dramaturgo, cuja formação escolar e acadêmica lhes credenciou para o exercício desse olhar humanizado.

Educação e literatura, educação e consciência, educação e dignidade estão sempre imbricadas por diversos fatores, entretanto, se percebe que a leitura é o elo essencial. Aquilo

que não poderia jamais ser negligenciado na estrutura social que hoje vivenciada. Aguiar (2013) vai lembrar que o ato da leitura tem como pressuposto uma participação do leitor de maneira dinâmica. E que esse leitor não apenas recebe uma mensagem pronta e acabada através da sua leitura, mas que também é capaz de preencher vazios e produzir sentidos com sua própria leitura.

Acredita-se que o argumento de produzir sentidos torna-se bastante oportuno, quando se precisa evidenciar contribuições da literatura. De fato, na leitura literária, para além da apreciação da beleza e sedução ou quaisquer outras nuances que a escrita possa suscitar – seja nos poemas, nos mitos, nos romances, nos contos ou nas crônicas – o leitor passa a apreciá-la e compreendê-la ao seu modo, com sua subjetividade, com seus valores e percepções, de certa forma, modificando a obra com seu olhar. O olhar a reconfigurar o sentido da obra. A obra reconstruindo o olhar do leitor.

No processo de contribuir para o pleno desenvolvimento do sujeito pensante, ampliando sua visão de mundo, desenvolvendo o senso crítico, refinando seu pensamento, a literatura se revela como essencial na educação e na sociedade. As habilidades creditadas aos leitores que participam desse processo de leitura literária, ratificam seu caráter de imprescindibilidade, sobretudo no contexto em que se vive, onde os projetos de dominação e poder também se reelaboram ou se reinventam para garantir a perpetuação dos privilégios das elites.

A literatura, como manifestação humana – com pendor para o pleno reconhecimento do humano que subsiste em nós – deve sempre assumir seu papel na discussão/repercussão de temas, situações, as quais fazem parte da realidade vivida. De fato, como lembra Fernando Pessoa (2006), a literatura está para provar que a vida não é suficiente em si mesma. A literatura torna-se elemento fulcral para elaborar uma melhor compreensão das mais significativas demandas da vida.

Neste sentido, o grande desafio da literatura passa pela formação de pessoas críticas, que sejam capazes de novas reflexões, novos comportamentos. Lajolo (2000) vai assinalar que “em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirigindo-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los” (p. 26). De fato, tornam-se inequívocas as contribuições da literatura para a sociedade da qual pertence, dela se nutre e nela desenvolve novas sínteses e compreensões.

2.2 Literatura e letramento: o social e a produção de sentido

Como se sabe, a literatura é uma criação social a partir da linguagem. Se nasce na sociedade, ela carrega todos os elementos que estão presentes nos mais diferentes grupos sociais. Ela também carrega as marcas do seu tempo e contexto. Ela reflete, ao seu modo, por diferentes formas e estilos, a experiência humana de viver em sociedade, de interagir com o outro, com todos os seus desafios. Nela se expressa a fantasia, o romance, a ficção, o conto, a crônica. No universo da literatura, tudo, de alguma maneira reflete valores e acontecimentos, visões e expectativas, utopias e concretudes, as quais fazem parte da notável experiência humana.

Essa experiência humana refletida na literatura, aponta caminhos trilhados e outros tantos que há de trilhar. A saga humana da existência, mais do que contada em livros, precisa ser compreendida com seus detalhes, com sentimentos, com emoções, com prazer, com inquietações, com festa, com pesares – próprios da subjetividade humana. E para melhor repercutir e compreender o que é humanamente vivenciado, a literatura precisa estar presente. Ela carimba o passaporte para viagens as mais inusitadas, para depois nos revelar quem somos e o que nos tornamos.

Essa forma de experimentar inúmeras sensações que a vida humana permite, através da literatura, é fundamental em nosso reconhecimento enquanto ser vivente. Humanamente se é construído pela experiência da vida. E a literatura abre essa janela de compreensões que em nenhuma outra forma se poderia experimentar. Uma vez vivendo em sociedade – fazendo a experiência da coexistência, das angústias, das lutas pela sobrevivência, da indiferença em relação ao outro, da alteridade, da solidariedade – a literatura vai referenciar e apontar caminhos de entendimentos. Jamais daria respostas prontas sobre os grandes dilemas da vida, mas provocaria o entendimento que somos parte de um complexo e emaranhado situar-se no mundo; provocações sobre as demandas humanas e seu mais difuso significado.

Em *Indiferença em foco: um olhar humano e pedagógico*, de Silva (2023), algo permite suscitar ou mesmo provocar: o entendimento de que é muito necessário um exercício de pensar na realidade do outro com olhos de humanidade. E a literatura – pelo que tem oportunizado ao longo dos tempos – permite esse olhar. Um olhar que aproxima um indivíduo do outro, da sua realidade vivida. Candido (1995) vai afirmar que na construção literária, o caráter social se configura em um processo de interiorização, onde o autor, com sua subjetividade, imprime certa visão do mundo. Ele invoca o social para compor sua obra e defender – e não impor – o teor das ideias. Portanto, literatura e sociedade estão unidas pelos elementos que produzem, refletindo valores, ideias, ideologias, mas sobretudo porque fazem parte da experiência da

própria vida.

Mesmo que se compreenda que a literatura enquanto arte, num sentido autotético, poderia bastar a si própria, ainda assim permaneceria sendo um produto da cultura – do prazer e do encanto, do sonho e da descoberta – e que permanece viva nas mãos do leitor, do pensador, do professor, do literato, do político, ou seja, tem uma repercussão social relevante e está imbricada nas realidades do mundo.

A literatura pode promover a formação do pensamento, da crítica, da opinião e dessa forma impacta na sociedade. Ela não repercute seu papel social por imposição, mas pelas reflexões, ideias e argumentos, pelas pausas, silêncios, pelas palavras proferidas que ganham todo sentido nas mãos do leitor que com elas dialoga.

A literatura, por meio do autor, de certa forma modifica a realidade a qual se depara. (Candido, 1995). Tudo o que passa pelo crivo do autor recebe suas impressões, seu olhar, portanto sua subjetividade; tudo isso é partilhado ao mundo através do leitor. Essa recepção pelo meio social, através do leitor, também carrega sua própria subjetividade que também modifica a obra literária. Dessa forma, mais que reflexo, a literatura e sociedade se influenciam mutuamente.

A percepção desse papel social da literatura é particularmente importante, sobretudo quando consideramos que vivemos em uma sociedade excludente, mergulhada em uma busca desenfreada pelo ter, pelo consumo e pelo prazer desenfreados, que ignora o outro, negando-lhe muitas vezes a própria dignidade.

O universo da literatura aponta todas as falhas humanas, enquanto experimenta a vida das mais variadas formas e condições. Mas ao mesmo tempo é capaz de apontar caminhos novos de humanização. O belo, o estético, o trágico, o cômico, convidam sempre o leitor para o encontro consigo mesmo, com o outro e com a sociedade a qual faz parte. Cite-se, como exemplo, a crônica produzida em Imperatriz - a qual se discutirá nesta pesquisa. Ela, sendo parte da literatura, com suas especificidades locais, portanto, detentora de um regionalismo, e com seu caráter de pertencimento a uma geografia e um contexto político, portanto, com sua regionalidade, enseja abordagens, com diferentes situações e possibilidades. Possibilidades que a vida suscita pela escrita.

Para Souza e Cosson (2011, p. 101): “A vida é, a todo momento, permeada pela escrita”. E até pareceria simples o que os autores refletem, não fosse o peso aplicado às duas palavras: vida e escrita. A vida é onde há a possibilidade de tudo vir a ocorrer, desde as coisas mais simples e elementares às mais complexas. A vida é esta senda que a todo momento te convida a caminhar e fazer descobertas; e esse caminho pode se modificar à medida que os passos

avançam, à medida que o próprio ser humano se transforma na caminhada. E a escrita? Ela simplesmente marca o fim da pré-história e o início da história, por volta de 4.000 anos a.C. Ela atravessa de diferentes formas e estilos toda nossa experiência social. Dessa forma o termo “letramento” foi criado para explicar esse processo. Neste sentido, toda experiência e conhecimento acumulados, todas as relações sociais, tudo o que dá forma e sentido ao mundo que se conhece, guarda estreita relação com o letramento.

E o letramento literário significa uma parte significativa deste processo de dar sentido ao mundo e às relações que os humanos estabelecem entre si. Cosson (2006) lembra que o letramento literário, cuja essência está na escrita e leitura literárias, ocupa lugar em uma singularidade na linguagem, pois permite uma compreensão do mundo, com sua materialidade. Trata-se do domínio da palavra que necessita da escola para muito além da prática da leitura de textos literários. Compreende-se aqui o letramento literário, para mais do que uma habilidade pronta, a qual requer dentro do contexto literário; compreende uma atualização contínua do leitor.

Cosson (2006) enfatiza a riqueza dessa experiência de dar sentido ao mundo por meio das palavras, as quais ultrapassam tempo e espaço. Aqui se tem um caráter bastante amplificado do sentido do letramento literário. Trata-se da capacidade que o aluno pode vir a ter de fazer sua própria leitura do mundo. Isso é um desafio para as escolas. A realidade mostra que o aluno tende a decodificar os textos que lhe são apresentados, mas sem o exercício de assimilar o sentido nele contido, e, portanto, não vai se apropriar das práticas sociais e não vai descobrir seu papel dentro do processo, qual seja construir-se em sua *omnilateralidade*, como aponta Manacorda (2010).

O letramento enquanto construção literária a produzir sentidos, explica Cosson (2006), se realiza através dessa apropriação do texto, perguntando o que diz, por que diz, como diz e para quem se destina o texto. Segundo o autor, nesse processo precisam ser inseridos o contexto e o diálogo com outras construções – aqui o sentido da intertextualidade. O resultado deste processo de apropriação do texto, gera um promissor repertório para o leitor, desenvolvendo suas habilidades.

Outro elemento importante dentro dessa discussão é a questão relacionada à linguagem literária. É nela que literatura disponibiliza um variado cardápio de possibilidades de utilização, desde as metáforas, os simbolismos, as figuras de linguagem; até os mais sofisticados enredos e tramas, para falar bem mais e melhor da experiência humana, do que uma vivência sem a literatura poderia fazê-lo. A linguagem literária é recurso indispensável para o leitor/aluno, uma vez que reflete situações do seu próprio cotidiano, questiona valores, instiga a imaginação,

exercita o pensamento.

Importante dizer que o aluno, na condição de indivíduo em plena formação para assumir papéis sociais os mais diversos, não poderia jamais ser preterido de seu processo de letramento no sentido de domínio de saberes em vários campos do conhecimento, inclusive no universo da literatura. A escola não pode negar esse direito à literatura, sob pena de comprometer o futuro do aluno, sob pena de negar-lhe a possibilidade de fazer suas conexões a partir do que o texto literário poderia lhe oferecer. Candido (2012) argumenta que o direito à arte e literatura estão juntos com outras necessidades como a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução etc. Portanto, é fundamental essa experiência humanizadora da literatura, a qual o aluno, através da leitura, vai produzir sentido à vida e às relações sociais.

Descobrir novas possibilidades, novos caminhos de letramento literário nas escolas talvez seja um desafio tão urgente quanto defender uma educação de qualidade a todos, uma universalização do acesso, uma escola inclusiva etc. Caminhos possíveis para conduzir nosso aluno a novas práticas sociais, novas formas de se apropriar do conhecimento, novas reflexões, ampliando o senso crítico e gerando cidadania. Essa possibilidade de descobrir caminhos de letramento literário, sob a égide da escola, torna-se essencial a qualquer projeto de nação. Um desafio que se materializa nas mãos do educador, na escola, e para além de seus muros.

3 A CRÔNICA: CONTRIBUIÇÕES E PERCEPÇÕES

A mitologia grega atribui o termo *chronikós* ao deus *Chronos*, e no latim, a Saturnos - saturado de anos. Nasce, portanto, o vocábulo *crônica*, que mais tarde, no início da era cristã, vai designar uma espécie de conjunto de acontecimentos numa sequência temporal, sem preocupação com aprofundamentos ou interpretações (Moisés, 2003). Para Bosi (2013), as crônicas foram como que micro comportamentos, os quais remontam à Idade Média, identificados por anedotas de pequenos sucessos, de situações familiares breves, cenas vivenciadas no cotidiano e geralmente por anônimos. Conta que as *comunas medievais*, ou cidades francas – as quais à época já gozavam de certa autonomia econômica e administrativa, e, portanto, estavam livres do domínio feudal – possuíam cronistas os quais reportavam episódios do cotidiano, pitorescos, agradáveis, e que se poderia definir por crônica urbana. Outra característica era a preocupação em registrar a memória oral, identificando as palavras em uso na Idade Média. O elemento da tradição está presente junto a essa preocupação com o registro oral.

Bosi (2013) volta seu olhar para o século XX. E o faz mediante uma questão

provocativa: “por que a crônica e a tradição oral estão de novo valorizadas?” (p. 14). O autor apresenta a resposta, ao dizer que essa memória oral é um instrumento precioso quando o objetivo é fazer uma crônica que seja capaz de retratar e questionar o cotidiano. A história, “que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (p.15). Neste sentido, a crônica que hoje está sendo construída carrega essa possibilidade de mergulhar nos fatos e acontecimentos do cotidiano, para dialogar com eles; e por diversas formas e diferentes abordagens, as realidades humanas podem ser confrontadas, discutidas, assimiladas, revistas. Aqui salta aos olhos o papel da memória oral, a memória como mediadora desse processo.

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades (Bosi, 2013, p. 15).

De fato, a memória se alia à literatura e de modo particular nas crônicas, para fazer essa imersão nos fatos, talvez para conhecê-los por dentro, extraindo todo sentido que determinado texto poderia trazer consigo. As crônicas regionais refletem a própria vida. Tornam-se, de certa forma, um espelho daquilo que se tem a oportunidade de vivenciar no dia a dia, incluindo aqui prazeres e dissabores, conquistas e derrotas, inquietudes e enfrentamentos etc. O cronista, ao contar suas histórias, exerce o ofício - vocação subjetiva, particularizada e até afetiva - de retratar sua cidade e região. Não é tarefa corriqueira, mas, ao contrário, torna-se um relevante serviço prestado à memória e à própria história de um povo situado local e regionalmente.

O cronista é o contador de histórias; sua grande vocação é transformar o seu "eu" em pesquisa de linguagem, em impressão lírica associadas à representação do real numa perfeita sintonia entre forma e digressão interior. A economia do enunciado une-se ao extravasamento do conteúdo, quando a crônica denuncia as várias maneiras de o homem expressar o mundo (Martins, 1984, p. 22).

O papel das crônicas, enfim, passa pela perspectiva de virar e revirar o sujeito pelo avesso, não somente para revelá-lo, todavia, para promover transformações. Há aqui uma sintonia entre essa possibilidade de revelação/transformação pelas crônicas, e a própria identidade do homem de nosso tempo: mutável, transitório e reelaborando-se continuamente.

3.1 Mapeamento de cronistas de Imperatriz

Com relação aos autores dessa literatura imperatrizense, na especificidade da produção do gênero crônicas, percebe-se a necessidade de se fazer uma espécie de levantamento. Autores que possuem uma história, uma biografia a ser conhecida. Autores que, por caminhos diversos,

revelaram e revelam seu olhar sobre os acontecimentos e repercussões do cotidiano local e regional. Também não houve preocupação de fazer juízo de valor ou alguma forma de ranqueamento das obras ou seus autores.

A perspectiva reside em conhecer o sentido do que tem sido construído, bem como a possibilidade de utilizar essa construção como ferramenta de letramento literário, portanto um recurso educativo. Eis aqui um brevíssimo resumo biográfico de alguns autores já falecidos, cujas obras guardam relevância até o presente:

Adalberto Franklin: nasceu em Uruçuí (PiauÍ) no dia 28 de abril de 1962. Tornou-se exemplo de idealismo e reiterado amor pela literatura. Escritor, cronista, jornalista, historiador e editor literário. Atuou na literatura e nas ciências sociais. Dedicou-se por anos à pesquisa sobre a colonização dos sertões maranhenses e da pré-Amazônia. Membro-fundador, ocupante da cadeira 20 da AIL. Adalberto Franklin, à época, sócio e editor da Ética Editora, teria sido o maior incentivador de publicações da região Tocantina (Silva e Santos, 2017). Em seu ofício de escritor, publicou *Ofício das Letras* (1995), *Breve História de Imperatriz* (2005), *Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz: pesquisa histórica* (2008), *Como evitar plágios em monografias* (2009), *Fé e riqueza* (2011), *Manoel Conceição: sobrevivente do Brasil* (2014) e *Repressão e resistência em Imperatriz* (2016). Atuou na criação do Salão do Livro de Imperatriz (Salimp). Faleceu em 02 de março de 2017 aos 53 anos.

Edelvira Marques de Moraes Barros: nasceu em Imperatriz, estado do Maranhão, em 27 de agosto de 1930. Foi professora, historiadora, pesquisadora, vereadora, com forte atuação no campo social, político e literário de Imperatriz e região, na segunda metade do século XX. Não foi cronista propriamente, todavia tornou-se conhecida sobretudo com a obra lançada em 1972 e reeditada em 2012, intitulada “Eu, Imperatriz”, a qual se equipara em certos aspectos a uma grande crônica, contando a história da cidade. O livro foi escrito na primeira pessoa do singular, dando voz à própria cidade, como uma autobiografia. Uma obra que traz referências importantes de nossa cidade e de nossa cultura local. Ofereceu uma grande contribuição à educação, história e cultura locais, sendo considerada à época, a maior conhecedora da história de Imperatriz. Faleceu em 2007 aos 77 anos.

Jurivê de Macedo: nasceu em Porto Nacional, então estado do Goiás, hoje, Tocantins, 16 de maio de 1930. Jornalista, cronista, advogado. Foi reconhecido por muitos como um verdadeiro mestre na arte da crônica jornalística, na comunicação, discussão e repercussão dos principais acontecimentos de nossa região. Nas palavras de José Fiquene, publicadas em 2002, “Jurivê é um artista no gênero de bordar as notícias ao seu modo” (AIL, 2012, p. 6). Foi membro fundador da AIL, e autor por cerca de 40 anos, da coluna *Comentando os Fatos*, uma

coluna diária, dedicada a crônicas da cidade e região, idealizada no jornal *O Progresso* e depois migrada para o jornal *O Estado do Maranhão* (Cezar, 2019). Apesar de sua habilidade na escrita e bagagem intelectual, não fez questão de publicar livros. Atinha-se a defender a literatura com sua escrita jornalística e sobretudo a fazer o que mais gostava, que era repercutir os assuntos da cidade e região, através de suas crônicas, na citada e longeva coluna. Jurivê de Macedo faleceu em 2010, aos 80 anos.

Vito Milesi: nasceu Roncobello (província de Bérgamo, Itália) em 13 de maio de 1931. Italiano naturalizado brasileiro, foi teólogo, filósofo, escritor, cronista, professor de filosofia e sociologia na Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz, até 1994. Em meio século no Brasil, e sobretudo atuando em terras maranhenses, teve produção literária intensa, publicando centenas de artigos em jornais locais, uma série de biografias e atuando como tradutor de diversos livros. Foi um abnegado defensor da educação e da literatura, envidando sempre esforços no incentivo à formação de leitores, sob os quais enxergava uma oportunidade de emancipação do sujeito. Neste sentido, lança livros de crônicas, no firme propósito de partilhar situações do cotidiano e conquistar novos leitores. Obras como: *O carvalho de Tasso* (2001), quando completava 70 anos, *Leituras para contar* (2003), *Leituras para pensar* (2004). Vito Milesi faleceu na cidade de São Luís, em 17 de julho de 2005, aos 74 anos.

A seguir, um brevíssimo resumo biográfico de alguns autores em atividade, cujas obras do passado e do presente estão a repercutir:

Agostinho Noleto: nasceu em Carolina (Maranhão) em 27 de março de 1943. Intelectual, advogado, romancista convicto, é também cronista. Segundo se autodefine, Agostinho é um livre pensador, um escritor “pé no chão”. Tem diversas obras publicadas e chama atenção o seu comprometimento literário. É membro da AIL-Imperatriz, ocupando a cadeira 25. Conhece bem os desafios da promoção de uma cultura literária na cidade, razão pela qual defende investimentos no setor e sobretudo, valorização do que se produz (Silva e Santos, 2017). Neste sentido, tem sido incentivador e entusiasta para a realização do Salão do Livro de Imperatriz (Salimp), evento organizado pela AIL todos os anos. Entre suas produções: *O portal da Amazônia: crônicas de terra e gente* (2008), *Violência e Justiça em contraponto* (1991), *Guerrilheiro sem rosto* (1995), *O velho Jaborandy* (2003), *Kelbilim: o caçador de enganos* (2009), *Diário de viagem* (2014) e *Dois estranhos no caminho* (2017).

Edmilson Sanches: nasceu em Caxias, Maranhão, em 30 de abril de 1959. Escritor, contista, cronista, graduado em administração e letras. É formado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, especializado e pós-graduado em Administração pela Universidade de Mogi das Cruzes, em Fortaleza, Ceará. Coursou Administração Pública pela UNEB, Brasília e

Comunicação e Desenvolvimento Regional pela Metodista de São Bernardo do Campo. Publicou diversos livros entre poesias, contos, crônicas, ensaios e pequenos romances, motivacionais etc. (Silva e Santos, 2017). Em sua produção, há um livro de crônicas intitulado *Crônicas da esperança crônica* (2010). Como cidadão, Sanches tem atuado de forma na cultura de Imperatriz, incentivando práticas sociais e culturais.

Elson Mesquita de Araújo: nasceu em Pio XII, Maranhão, em 31 de maio de 1968. Comunicador social desde 1988, escritor, cronista, jornalista, radialista, assessor parlamentar, colunista literário do Jornal *O Progresso*. Membro da AIL, Membro da Academia de Ciência e Artes de João Lisboa, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Imperatriz. É graduado em Direito pela Unisulma - Unidade de Ensino Superior do Maranhão e graduado em Pedagogia pela UEMA - Universidade Estadual do Maranhão. Mantém desde 2007 o Blog spot intitulado de *Solidão das Letras*, onde possui diversas publicações. Seu mais recente trabalho foi o lançamento de seu primeiro livro de crônicas e contos, intitulado *Universo aberto*.

Gilmar Pereira: nasceu em Xambioá (Tocantins) em 1953. Escritor, contista, cronista, graduado em Letras, é membro da AIL-Imperatriz. Atuante na discussão e produção literária, ajuda na fundação do GRULI (Grupo Literário de Imperatriz). Como reconhecimento pelo seu trabalho, Gilmar Pereira ganhou notoriedade em sua participação no projeto *Arte & Cidadania nas Escolas*, promovido pela Fundação Cultural em 2016. Conquistou o prêmio de melhor livro de poesia da região tocantina com a obra *Os Frutos da Poesia*, de 1988 e recebeu o prêmio Gonçalves Dias de Literatura Infanto-juvenil, pela obra *O camaleão que queria ser gente e outras fábulas* (2009), SECMA. Conquistou, em 2013, o Prêmio Literário concedido anualmente pela Prefeitura com o livro *Bem perto é muito longe*, em 2012 (Silva e Santos, 2017). Em sua produção literária, vamos ainda encontrar: *Os Frutos da Poesia* (1987), *O Menino e a Lagosta e outras peripécias* (1999), *A Bela Amortecida e outras histórias* (2003), *Bem perto é muito longe – uma história de dois lados* (2012).

Hyana Reis: é jornalista, escritora, cronista, contista, formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É ativista no jornalismo e na cultural local, atuando também nas mídias sociais. Parte de sua produção certamente tem inspiração na cidade de Imperatriz, às margens do rio Tocantins. Entre os livros lançados encontramos *Vidas em Pauta* (2015), *Crônicas da Cidade* (2016), *Amores em tempos de @* (2021). Atualmente, reside em Balsas - Ma, atuando como subsecretaria de comunicação.

Livaldo Fregona: nasceu em Marilândia, Espírito Santo, em 26 de novembro de 1939. Intelectual e escritor regional, reconhecido como um dos autores que mais produziu obras literárias em Imperatriz. É membro fundador da AIL-Imperatriz, ocupando a cadeira 13. Sua

produção compreende cerca de 18 livros publicados em diferentes gêneros, como romance, documentários, contos e crônicas. É seguramente um dos maiores entusiastas da literatura da cidade. Por sua dedicação à cultura, produzindo obras, repercutindo produções, ganhou em 1997 o prêmio de autor mais atuante na região tocantina (Silva e Santos, 2017). Entre suas principais obras: *Contos* (1983), *A procura* (1984), *Menino da roça* (1985), *Estranha passagem* (1986), *Abismos* (1988), *O caminho* (1990), *Os humildes* (1992), *Nuvens passageiras* (1996), *18 anos de Imperatriz* (1998), *A fama e a verdade de José Bonfim* (1999), *Ao lado do travesseiro* (2005), *O caçador* (2009), *Simba* (2010), *Causos e contos* (2012), *O maior mentiroso do mundo* (2015), *Marilândia – vale de sonhos e lágrimas* (2018), *Ao claro da lamparina* (2020) e *Brauxo, o morubixaba* (2021).

Luiz Carlos Porto: é Pastor Presbiteriano, escritor, cronista e teólogo. E maranhense de Imperatriz. Nasceu em 28 de setembro de 1957, membro da AIL. É formado em Administração e Teologia. Tem especialização em Didática do Ensino Superior, mestrado e doutorado em Teologia. É autor de diversos livros e inúmeros artigos, sendo estes publicados no Jornal *O progresso*. Entre suas obras encontramos *Ai, Açã: pecado encoberto destrói uma comunidade* (1981), *Debaixo do Sol* (2003), *Imperatrizando* (2005), *Casa dividida* (2007).

Manoel Aureliano Ferreira Neto: nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 1º de janeiro de 1947. Bacharel em Direito pela Faculdade Cândido Mendes, especialista em Direito Processual Civil e Direito Constitucional, professor universitário, magistrado do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escritor, cronista e apaixonado pelas letras, com diversos livros publicados sobre sua área de trabalho, o Direito, mas também diversas crônicas e reflexões. É membro da AIL e da Academia Maranhense de Letras, autor dos livros *A aplicação dos princípios da proporcionalidade e razoabilidade nas relações de consumo* (2008), *Juizados Especiais Cíveis e o novo CPC* (2015), *Crônicas e reflexões* (2016) e *Canções de uma vida* (2019).

Marcos Fábio Belo Matos: nasceu em Caxias, Maranhão, em 03 de janeiro de 1959. Escritor, cronista, contista, com 22 livros publicados. É Cofundador da Academia Balsense de Letras e membro da AIL-Imperatriz. Possui uma produção eclética, transitando entre a ficção, a poesia, a crônica e principalmente o conto (Silva e Santos, 2017). Em sua produção: *Anonimato* (1990), *O homem que derreteu e outros contos* (1997), *Coletânea da Academia Bacabalense de Letras* (2003), *Comunicação: outros olhares* (2004), *Cotidiano cinza* (2004), *Crônicas de menino* (2006), *Entrevozes* (2008), *Comunicação, Jornalismo e fronteiras acadêmicas* (2011), *Comunicação: práticas e reflexões* (2013), *Coletânea Maranhão em contos* (2014), *Contos cáusticos* (2015), *Ecos da modernidade: uma análise do discurso sobre o*

cinema ambulante em São Luís (2016), *Jornalismo, Mídia e Sociedade: as experiências da região tocantina* (2017), entre outras obras.

Maria Helena Ventura Oliveira: natural de Salvador- BA. Chegou em Imperatriz em 31 de dezembro de 1972. É escritora, colunista e assistente social. Foi escritora de páginas literárias no jornal *O Progresso* e *Jornal Capital*. Publicou o livro *A Comunidade Pesqueira de Plataforma*. É membro da AIL, onde ocupa a Cadeira nº 24. Ganhou o título de Cidadã Imperatrizense e Comenda Frei Manoel Procópio.

Raimundo Trajano Neto: natural de Vitorino Freire, Maranhão, é escritor, poeta, romancista, cronista, membro da AIL, cadeira 11 a qual pertenceu a Jurivê de Macedo. Desde 2021 Trajano Neto tomou posse como presidente da AIL. Em sua trajetória, Trajano Neto, em 1975 mudou-se para Imperatriz, ocupando a função de Bancário do Banco do Brasil, presidindo a AABB por vários mandatos. Foi vereador de Imperatriz de 1997 a 2000. Em suas obras publicadas, encontramos seu primeiro livro intitulado *Translúcidos* (1999), também escreveu *Entre tantos e outros* (2003), *Miscelânea* (2009), *A Pedra e outros poemas* (2014) e *Andanças* (2018).

Zeca Tocantins - José Bonifácio Cezar Ribeiro: nasceu em Xambioá, Tocantins, em 14 de maio de 1958. Escritor, contista, cronista, compositor e cantor. Sua produção escrita comporta 12 livros editados e publicados. Morador de Imperatriz e membro fundador da AIL. De Xambioá, sua cidade natal, mudou-se com sua família para Imperatriz em 1963. Pela sua afinidade com as artes, aproximou-se das manifestações culturais da cidade e região tocantina (Silva e Santos, 2017). Entre suas principais construções: *Columbi* (1990), *Moinho* (1992), *Dez contos de Pulinário* (1994), *Gotas de sol* (1996), *Caminhos de nós* (1998), *Banzeiros* (2001), *Colhedor de manhãs* (2003), *Pequeno ensaio sobre cultura, criação e arte* (2006), *Dialética do silêncio* (2007), *O outro lado da ponte* (2010), *Curandeiras* (2012) e *O último trem* (2015).

Importa, porém, pontuar, que ao fazer esse levantamento e estudo sobre autores de Imperatriz, não houve preocupação em elencar todos, mas colocar alguns em evidência pelas características que dialogam entre si. Tais características comportam regionalidade, oralidade, intertextualidade, ironia e humor, além de convidar o leitor e refletir sobre a realidade vivida. São autores que trazem sua própria bagagem cultural, bebendo das mais diversas fontes. Cronistas, em cuja atuação permite evidenciar as referências locais. Neste sentido, foi proposto um caminho investigativo que tomou como *corpus*, a produção literária deles no tocante a crônicas, bem como projetando textos para uma aplicação em sala de aula como recurso de letramento literário. Mesmo dialogando entre si com suas obras, o perfil dos cronistas citados apresenta também sua heterogeneidade. Isso não significa um prejuízo do ponto de vista

literário, mas, ao contrário, constitui uma possibilidade de partilhar visão diversa, encontrando-se as mais profícuas abordagens trazidas ao leitor pelos diferentes perfis de criação, de autoria, em um processo de valorização literária em suas formas múltiplas. Isso permite ao leitor a liberdade de aproximar-se daquelas que mais lhe tocam, das que atendem melhor suas expectativas, preferências, das abordagens que mais sentidos provocam, das histórias que retratam o seu entorno, cotidiano, a sua cidade, das reflexões que atendem enquanto exercício de (re)conhecimento, olhar crítico. De igual modo, o reconhecimento daquelas que, como diria o poeta, que provocam o desassossego, um estranhamento, ora pela forma ora pela abordagem, pois o “contraste não me esmaga — liberta-me; e a ironia que há nele é sangue meu. O que deverá humilhar-me é a minha bandeira, que desfraldo; e o riso com que deveria rir de mim, é um clarim com que saúdo e gero uma alvorada em que me faço” (Pessoa, 2006, p. 8).

No campo das contribuições da produção literária dos cronistas imperatrizenses, todas as abordagens ganham valor e sentido, na medida em que aproximam pessoas, provocam identificações, estranhamentos e desconfortos. E no espaço educativo, há uma efetiva possibilidade de conquista. Uma conquista que, para além da leitura, pode provocar descobertas. São contribuições úteis no processo ensino e aprendizagem que deseja abrir-se também para a perspectiva de provocar reflexões, criticidade. Essa perspectiva de conquista, no chão da escola, a repercutir para além-muros, tem movimentado essa pesquisa.

3.2 Crônicas de Imperatriz: referências e perspectivas

O prefácio de Antônio Candido para a obra *Para gostar de ler: crônicas* (2003), permite compreender melhor o gênero da crônica, situado no contexto literário brasileiro, suas características e contribuições. No citado texto, Candido (2003) posiciona a crônica como aquela que tem seu valor revelado mediante linguagem simples e acessível, uma espécie de literatura do dia a dia das pessoas, falando dos fatos da vida. Trata-se do exercício desse olhar, capaz de valorizar o que é simples e corriqueiro de forma direta, tendo como características os toques de humor, descontração e até fantasia em sua composição. É um gênero textual, comumente escrito em prosa, de extensão curta, com a presença de poucos personagens. Ele ocorre em um espaço geralmente restrito e que tem como foco ou simplesmente inspiração, os acontecimentos corriqueiros do cotidiano. Muito se vê as crônicas publicadas em jornais, revistas, sites, blogs etc. Por isso mesmo, é um fazer literário que transita entre o literário e o jornalismo.

Candido (2003) ainda fala da singularidade da crônica aqui no Brasil, construída a partir

das adaptações ocorridas ao longo do tempo e do espaço jornalístico o qual se propaga. Lembra que, antes de se chamar crônica, “folhetim” era o nome a ela atribuído em meados do século XIX. O conteúdo focado passava por questões políticas, sociais, mas também versava sobre literatura e outras artes. Aos poucos esse gênero foi ganhando leveza e espontaneidade, passando mais a entreter do que propriamente noticiar.

As características básicas das crônicas foram preservadas ao longo do tempo, e sobrevive na crônica sua identificação com o cotidiano das pessoas, sua leveza e por vezes, uma tendência ao humor e ao pitoresco. Nos tempos atuais, notadamente, no Brasil, a crônica se apresenta como um gênero literário bem mais recente que outros gêneros.

No Brasil ela [a crônica] tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção "Ao correr da pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (Candido, 2003, p. 15).

De fato, se encontra no gênero crônica um aspecto bastante interessante: ao longo do tempo, ele foi ampliando seu propósito de informar e comentar, passando a ganhar mais leveza poética e diversão para o leitor. Neste sentido, a crônica, em um processo de amadurecimento, naturalmente, se afasta da lógica argumentativa da crítica política. E mais, o aspecto da oralidade dela reflete uma perspectiva de naturalidade adequada ao nosso tempo.

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante (Candido, 2003, p. 16).

O referido gênero, com seu caráter de leveza, retratando os acontecimentos do dia a dia, com fortalecimento da oralidade, torna-se objeto de apreço por diversos leitores de jornais, de sítios e plataformas. E cada região, ao seu modo, com suas peculiaridades, vai construindo seus cronistas. E na literatura regional, este gênero teve seu espaço garantido com o passar de décadas nos jornais de suas respectivas regiões.

O significado e desafio da crônica no espaço regional, passa, portanto, por esse compromisso com o leitor, ávido a repercutir os acontecimentos, o pitoresco, refletir fatos

políticos. Todavia, ela como expressão literária oriunda de determinada região, revela tensões, escancara um espaço regional que é também político, reivindica espaços de poder. Talvez esse seja o seu significado mais premente: uma arena de reivindicação de espaços de poder.

Nos espaços de poder, o território é um dos principais conceitos geográficos. Neste, aqui definido acertadamente como território, estão postas as questões identitárias de um povo, sua cultura, seu modo de vida, também questões históricas, políticas e econômicas. Esse conceito nos ajuda a pensar em uma literatura regional e, especificamente, em uma produção de crônicas em território definido, qual seja Imperatriz e região tocantina do Maranhão, como expressão de natureza multidimensional, as quais se pode apontar:

a) A dimensão política. Uma vez que todas as demandas sociais passam por decisões de natureza política, o espaço que cabe ao poder público atuar é notadamente uma arena de enorme reivindicação. Nessa perspectiva, se compreende que o engajamento social - autores, leitores, sociedade - torna-se fundamental, na legítima cobrança de políticas públicas de valorização do que é produzido, do incentivo à produção de obras, no fortalecimento de entidades que trabalham com as artes e a literatura, na promoção de eventos literários. A ação governamental com o objetivo de possibilitar aos leitores usuais e aos novos leitores o acesso às obras literárias, de implementar projetos que convidam o aluno a abraçar a literatura como fonte de prazer, de conhecimento, torna-se indispensável. Nesse abraço literário, perceber o conteúdo, os múltiplos dizeres das crônicas, em especial a que se produz em Imperatriz, como recurso cognitivo, emocional, relacional e social e político.

b) A dimensão social. Indiscutível a nitidez dessa dimensão, quando se passa a compreender que, pelas mais diferentes formas, a literatura toca na determinante experiência humana de viver em sociedade. O cronista, sendo um membro de uma sociedade, inserindo em um contexto histórico, bebendo dessa fonte que emana da sociedade no tempo e espaço em que vive, se abastece plenamente da humana experiência de existir, de viver e interagir com o outro. E uma vez abastecido, a ela se dirige, a ela apresenta suas impressões, suas perspectivas. Desse processo, desvela seus pensamentos, sua subjetividade, fazendo sua voz ecoar na realidade vivida, fazendo de seu olhar, uma janela para novos entendimentos, despertando para premente necessidade de pensar sobre as demandas sociais a que todos estão sujeitos. Trabalhar crônicas numa perspectiva social é fazer essa ponte entre a literatura e a própria vida.

c) A dimensão educativa. Está ligada à dimensão política e social, porém possui desafios específicos. A escola pela sua própria natureza, deve funcionar como uma espécie de farol a iluminar e referenciar o aluno em sua trajetória formativa. Aqui cabe um movimento – para além do pedagógico e do espaço no ensino da língua portuguesa – que esteja disposto a

colocar a leitura e as atividades literárias no dia a dia da escola. O uso das crônicas locais na sala de aula, por suas características, possibilita ao aluno um exercício maior de reconhecimento do seu entorno, de proximidades afetivas, identitárias. Assim como compete muito bem à escola, convidar nossos cronistas – e quem sabe, muitos outros autores – para uma participação mais efetiva na vida na escola. Mais do que utilizar as crônicas regionais por eles produzidas e com todos os sentidos que elas forem capazes de apontar, a escola pode contar com o testemunho de quem a produz, despertando o aluno, gerando um diálogo pleno de sentido humanizador.

d) A dimensão cultural. Está ligada à dimensão educativa, porém segue para além dela. Olhar as crônicas regionais numa perspectiva de ganho de bagagem cultural para o aluno, não cabe resistências. Compreendendo a cultura como uma das dimensões que fazem parte do arcabouço de uma região – a qual fala da vida de um povo, de suas aspirações, de seus sonhos, seus prazeres e sobretudo sua identidade – valorizar essa dimensão parece ser tarefa humanamente enriquecedora. Notadamente, o papel das crônicas regionais passa pelo exercício de contar a história de seu povo, de falar de suas demandas, de repercutir o desenrolar dos acontecimentos. Se esse papel faz parte da criação literária do cronista, muito poderá contribuir do ponto de vista cultural. Em havendo, por parte do aluno ou de qualquer cidadão leitor, esse contato vivo com as crônicas que na cidade de Imperatriz são produzidas, o avanço cultural ganha um qualificado reforço.

e) A dimensão identitária. Hall (2006), ao fazer uma abordagem analítica sobre a identidade do sujeito pós-moderno, vai lembrar que o sujeito do passado, nos ares do iluminismo, vivenciava uma identidade unificada e estável, que mais adiante, adentrando na concepção de sujeito sociológico, se identificava nas relações sociais que mediam os valores, sentidos e a cultura. Todavia, agora, o sujeito pós-moderno se encontra fragmentado; transitando por várias identidades, por vezes contraditórias e/ou não resolvidas. Explica Hall (2006) que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (p. 10). As crônicas, de fato, refletem esse caráter. Nascida no ambiente social e para ele convergindo, a crônica trabalha a partir da identidade de sujeitos - autor e leitor. Sendo este sujeito fragmentado e impreciso - como aponta Hall (2006) - o que está sintetizado nas crônicas, bem como no próprio olhar do leitor. Ambos, autor e leitor, experimentam essa natureza, em certa medida fragmentada, inconclusiva e imprecisa. A marca identitária não se torna uma sentença, mas ocupa seu espaço nas construções das crônicas do presente - parte da literatura de nosso tempo.

f) A dimensão lúdica. Sá (2005), ao abordar a questão do perfil do cronista, afirma que

ao buscar o pitoresco, o cronista consegue encontrar e expressar o lado irônico, engraçado das coisas. Que dessa forma, consegue expor as contradições sociais de maneira sutil, em que o riso serve de anunciação e de cumplicidade com relação ao que se narra, se diz. Constata-se que há um aspecto lúdico importante neste gênero, há uma ironia, uma espécie de brincadeira, um riso – por vezes capcioso – necessário para servir como atrativo e poder ser adequadamente aproveitado. A leveza como característica da crônica não vai significar uma superficialidade na forma de contar os fatos ou refletir sobre eles. Ao contrário, deve funcionar como um recurso capaz de colocar à mesa, com sutileza, habilidade e competência, tudo aquilo o que pode impactar, o que pode desinstalar, o que pode causar estranheza. O lúdico aqui não é açúcar a adoçar as palavras para que pareçam suaves, mas por vezes, refinadas lentes a escancarar as torpezas humanas de lugar, do país.

g) A dimensão estética. O estético e o lúdico se aproximam, mas não se confundem. Enquanto o lúdico preconiza o que diverte – do latim *ludus*, que significa brincar – o estético nasce do grego *aisthēsis* – que significa experiência sensível, conhecimento sensível, sensação – notadamente um verdadeiro chamado à sensibilidade. Um olhar de valorização e apreciação ao que efetivamente agrega sensações, desperta sentidos, provoca inquietações no leitor. Portanto, é um diálogo com o belo, com o sublime, e ao mesmo tempo com o grotesco do que pode estar presente na natureza humana. Esse diálogo é importante porque perfaz um caminho de descobertas capaz de provocar conhecimentos, reconhecimentos em profundidade. A natureza do literário, assim como de inúmeras manifestações de arte, tem seu reconhecimento a partir do que é capaz de despertar em quem o toca, o vê, o escuta, o lê. O estético talvez comporte a mais engenhosa combinação de cores e tons, que um pintor insurgente, cuidadosamente escolheria para fazer da expressão de sua arte, uma forma para falar o que pensa. Talvez comporte o mais audacioso movimento de um poeta inquieto, a tecer versos como vozes, a romper o eloquente silêncio da negação do que é bom e belo.

g) A dimensão humanizadora. Esta dimensão da crônica está ligada às anteriores ou quaisquer outras que possam gravitar no universo do gênero. Todavia ela ganha uma justa abrangência: ela é social, política, educativa, cultural, lúdica, estética, e, portanto, está voltada para a experiência do ser pessoa, o que remete inelutavelmente a caminhos humanizadores. Ela está sempre a concatenar dimensões da realidade existencial. Como parte da literatura, que é parte do universo da arte, a crônica está sempre revelando o ser com seus caminhos possíveis, ou suas potencialidades. E relevar potencialidades é dizer para o leitor – sendo aluno, não-aluno, professor, cidadão, trabalhador – que em suas mãos está a oportunidade de abraçar valores, de construir pontes, de produzir entendimentos, de se aproximar do outro. As crônicas,

de certa forma, reivindicam esse papel: gerenciar processos de humanização. Conhecedor dessa realidade, Candido (2003), defende que todos temos o direito a desfrutar desse processo humanizador.

Talvez um desafio sempre presente na construção de uma crônica esteja ligado à sua própria raiz - da etimologia grega *khronos* - que significa tempo. Por que estaria ligado ao tempo? Por que o tempo importaria tanto quando trata das crônicas? Importa porque a natureza da crônica está vinculada a acontecimentos, ações, fatos e repercussões de algo acontecido. E se aconteceu, o fez em determinado momento histórico, está vinculado a um tempo e dele depende para se materializar diante do leitor e fazer sentido para ele. A crônica se nutre de aspectos temporais os quais situam o leitor, mas também pertence a uma geografia, ocupando lugares os mais diversos, ao mesmo tempo fala de pessoas e suas mais diversas interações. Esse conjunto de elementos abraçados pela crônica é um convite capaz de seduzir o leitor à leitura. E quanto mais se permite dela se aproximar, maior será o envolvimento e a cumplicidade de ambos.

Uma localidade ou região se configura enquanto identidade, pelo reconhecimento de natureza social, onde as pessoas passam a se identificar com aquele espaço, com suas características, sua forma de ser, sua cultura, modos de vida e escolhas. Também pelo reconhecimento social, cultural, político, cujas funções, dentre várias, é legitimar, consolidar tal localidade e região, pelos atributos que julgam valiosos ou oportunamente válidos para o exercício de identificação, pertencimento, poder. Dessa forma, não se faz localidade e região pelo simples ato da vontade de seus habitantes, nem tampouco pela confluência de fatores que se dão aleatória e desarticuladamente. Se torna localidade e região por força e convergência de interesses os mais diversos e, por vezes, com claras motivações e intencionalidades.

E o que se conta cada um e de todos, à mercê de interesses diversos, está estampado nos registros históricos, nos jornais, nas discussões no meio acadêmico, nas conversas que circulam e na memória coletiva. Notadamente, parte do que se conta sobre determinada localidade, região, dos valores que ali circulam, está inserido nas crônicas que são produzidas naquela localidade. Cita-se, como objeto de estudo, a cidade de Imperatriz – ao seu modo, com suas singularidades, com suas nuances – que tem se tornado fonte permanente de construção, desvelamento, revelações que um tanto define os que nela habitam, e ao mesmo tempo os constroem e reconstroem.

Conceber um texto literário especificamente no gênero crônica, numa abordagem regional, isto é, que esteja fora dos grandes centros de produção literária, implica em abraçar um desafio científico rico de possibilidades, de abordagens. Essa perspectiva abre caminhos

para a abordagem central que se deseja fazer, qual seja adentrar na seara das crônicas regionais, sobretudo buscando, para além de sua valorização e reconhecimento enquanto expressão da arte e da estética, uma análise voltada a compreender tal gênero como recurso social e crítico, capaz de gerar questionamentos e reflexões na sala de aula e para além dela. Notadamente, duas grandes vertentes da crônica sempre estarão a saltar aos olhos de quem melhor deseja compreendê-la.

A primeira vertente que vai tratar e ratificar a importância de reconhecê-la como expressão de arte, portanto, com um valor em si. Tal vertente, cuja natureza é estética, significa um convite ao primeiro olhar sobre o gênero da crônica o qual vai agregar conhecimentos, sensações, despertar sentidos, provocar inquietações, reflexões no leitor. Uma vertente que dialoga com o cotidiano, esmiuçando riqueza no banal, no corriqueiro do dia a dia, do viver. De certa feita, é como se alguém estivesse a indagar um cronista, o que motiva a sua escrita, e ele, de pronto, afirmasse: é uma tentativa de iluminar o que já é visível, porém, por ser tão comum, aparentemente sem importância, ninguém percebe ou até mesmo não vê. Mas está ali, uma espécie de *Copo vazio* (1974), de Chico Buarque de Hollanda, “é sempre bom lembrar / que um copo vazio / está cheio de ar”.

Candido (1992) lembra que a crônica carrega “uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas” (p. 14). Lembrando que o gênero, nascendo de uma aproximação entre uma escrita jornalística e a literatura, apresenta sua riqueza a partir dos artifícios artísticos dos seus cronistas.

A crônica, portanto, é feita desse processo criativo, artístico-literário, que oportuniza renovados olhares sobre a vida e o mundo. Numa concepção freiriana, manter os pés no chão e os olhares voltados para o mundo (Albuquerque, 2021). Nesse movimento que se dá a partir da estética, da criação, é possível pensar na plena abertura ao diálogo com as realidades da vida. A crônica, de fato, possibilita ao leitor, uma leitura que contempla o cotidiano, o instante vivido, e o faz de forma poética. Nas mãos do autor reside a mágica da recriação, da recontagem dos fatos, imprimindo-lhe suas impressões, estabelecendo um diálogo atrativo pela arte.

A segunda vertente vai abordar a crônica enquanto recurso. Recurso de um pensar. Recurso para possibilitar ao leitor diferentes formas de vislumbrar o mundo, perceber o seu redor, refletir sobre sua condição humana. Um despertar de práticas então baseadas tão somente no senso comum, despertar de crenças carentes de sentido, despertar de ideias preconcebidas, despertar de ingenuidades. Essa dimensão, cuja natureza é a crítica, significa um convite a enxergar nas crônicas um espaço de reflexão e metanoia.

Conceber essa possibilidade de a crônica tornar-se um recurso a prover descobertas faz parte das intenções que moveram a pesquisa em questão. A crônica como um recurso que pode ser adequadamente aproveitado em benefício do desenvolvimento do senso crítico. Um caminho aberto à experiência de um letramento literário. E o senso crítico nasce da atitude de refletir, de questionar a realidade vivida. Isso exige confrontar esta realidade, estando aberto ao que ainda não se conhece.

A crônica, por diferentes abordagens, pode estabelecer essa ponte entre o texto e a vida, portanto, pode tornar-se uma prática de letramento a problematizar diferentes situações sociais, compreendendo melhor causas e efeitos, propósitos e repercussões do que ocorre no mundo. É notadamente uma abordagem freiriana essa perspectiva de problematizar as situações sociais por meio do saber. Freire (1996) vai lembrar que tal saber não permanece limitado a conteúdos recortados, mas pressupõe a superação de uma visão ingênua da realidade, para se permitir adquirir consciência crítica.

Contudo, seja na estética ou na crítica, a crônica sempre irá ao encontro das expressões nascidas do cotidiano, dialogando com elas, extraindo-lhes elementos capazes de enriquecer a experiência do humano que há em todos. Essa experiência que pode e deve ser partilhada no exercício de uma leitura possível nas escolas e para além dela. Essa experiência tem um caráter de natureza ontológica. É a questão do ser que está colocado à mesa, como a dizer que é necessário o fortalecimento a partir das expressões de vida de vida que estão sendo partilhadas, sonhos socializados, proezas, inquietações, respondendo adequadamente às demandas da vida. Um voltar-se que o literário oportuniza. Esse voltar-se, pode ser compreendido como o encontro do sujeito com todas suas demandas, mas ao mesmo tempo, o movimento de se perceber como um ser que está conectado ao mundo, portanto, desafiado por ele.

Voltando o olhar para as crônicas pesquisadas, algumas características podem ser apontadas. Percebeu-se que tais crônicas trabalham a escrita com acentuada oralidade, outras que convidam o leitor a determinada reflexão e crítica. Algumas cativam o leitor pela elegância, a destreza na construção textual, a potência literária presente, apresentada. Outras diversas focam o cotidiano, há algumas que ressaltam o regionalismo. Por vezes, pelos excessos, as desmedidas exaltações, amplia-se uma espécie de olhar ingênuo para o objeto/questões focadas. Outras ainda que são convite a traços irônicos que deixam a mostrar as insólitas condições da existência humana; aquelas que fazem uso do humor como entretenimento. E tantas mais formas ainda existentes.

Essas diferentes abordagens, construções, permitem ao leitor, de certa maneira, andar lado a lado com o cronista, compartilhando suas experiências. Isso torna-se enriquecedor, na

medida em que o texto possibilita ao leitor tomar posse da obra e a partir dela, desenhar novas formas de compreender a realidade, se deixar influenciar, se permitir transformar por ela.

Há escritores, como Jurivê de Macedo e Elson Araújo, que trabalharam/trabalham dentro do ambiente jornalístico e, portanto, bem alinhado e ambientado com esse formato, fazendo uso da crônica para ampliar questões/abordagens que vão além do fato jornalístico. Uma espécie de fuga das amarras que se diz, pretensamente, tão somente informativa. Assim, no cabedal de suas produções de crônicas, a presença da oralidade é recorrente, pois muitas vezes fazem uso de uma espécie de conversa, diálogo direto com o leitor. Como é o caso da maioria dos textos de Jurivê de Macedo, ao longo de 40 anos de ofício com crônicas jornalísticas – primeiro no jornal *O Progresso*, ao qual foi cofundador e depois no jornal *O Estado do Maranhão*.

Nesse itinerário longo de produção de crônicas, Jurivê de Macedo, imprime não só sua marca pessoal, mas, ao mesmo tempo, contribui para construção de uma tendência literária regional na cidade a qual adotou como sua. Como exemplo, vale citar a crônica que por certo, foi possível de ser recontada por muitos de seus leitores, intitulada *Seu Nogueira*, publicada em meados dos anos 80. Sendo simples, sutil e engenhosa, ela começa a delinear um pouco das características da escrita de alguns autores imperatrizenses.

Como forma de contextualização, a crônica em questão é o relato de uma história ocorrida por volta dos anos 1960. Como característica marcante da crônica feita para o jornal, o autor faz uso de poucas e conhecidas palavras, sem, no entanto, perder a riqueza de seu relato: a personagem central e características, o ambiente, o enredo, a oralidade, além de um toque de ironia.

Esta crônica fala ainda de pessoas e negócios com certa leveza, todavia carrega consigo – não excluindo outras abordagens – uma reflexão sobre a questão da dinâmica da acumulação de recursos e a manipulação deste. A questão social está posta, como que a fazer uma ponte entre os desafios econômicos do passado e os que são vivenciados no presente. Outro entendimento possível é a questão do trato com relações pessoais do passado com as que são hoje estabelecidas. A questão dos interesses pessoais e do jogo do poder.

Conta a história de um morador de Imperatriz, chamado Raimundo Nogueira, e que era conhecido por ser rico e avarento. Na história contada, há um negócio firmado entre ele e outro morador da cidade não identificado.

Também interiorano, igualmente autodidata, raimundo nogueira de souza, ex-telegrafista, ex-ajudante de pedreiro, bom de carteadado e um **tio patinhas** afamado foi, durante muito tempo, o banco de imperatriz, emprestando dinheiro a juros escorchantes. procurado por **um ricoço** da época (anos 60)

que lhe foi pedir 10 mil cruzeiros emprestados, seu noqueira explicou que seu juro era de 10 por cento ao mês e cobrado antecipadamente. O comerciante aceitou. noqueira lhe deu a nota promissória para assinar, recomendou que seus negócios não admitiam atrasos, dirigiu-se até o cofre, trancou a nota promissória e desejou boa-noite ao cliente.

– mas seu noqueira, e o dinheiro, o senhor se esqueceu de me entregar...

– **esqueci não, parente.** Nós não combinamos que o meu juro é de 10 por cento e cobrado antecipadamente? Então... o amigo pediu-me 10 mil emprestados para pagar em 10 meses, não foi isso? Pois já pagou o juro. Agora só me deve o principal que, espero, seja pago em dia. e boa-noite (Macedo, 2023, s/p. **grifo do autor**).

O primeiro elemento que o autor apresenta é a característica principal do personagem Nogueira, que é a avareza. Para expressar aquele traço marcante, o autor usa de oralidade ao se utilizar da expressão metafórica “Tio Patinhas”, para reportar sua avareza. Conceitualmente remete o leitor aos quadrinhos, evocando o conhecido personagem de ficção *Tio Patinhas*, do cartunista americano Carl Barks – caricatura posta a qualquer sujeito mesquinho e somático. Na sequência, o autor introduz o segundo personagem, a figura apenas alcunhada de “ricaço da época”. Dessa forma, novamente usa de oralidade para falar deste que vai negociar com seu Nogueira.

O autor contextualiza a história contada, lembrando, inclusive, que a moeda corrente era o cruzeiro - moeda que foi o padrão monetário do Brasil de 1942 a 1967, de 1970 a 1986 e de 1990 a 1993. Na evolução da crônica, se procedem os termos do empréstimo, o qual imputou juros antecipados de 10% ao devedor, cujo capital seria pago em 10 meses. Ao colocar a fala do seu Nogueira – “Esqueci não, parente.” – encaminha-se para o desfecho final, o qual surpreende seu interlocutor que passa a ser devedor, sem receber o dinheiro pretendido. Desta crônica, a riqueza textual reside na singularidade dos personagens, no contexto marcado de detalhes e sobretudo, e na matemática capciosa do credor.

Um outro exemplo desse tom aparentemente despojado e construído com sutileza e acentuada oralidade é a crônica intitulada *Amaral Raposo*. Amaral Raposo era o pseudônimo usado por José Raposo Gonçalves da Silva, jornalista, filólogo, escritor e poeta que viveu na região; talentoso, afeito às letras e à música, nasceu em Grajaú em 1903, vindo a falecer em 1976. O autor, nesta crônica, conta um fato ocorrido por volta dos anos sessenta e contado nos anos oitenta. A narrativa nos convida a um passeio pelo cotidiano, com as singularidades ocorridas nos anos de outrora:

O velho jornalista era convidado de um prefeito local e veio assumir a chefia do gabinete deste. Desceu no aeroporto, passou pelo hotel já reservado, deixou a mala e foi se apresentar à autoridade. Conversava com o prefeito quando chegou a esposa deste. Ali mesmo foram feitas as apresentações e foi encerrada a carreira de assessor de Amaral Raposo. É que a esposa do prefeito **não quis deixar a coisa por menos:**

– Ora, Fulano, com tanto homem novo e bonito em São Luís e **você me traz de lá um velho desses?!...**

Amaral não perdeu o rebolado ao responder:

– Minha senhora, seu marido me trouxe para Imperatriz **para ser assessor e não para ser reprodutor**. Passe muito bem!

Voltou ao hotel, apanhou a mala, tomou um táxi para a estação rodoviária de onde retornou à capital (Macedo, 2023, s/p. **grifo nosso**).

A oralidade se coloca em evidência quando o autor usa as expressões “não quis deixar por menos”, “Amaral não perdeu o rebolado”, “você me traz um velho desses?”. Expressões combinadas em uma história simples e com um desfecho rápido. O autor apresenta Amaral Raposo e logo o coloca na cena, juntamente com a personagem do prefeito – não identificando seu nome – o qual fizera o convite para Amaral Raposo assumir a chefia de gabinete da prefeitura. A interlocução, que se supunha, corria bem até a chegada da esposa do prefeito, que rompe o diálogo e provoca reação inusitada de Amaral Raposo.

Desta crônica, para além da oralidade, a riqueza textual reside na interlocução comprometida pelo inesperado – a fala da esposa do prefeito– cujo resultado foi a recusa imediata da escolha deste, para nomeação do cargo de assessor a Amaral Raposo. A resposta foi curiosa: – “minha senhora, seu marido me trouxe para Imperatriz para ser assessor e não para ser reprodutor. Passe muito bem!”.

Ao final desta crônica, o leitor já está plenamente envolvido, repercutindo uma história do cotidiano e interagindo com ela. Retrata ainda a questão das relações de natureza política engendradas a partir da subjetividade dos interlocutores. Um diálogo possível entre o passado em que ocorre o fato e o tempo presente – também nunca fechado a outras abordagens – é precisamente essa possibilidade de reação do sujeito que, de alguma forma, se sente execrado nas condições que lhes foram propostas. A depender do contexto, considerando os valores que correm em nossa contraditória sociedade, um homem ou mulher qualificado (a) para determinado cargo que lhe é proposto – mas que são postos em jogo outros elementos para além do exercício de sua função – reações as mais diversas se poderiam esperar. Isso é um convite à reflexão.

Os dois textos apresentados, permitem afirmar que a escrita de Jurivê de Macedo carrega uma identidade local, uma regionalidade, as quais são capazes de provocar no leitor, especialmente o imperatrizense, uma possível compreensão do que seja a cidade, os seus habitantes. Evidencia-se assim, que sua escrita tem como marca, dentre outras, o uso do recurso da oralidade como forma de aproximação com o leitor, a liberdade no tecer das palavras, e ao mesmo tempo, se alimentando constantemente desta experiência, revelando sua subjetividade, os interesses, as ideologias, por muitas vezes quase imperceptíveis. Bem como, um retratar de

histórias contadas, vividas na cidade, desenhando impressões.

Na beleza da construção aliada ao significado histórico, cita-se as três primeiras crônicas de Edelvira Marques, do seu livro *Eu, Imperatriz* (reeditado pela AIL e AML em 2012). Pela complementaridade dessas três crônicas, poder-se-ia chamar de uma trilogia. E muito embora se coloque aqui apenas esta trilogia, todo o conteúdo desta escrita de Edelvira Marques permite um trilhar pela história da cidade. Ela escreve suas crônicas na primeira pessoa, o que certamente aproxima ainda mais autoria, texto e leitor, numa cumplicidade literária.

A primeira crônica escolhida foi *A chegada dos brancos*. Aqui se encontra uma gênese da cidade, onde tudo teria começado. Eis a crônica na íntegra:

Tardezinha.

O sol, qual um disco de ouro, sumia no horizonte refletindo-se nas águas mansas do rio.

Grupos de índios banhavam-se despreocupados.

De repente, silêncio!... Atônitos, eles viram canoas subindo o rio. Eram canoas diferentes, tripuladas por gente desconhecida.

Correram, esconderam-se.

Chegava Frei Manoel Procópio do Coração de Maria e com ele dois cidadãos com suas respectivas famílias. Eram eles: Juvenal Simões de Abreu e Zacarias Fernandes da Silva. Para guarnecê-los, trouxeram quatro soldados.

Sua missão era fundar uma povoação em território paraense, bem próximo dos limites com a província do Maranhão, onde houvesse índios a catequizar (Marques, 2012. p. 28).

A segunda crônica, intitulada *Meu encontro com Frei Manoel Procópio*, é uma continuidade da primeira, onde a autora prossegue sua crônica - ainda na primeira pessoa - falando de peculiaridades desta chegada do religioso e marcando uma data, como referência histórica:

Os brancos dormiram nas canoas. O dia amanheceu brumoso, o rio encoberto pela cerração. O sol, elevando-se, dissipou as névoas e dentro em pouco tudo era claridade.

Então o padre subiu o barraco, foi às aldeias; viu os olhos d'água, o campo e a mata.

Gostou. Acreditava-se em terras paraenses, e tudo mais enquadrava-se nos planos do seu chefe, conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, o então presidente da província do Pará.

Era dia 16 de julho de 1852.

Resolveu ficar. Procurou contatos com os índios. Fez trocas, deu presentes. Os selvagens não reagiram (Marques, 2012. p. 29).

A terceira crônica, intitulada *Nova vida*, a autora completa seu relato para a cena primeira da história que passa a contar. Descreve então as primeiras ações do Frei Manoel Procópio, o qual ganha uma centralidade nesta fase inicial. Edelvira fecha esse relato como que em três atos:

Frei Manoel Procópio era devoto de Santa Teresa d'Ávila e trouxera consigo uma imagem da santa.

Dedicou a ela uma capelinha nas imediações da atual Casa de Saúde São Vicente de Ferrer.

Era uma construção rústica, coberta de palha, como rústicas eram as moradias dos pioneiros que se agrupavam em volta dela.

Houve missa e consagração da nova terra à Virgem D'Ávila . Em sua homenagem, recebi a denominação de povoação de Santa Teresa!

O padre tratou logo da catequese dos índios, deu início à lavoura e à abertura de estradas e de outros pequenos melhoramentos.

Para mim, nova vida começava (Marques, 2012. p. 30).

Edelvira faz uma crônica em três partes para falar da gênese da cidade. Nessa abordagem, trata do desafio dos que aqui aportaram. Empréstia seu olhar para apontar a visão do colonizador. Esse olhar colonizador está fortemente impregnado na pessoa do citado religioso. São textos curtos, como geralmente se verifica em crônicas, mas que carregam conteúdos que revelam situações, desnudam a história.

Na sequência, cita-se, como percurso de investigação, duas crônicas de autoria de Vito Milesi, teólogo, filósofo, escritor e cronista, foi professor de filosofia e sociologia pela Universidade Federal do Maranhão. Observa-se na sua escrita uma acentuada preocupação em promover e incentivar o que considera como bons hábitos nas pessoas que encontrava pela vida. E o hábito da leitura e da busca do senso crítico se destacava.

Neste propósito, para além dos artigos, de uma série de biografias e sua atuação como professor e tradutor de obras, Vito Milesi partilhou algumas de suas inúmeras crônicas em três livros de crônicas (2001, 2003 e 2004). Na obra *Leituras para pensar* (2004), foi selecionada como objeto de análise, a crônica *Tolerância, virtude ambígua*. O autor, já na apresentação do livro, deixa claras as suas intenções: “há a preocupação de transmitir em cada página, uma mensagem que estimule e promova a virtude, que defenda a verdade, que edifique e enobreça o ser humano” (Milesi, 2004, p. 7).

Esse traçar de crônicas que trazem em seu bojo uma espécie de tentativa de explicitar a natureza humana, as ações empreendidas, a partir de determinados pontos de vista, de determinados valores, é mais uma das características também presentes nos escritos imperatrizenses.

Tolerância, virtude ambígua, trata de uma temática que versa sobre uma atitude humana, o exercício da tolerância. Milesi (2004) coloca nessa crônica, como referência inicial a figura do grande educador de tempos de outrora, José de Queirós, que viveu e atuou em boa parte do século passado em Carolina e região. Da escrita do velho mestre sobre tolerância o autor constrói sua crônica, trazendo luzes e refletindo a natureza dessa atitude humana.

A tolerância de que fala um saudoso Mestre é inteligente benevolência, é o

reconhecimento do direito a alteridade, é a humildade de não se sentir dono de nada, é a força de suportação que é a grandeza de espírito. Em particular, a tolerância religiosa, a convivência pacífica entre as religiões (necessária e urgente no mundo - e Imperatriz também, sempre salvos os direitos de rechaçar as agressões gratuitas), é expressão de civilidade e maturidade cultural. O reconhecimento do pluralismo filosófico, do entendimento político, do ecumenismo religioso, da multiplicidade étnica, não pode ser simples, suportação, mas aceitação do outro, do diferente, admitindo que somos uma sociedade multiétnica e pluricultural (Milesi, 2004, p. 39).

A crônica *Tolerância, uma virtude ambígua*, da qual originou este fragmento, abre a possibilidade de discussão acerca da natureza humana. A perspectiva do autor passa por uma espécie de exortação ao leitor para fazer uma reflexão sobre as a es humanas impetradas das mais diversas formas. Em seguida, o transporta para a realidade local, a partir da temática das questões de natureza religiosa com seus desdobramentos na filosofia, nas questões do diálogo gerador de entendimentos entre as pessoas.

O autor faz um exercício de intertextualidade, ao trazer um texto de José Queiroz para depois imprimir um caráter argumentativo sobre o que deseja pontuar. Sem d vida, uma construção capaz de ajudar o leitor a refletir as características que são inerentes ao ser humano.

Vito Milesi, em certa medida, se aproxima de Jurivê de Macedo ao tratar a es e rea es humanas, todavia, dele se difere quando propõe novos olhares de maneira sistemática. Em Vito se comportam elementos conceituais, em Jurivê se impunham os fatos contados. Ambos a gerar inquietudes e fazer provocações   sua maneira.

Na segunda crônica, *O telefone de Ludovico*, encontrada no domínio *Sociocultura*, e que teria tido como origem uma de suas contribu es partilhadas localmente nos meios jornalísticos, Milesi (2023) conta uma história de uma interlocu o por telefone entre determinada mulher – sem citar o nome - e um idoso professor chamado Ludovico, de natureza reservada, de jeit o sistemático, que vivera em Imperatriz em longínquos tempos:

Toca o telefone às 23 horas. Ludovico, já na cama, sente uma natural irrita o, mas se controla. Levanta-se e atende. Afinal ele comprara a sua linha telef nica, espontaneamente, há mais de vinte anos e sabia por experiência que uma chamada telef nica é como uma intima o, uma convoca o compulsória, e que o telefone   um mal necessário.

- Al ! Boa noite. Aqui, de Imperatriz, o número 721-xxx.

- Al ! Quem fala?

Voz feminina, um tanto rústica. Ludovico sentiu um "trem" nos joelhos.

- Aqui   o número 721-xxx, senhora ou senhorita.

- Mas com quem estou falando?

- Olhe, senhora: a senhora ligou para a minha casa. Quer falar com quem?

- É com a comadre Julita.

Ludovico sentiu o "trem" na barriga.

- Lamento, mas acho que ligou errado. Aqui não há ninguém com esse nome.

- Qual é o nome do senhor?

O "trem" subiu para a garganta.

- Olhe, isso não importa. A senhora me tirou da cama e discou o número errado.

- Qual é o número daí?
 - Eu já disse: Imperatriz, 721-xxx.
 - Não é o telefone da comadre Julita?
 O "trem" já tremia na língua.
 - Não!
 - Mas me diga o seu nome.
 - Senhora, isso não é correto.
 - Aí é a casa de quem?
 O "trem" invadiu-lhe a cabeça e Pavio-curto soltou a voz:
 - É do capeta, mulher. Do capeta, do capeta! Ouviu bem?
 Ludovico desligou tremendo todo de cima a baixo e não dormiu aquela noite
 (Milesi, 2023, s/p).

Esta crônica, embora do mesmo autor, se difere da anterior pelo estilo da construção. Aqui trata-se do relato de um fato cômico, uma história bem-humorada, contada de forma mais leve e com acentuadas expressões de oralidade. Se impõe uma narrativa permeada de diálogo, uma história que permitiria retoques ficcionais – ou seria o contrário? Contudo, a perspectiva do autor está voltada para o inusitado, tal como um *causo* descontraidamente contado em uma roda de amigos.

Milesi (2023) deixa fluir o humor na construção. Nessa forma de escrever, para além de confirmar a adesão de autores para essa característica de humor, leveza e descontração, o autor, ao mesmo tempo, ajuda a pensar sobre determinadas ações/reações opostas que podem coabitar o ser humano. Ludovico, de polidez na fala, de elegância na comunicação, quando irritado, despeja elevado grau de estupidez – tal como se viu no dilema dos personagens Dr. Jekyll e Sr. Hyde – do clássico *O médico e o Monstro* (Stevenson). Por certo, há aqui uma verossimilhança com atitudes daqueles que ora transitam por terrenos calmos e inspiradores, ora se tornam reativos, impondo a si e a outros, ora os mais diversos impropérios.

Na trilha de investigação dos textos/crônicas de autores imperatrizenses, têm-se Livaldo Fregona, membro da AIL, escritor, contista, cronista, nascido no Espírito Santo e que adotou Imperatriz por sua cidade desde o ano de 1981. Em seus trabalhos como cronista, constata-se características de um fazer literário que segue compondo um pouco do perfil dos autores e obras imperatrizenses. Uma característica que predomina em Fregona é a habilidade de escrever com apuro, elegância, um aproximar-se das questões existenciais a partir de coisas do cotidiano e assuntos que desafiam o leitor a pensar.

Construir um texto que se torna atrativo aos olhos do leitor, confere uma espécie de astúcia, uma dose necessária de persuasão, um jogo literário que se constrói a partir de um certo estranhamento e um encantar-se necessário. As crônicas de Fregona transportam o leitor pelo caminho da inquietação. Isso torna-se um elemento agregador, na medida em que permite a este, um percurso por seu raciocínio, pela sua capacidade de articular as palavras e sobretudo

pela sua habilidade em organizar as ideias de maneira tal, a conquistar o leitor. Como exemplo desses textos, aqui recorre-se a dois fragmentos, os quais daí poder-se-á tirar algumas considerações.

O primeiro fragmento, da crônica intitulada *Para ser melhor*, está posicionada numa perspectiva de provocação de pensamento do leitor, um movimento de provocação, sem suscitar respostas prontas, mas ampliando olhares.

Ninguém nasce sabendo tudo. É muito abrangente a afirmação de que o espinho nasce com a ponta. Deus dá a inteligência, mas não o conhecimento; dá a gíngua, mas não os passos; dá os músculos sadios, mas não a velocidade e a força; dá o raciocínio rápido, mas não resolve os problemas para você; dá o caníço, mas não o peixe; dá a vocação, o tino, o dom, a perspicácia: dá o diamante bruto, mas não o burila para que brilhe por si (Fregona, 2023, s/p).

O segundo fragmento é da crônica *Amazônia: insônia do mundo*, onde o autor convida o leitor a pensar na questão amazônica, como um problema que diz respeito ao mundo, mas que antes de tudo, desafia a todos, enquanto viventes próximos destas terras agredidas. Essa crônica alimenta uma discussão que, a rigor, deveria interessar a todos os que vivem nesta realidade amazônica, como imperativo de sobrevivência futura.

Por tudo isso, a Amazônia bem merece – tanto pela extensão como pela despoluição do planeta Terra – a preocupação mundial e a designação de “insônia do mundo”. Os países desenvolvidos, tendo como carro chefe os Estados Unidos, vivem pressionando o Brasil para que a preserve, alegando que ela é fundamental para diminuir a poluição do nosso planeta, mas, a bem pouco tempo, o presidente Busch negou-se a validar o “protocolo de Kyoto”, que exigia compromisso, principalmente de seu país, em diminuir a criminosa ação poluidora de suas fábricas (Fregona, 2023, s/p.).

Tomando como referência estes citados fragmentos, pode-se inferir que a escrita de Livaldo Fregona também retrata uma identidade e regionalidade que se identifica com o leitor. A crônica intitulada *Para ser melhor* – não excluindo outras abordagens – propõe refletir sobre o que move o ser humano. Há aqui uma aproximação com a crônica *Tolerância, virtude ambígua* – de Vito Milesi – onde a questão existencial se faz presente em ambas, mas não só isso.

Milesi e Fregona se aproximam quando tratam do que humanamente é possível de ser feito diante dos desafios do cotidiano. Assemelha-se a um acordo firmado entre duas pessoas bem-intencionadas, com recurso argumentativo robusto, cujo conteúdo principal seria contribuir com desenvolvimento de potencialidades humanas. O primeiro chamando a atenção para a alteridade, como movimento essencial para enxergar no outro uma parte de si; o segundo evidenciando as características creditadas ao ser humano que o habilita e ao mesmo tempo desafia a tornar-se melhor. O diálogo com as questões humanas que precisam ser tratadas, está

evidenciado nas crônicas de Imperatriz, por eles, pelo que aqui foi colocado, e por muitas outras construções.

Na segunda crônica de Fregona, *Amazônia, insônia do mundo* – entre outras possibilidades – percebe-se que o autor expressa um discurso ecológico atualizado e que dialoga com desafios atuais e urgentes de preservação da natureza, e, mais especificamente, da Amazônia. É um convite a discutir ecologia a partir da própria perspectiva humana de continuidade enquanto habitantes de um planeta, país e região frágeis.

Fregona, quando argumenta que países como os Estados Unidos, pressionam o Brasil pela preservação, mas contraditoriamente, o então presidente Bush se negara a assinar o Protocolo de Kyoto, está dizendo que há incongruências que precisam ser superadas quando se trata da defesa do planeta. Essa crônica, portanto, torna-se um desafio à busca de coerência. E ser coerente com as questões de preservação da natureza, implica num esforço global em prol da vida de todos, mas ao mesmo tempo um esforço engendrado na atitude de cada um individualmente.

Prosseguindo a análise, agora se coloca à mesa um fragmento de crônica de autoria de Elson Araújo. Trata-se da crônica intitulada *Escassez de reciprocidade*, a qual articula alguns problemas de um passado não muito distante e seu reflexo nos tempos de hoje, bem como os desafios daí resultantes. Vejamos um fragmento:

O que conhecemos como infraestrutura é o mais sentido, mas outros setores também são atingidos. Podemos, por exemplo, num futuro não muito distante, sofrer falta de água potável se não houver uma intervenção no cuidado com a fonte que nos abastece. Já são anos de maus tratos. Falo do Rio Tocantins. Os riachos (afluentes) que ali desaguam, se transformaram em valas de esgoto e já estão praticamente mortos. Para lá também o acorrem, os efluxos humanos e não humanos, sem qualquer tratamento. Ruim para a saúde do rio e da população, trágico para as gerações futuras (Araújo, 2023, s/p).

Esta crônica, a qual trata da preocupação com o abastecimento de água em um futuro breve, o olhar do autor revela uma análise a partir de referências ancoradas na ciência, bem como na interação dele com os leitores que em sua cidade residem, e reflete sobre os grandes desafios que precisam ser enfrentados. Trata-se de uma crônica que caminha em uma perspectiva de compromisso social e ambiental. O autor sabe que ao tratar disso, coloca-se numa posição de enfrentamento, o qual passa por duas questões cruciais: a primeira é que o leitor carrega consigo diferentes formas de olhar o social e o ecológico.

Há leitores que compreendem os argumentos e os endossam, há os indiferentes que para si nada significa, e há os negacionistas das questões do clima e das demandas sociais. A segunda questão é que compromisso social e ambiental exige ações conjuntas – governos, instituições

educativas, organizações, entidades de classe, associações, sindicatos, cidadão comum. Essa forma de abordar a temática, em certa medida, faz uma ponte entre elementos de uma crônica, com um texto de opinião – aproximando-se de editorial jornalístico – com posicionamento político e o sentido de engajamento.

A segunda crônica, do mesmo autor, também carrega esse traço de aproximação do leitor através de uma abordagem tipicamente do cotidiano, entrelaçada a uma reflexão sobre o calar-se, talvez como pressuposto para o indivíduo revisitar a si mesmo e quem sabe, modificar atitudes. A crônica é intitulada *As vozes do silêncio, no apagão*. Vejamos um fragmento:

[...] O apagão de terça-feira demonstrou como o silêncio é importante para a vida dos humanos. A começar pelo fato de o fenômeno forçar uma desaceleração das coisas, e, também das pessoas. O período agudo da pandemia do coronavírus já havia comprovado isso. O mundo, naqueles tempos, mesmo com eletricidade, ficou mais silencioso com os homens e mulheres recolhidos em seus lares. O mundo desacelerou. O sussurro dos ventos ficou mais perceptível, o respirar ficou melhor, e até as águas dos oceanos ficaram mais leves e limpas (Araújo, 2023, s/p).

Nesta crônica, o autor reflete o apagão, colocando na conversa elementos comportamentais da população – à luz do que foi percebido para daí retirar reflexões e questionamentos. Trata-se de uma crônica que, com a estratégia de falar de um evento recente e que atingiu também os seus leitores, consegue aproximá-los ainda mais do texto, em diálogo quase informal, que flui naturalmente e que está propondo a temática e repercutindo-a no tempo presente.

O tempo oportunizado nesta crônica é cronológico, mas também é kairótico, no qual se fortalece no argumento, um tempo que se vê nas brechas do tempo cronológico em vista de desbanalizar a leitura do real (Santos, 2007). O autor reflete sua percepção de que, na medida em que as pessoas ficaram horas sem energia elétrica, tiveram a oportunidade de parar e pensar sobre o tempo que os engole.

Numa crônica, pela própria etimologia, o tempo do ocorrido é muito importante, todavia, outra discussão caberia: que há também na crônica essa possibilidade de subverter o tempo do ocorrido, do fato contado. É a dinâmica de um tempo *kairótico* sob o qual concomitantemente se reflete, um tempo denso e profundo que subjaz dentro do tempo cronológico, onde ocorrem as ações mais rotineiras e mais diversas.

O olhar de Elson Araújo sobre a dinâmica da cidade se revela, como jornalista, bastante atento. Há diversos elementos que colocam o leitor dentro da geografia e topografia da cidade, compartilhando dificuldades, desafios e, ao mesmo tempo, buscando novas perspectivas. É um olhar inquieto, cujos reflexos desafiam o leitor a olhar o seu entorno, tentar enxergar as

problemáticas do seu espaço de vida, conhecer melhor o contexto do qual está inserido e quem sabe, nele poder atuar acertadamente.

Outra autoria de crônicas que caracteriza a literatura imperatrizense é a de Agostinho Noleto. Em suas crônicas vimos situações comentadas, fatos evidenciados e refletidos. Nelas, o autor, pela escrita, convida o leitor a prosseguir sua intrínseca experiência de leitura e descobertas. Na crônica intitulada *Portal da Amazônia*, identifica-se uma escrita que fala de um conceito criado para Imperatriz, a partir de seu contexto geopolítico do início dos anos 1970.

[...] A coisa pegou e daí para frente tudo tinha o slogan da moda. Às vezes, deturpavam a criação com um vulgar portão que muda a ideia, o sentido da frase, o alcance da referência amazônica. Não somos o portão, o tapume, o impedimento para a entrada na Amazônia. Somos, sim, o portal, a entrada, o pórtico, as colunas por onde se passa para adentrar à fabulosa hielia brasileira. Portal é uma **ideia-símbolo** de fácil assimilação e representação. Um **grande** e **majestoso** arco estilizado, por exemplo, construído em aço e concreto sobre a rodovia Belém-Brasília, simbolizaria a **energia pré-amazônica**, perenizando a **força criativa** do povo que aqui, no Portal da Amazônia, edificou nesses cento e quarenta e cinco anos a **maior metrópole do interior amazônico**, uma **grande** civilização que, no futuro, com certeza, se lembrará, com **orgulho**, de seus **pioneiros construtores** (Noleto, 2015, p. 45, **grifos do autor**).

Nesta crônica, o fragmento mostra uma dose ufanista-ideológica, aquela identificada do autor para com um símbolo que faz parte “identidade” imperatrizense, qual seja, o título de Portal da Amazônia. Aqui, a diversidade das crônicas de autores – e por que não dizer, em certa medida, a motivação da escrita – se apresenta com mais clareza.

Se em Milesi e Fregona os acontecimentos e fatos das crônicas analisadas serviram como elemento agregador de uma visão de bastante clara de homem e sociedade a partir de valores, em Noleto, há um enaltecimento do potencial regional, uma fala eloquente do cenário de conquista territorial, sem uma necessária visita a questões de degradação do espaço natural encontrado e os efeitos impostos aos povos originários que viviam nesta região.

Uma outra crônica do mesmo autor que também vai retratar bem essa característica de colocar em evidência fatos locais, é a intitulada *Os pioneiros de Imperatriz*:

Dito assim, percebe-se que excluo da categoria de “pioneiros” os naturais da antiga cidadezinha de Imperatriz, perdida nos confins das terras tocantinas, posteriormente descoberta pela abertura da Rodovia Belém-Brasília. Por que negar-lhes o título de pioneiros, se contribuíram da mesma forma com o desenvolvimento da cidade? Eu diria que a classificação de “pioneiros” é uma concessão aos que aqui chegaram, vindos de suas longínquas terras natais e não têm o privilégio de serem imperatrizenses. Não sei dizer se este é um bom argumento, mas foi o que me ocorreu.

Os **Pioneiros de Imperatriz** têm corresponsabilidade pela extraordinária transformação que a antiga Vila do Frei sofreu, com grande esforço de sua população, para se tornar na maior metrópole do interior da Amazônia. Os **Pioneiros de Imperatriz** dão testemunho da explosão de crescimento e desenvolvimento desta “capital” sul-maranhense. (Noleto, 2023, s/p).

Esta crônica foi publicada em fevereiro de 2021, o autor pretendeu tratar da identidade de um povo. Diferente da anterior, aqui percebe-se que o autor desejou discutir a construção de uma identidade local, a qual fora fortemente influenciada pela chegada de muitas pessoas – inclusive ele – das mais diversas regiões do país. Essa abordagem permite algumas considerações: quais foram as consequências mais marcantes para a cidade com o advento da chegada de tantas pessoas há mais de meio século? Qual a principal motivação deste povo que aqui chegou?

Inevitável é fazer uma comparação com a escrita de Fregona (2023), na crônica *Amazônia: insônia do mundo*. Ao passo que em Noletto se percebe um conceito mais posicionado para um ufanismo ideológico e emite elevados créditos a quem aqui aportou, como um certo cumprimento de “dever desenvolvimentista”; em Fregona, o discurso é sobre os efeitos colaterais desse processo, por assim dizer. O primeiro, enaltece o protagonismo pioneiro, o segundo exorta a todos para o compromisso com a preservação, sem a qual todos estarão irremediavelmente ameaçados.

A crônica que agora se pretende analisar é uma de autoria de Edmilson Sanches, escritor, contista, cronista, caxiense, que adotou Imperatriz como seu espaço de vida e de produção literária. A crônica, *Imperatriz, Majestade*, aqui selecionada na íntegra, apresenta esse aproximar-se da cidade de Imperatriz, da região tocantina, desafiando o leitor a acompanhar uma história contada em verso, abrindo janelas de possibilidade para leitor se identificar com o texto lido, fazer comparações com outros textos que tratam a cidade com esse fazer poético, criando vínculos. Permite, de certa forma, uma viagem suave pelos contornos da cidade. Ei-la:

IMPERATRIZ, MAJESTADE

Sua majestade, Imperatriz. Flor da Amazônia, vitória-régia.

Grande incultivada e bela.

Imperatriz. Cidade de antônimos. Pólo de concentração e dispersão.

De importação e exportação. Imigração e emigração. Desejo e decepção.

Imperatriz anfíbia: Nordeste e Amazônia. Sol e água. Seca e selva.

Areia e relva. Sofá e sela. Porta e porteira. Pórtico e cancela. Mansão e palhoça.

Carro e carroça. Asfalto e roça.

Misto de trabalho e desemprego, de produção e carência, de oferta e procura, desperdício e fartura, resultado de seus contrários, pastel de paradoxos, Imperatriz é o retrato ampliado de nossos acertos e imperfeições, virtudes e incompletudes.

Uma *São Paulo* no interior do Maranhão, todos nós brasileiros temos algo a ver com esta cidade – Imperatriz Majestade (Sanches, 2010. p. 117).

Há em uma similaridade com a crônica de Noletto, *Portal da Amazônia*, numa certa dose ufanista-ideológica, quando evoca uma exaltação da cidade – “Sua majestade, Imperatriz. Flor

da Amazônia, vitória-régia”. Mas também porque há uma sombra a ela subjacente. Ela pode esconder ou ignorar as contradições que são latentes. As complexidades da cidade que foi homenageada de forma lírica pelo autor, podem ser se ocultar exatamente por essa forma. De certo modo, o que fora dito, pode ao mesmo tempo ser eclipsado pelo não dito.

O autor, nesse movimento, para além do tempo cronológico, usa também de um tempo kairótico, usufruindo através da crônica, um fazer literário. No dizer de Sousa (2007), “uma arte verbal cujo principal objetivo é oferecer aos seus leitores uma outra construção do real, o mundo paralelo do pode ser” (p. 36). Todavia, esse mesmo tempo não salvaria um texto de suas ausências.

Já o que difere de Milesi, Fregona e Araújo, é o fazer poético presente nos versos. Não há neste texto de Sanches essa perspectiva de convidar e conquistar o leitor pelos argumentos ligados aos acontecimentos locais/regionais e sua relação com as questões que desafiam as pessoas e suas práticas sociais. Seu convite é apenas devotado para que se reconheça a pujança, o icônico e o belo da cidade, como argumentos válidos tão somente para o que deseja expressar.

Outra crônica de Sanches, *Tocantins 2*, tem a proposta de trazer um elemento natural que carrega uma significativa carga de identidade e regionalidade, embalada por um traçar poético, que se torna, também, uma das marcas da crônica imperatrizense:

RIO TOCANTINS 2

Entre dois estados, há um rio. Um rio rico – traz fartura. Um rio às vezes brabo – traz agrura. Um rio único e vário, como são os rios. Separa terras, une gentes, leva coisas, banha corpos, lava a alma. Um rio com o toque especial: Toc Toc Tocantins.

Estamos na Pré-Amazônia. “O rio Tocantins é o elemento de maior relevo – na geografia e em nossos corações”.

Durante todo o dia, raios de sol tocam o Tocantins. São dedos cálidos penetrando a intimidade receptiva e envolvente das águas. Sol e água. Fértil encontro de contrários. Homem, mulher.

Encontros muitos. Encontros marcados. À tardinha, após tantas horas de luz e calor, o sol, cansado, mergulha n’água – imersão total – e, sem forças, afoga-se nela, para depois renascer, fortalecido, anunciando o dia seguinte. Que vem envolto em halo, aura, auréola, aurora. O sol nasce e (re) pousa no Tocantins (Sanches, 2010. p. 118).

Nesta escrita, o autor vai elaborar o sentido dessa proximidade com o local, trazer essa identificação com o que pertence à cidade, qual seja, o rio. Ao tecer as palavras, escolhidas com toque poético, o autor demonstra sensibilidade no olhar. Trata-se de uma construção a qual se aproxima da crônica anterior não somente pela natureza poética, mas também porque se desnuda numa perspectiva de tempo kairótico (Sousa, 2007). Experimentando este tempo, essa

crônica consegue transferir ao leitor uma força vivificante, tal como um mito ou uma poesia. Por outro lado, uma abordagem exultante do rio, uma idealização poética e quase mística, pode inadvertidamente esconder as mazelas impetradas. A degradação e poluição, o descaso e desleixo, poderiam ser esquecidos? As palavras podem exaltar feitos do rio e paradoxalmente, negar o direito do próprio rio falar de si.

Ao final deste breve olhar sobre algumas crônicas locais e seus autores, torna-se oportuno retomar algumas características as quais desenham um perfil, apontam uma experiência de construção, indicam alguns traços que marcam uma identidade local. Percebeu-se com certa clareza, aquelas crônicas que aproximam o leitor e o texto mediante a discussão de situações e acontecimentos que afetam o ser humano de várias maneiras. Foi o que se viu em Milesi, quando defende a percepção do outro como extensão de si próprio, quando usa de humor para falar das impaciências humanas. Também Fregona, quando se discute a natureza do ser humano, com dons e serem colocados em ação para o bem de si e do outro, quando trata da Amazônia como um recurso a ser defendido com celeridade e sem demagogia.

Em Araújo, por sua vez, vê-se um certo olhar diagnóstico, voltado para a dinâmica da cidade de Imperatriz, com seu potencial educativo, econômico e a força de seu povo, em contraste com o gerenciamento desastroso do poder público local, aliado aos hábitos predatórios de pessoas por sua própria ignorância e/ou torpeza. Já em Noletto, que mesmo com certo grau de ufanismo, imprime uma escrita voltada para discussão sobretudo de conceitos sobre Imperatriz e região, os quais estão postos tal como uma expressão de identidade local, e ainda com abordagens, que por vias diversas podem aquecer as discussões no campo social e político. E, por fim, Sanches, com sua escrita poética e não menos ufanista, retratando a pujança da cidade e do rio, que por certo são orgulho de um povo, um enlevo tal capaz até mesmo de impedir que cidade e rio sobreluzam suas feições do mundo real.

Contudo, é sempre oportuno lembrar que autores e obras aqui citados se constituem num recorte, cujo objetivo tem sido revelar as características principais dos cronistas e suas crônicas numa perspectiva de natureza regional. Esta regionalidade, presente nas crônicas apontadas e em muitas outras que a pesquisa não daria conta de abarcar, sempre estará voltada, de certa forma, a estabelecer uma identidade, ou querer revelar-se. E, conforme já dito, é de fato o termo regionalidade que vai abarcar estes diversos elementos sociais, culturais, linguísticos, geográficos que estão presentes no espaço de determinada produção literária. Um identificar e descrever tudo o que refere às diversas relações do fato literário de determinada região. Pozenato (2003).

A crônica imperatrizense se apresenta, portanto, como partícipe da literatura. Através

da crônica – e não somente por ela - a cidade está mergulhada em elementos característicos de construção de uma literatura local e regional. Uma construção que carrega as marcas identitárias de seu povo e região. Revela nas histórias contadas, nas experiências e desafios vividos e compartilhados ao longo do tempo, o perfil de um povo, cuja formação envolve a chegada de muitos homens e mulheres vindos de outras terras, para aqui fincar raízes e prosperar. A crônica de imperatriz, portanto, não prescinde de contar essa experiência de chegada, de falar desse processo de adaptação e dessa construção de uma nova identidade local. Uma identidade vinculada pela própria história, ao sujeito pós-moderno o qual fala Hall (2006). Uma identidade que não é fixa, nem somente mediada por valores e símbolos, mas é complexa e multifacetada. Uma identidade em transformação.

O ponto de partida se dá pelo que foi refletido sobre o papel da literatura e sua relação com as questões ligadas sobretudo à pauta social. Como se sabe, a literatura, sendo uma criação social e que ocorre a partir da linguagem, transporta a síntese dos mais diferentes elementos presentes nos grupos sociais, com suas marcas, identidade e contextos. As crônicas, como parte dessa criação social, guardam suas próprias contribuições. De igual modo, as crônicas regionais se apresentam como recurso para a vida social, na medida em que repercute a política, as relações sociais e os interesses de uma cidade ou região. Na política, embora sejam os fatos nacionais e seus desdobramentos os que ganham acentuada predominância, é no espaço geográfico das cidades e regiões que de fato acontecem. É exatamente neste espaço que o poder público mostra seu braço, é onde o dinheiro é ou não investido, é onde os contratos são ou não celebrados, de certo, é onde as pessoas estão presentes e, conforme o poder aquisitivo, consomem os bens, inclusive os bens culturais.

A repercussão de fatos, opiniões e todas as demandas geradas numa cidade ou região ganham fôlego nas mãos de cronistas locais. Isso significa que a cidade de Imperatriz coloca seu carimbo, por assim dizer, na história literária, falando de seu povo, suas demandas, alegrias, conquistas e dissabores.

Um exemplo bem claro da importância dessa repercussão de fatos, ocorreu em Imperatriz nas décadas de 1980 a 2010, quando Jurivê de Macedo – jornalista, cronista, membro-fundador da AIL – escreveu de 1984 a 2010 sua coluna no jornal *O Progresso* e depois, em *Estado do Maranhão*, intitulada “Comentando os Fatos”. Sobre essa escrita de Jurivê de Macedo, comenta Adalberto Franklin² (2012),

² Contemporâneo, amigo e confrade de Jurivê de Macedo, Adalberto Franklin, quando do lançamento em 2012, do livro *Jurivê de Macedo: Mestre da crônica jornalística*, o qual, para além do testemunho, faz justa homenagem a Jurivê de Macedo, que falecera em 17 de maio de 2010, aos 80 anos de idade.

Produziu não apenas a interpretação dos fatos do dia a dia da Região, do Estado e do País; imprimiu, sobretudo, uma maneira ímpar de dizer as coisas da política, da economia, da vida pública e privada, das personalidades e do homem comum do seu tempo e de sua história. Criou um estilo próprio, um vocábulo característico de sua forma graciosa, irreverente e satírica de abordar a vida e os acontecimentos, sem perder a beleza e a elegância textuais. (AIL. Posfácio. p. 210).

Volta-se a Candido (2003) – que parece emprestar seu próprio olhar também para essa região – quando afirma que “a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada” (p. 20). Talvez, aqui resida um dos segredos de Jurivê de Macedo: usar a arte das palavras de maneira despretensiosa para falar de coisas relevantes, cuja natureza atingia as mais diferentes demandas sociais da cidade e da região. E essas demandas sociais permanecem como objeto de trabalho permanente em grande parte de nossos cronistas. Um ofício sempre necessário a todo e qualquer projeto que discute os desafios sociais de uma cidade e região.

No espaço local de construção, a cidade de Imperatriz, faz-se necessário, para além de conhecer alguns de nossos cronistas e algumas de suas produções, colocar essa temática em evidência. E colocar em evidência significa olhar para o sentido construído, as particularidades encontradas e disponibilizar isso como mecanismo de promoção da leitura literária e desenvolvimento do senso crítico.

A leitura literária e desenvolvimento do senso crítico, passa pela escola como espaço de partilha, para prover o necessário preparo de jovens para atuar nas mais diferentes demandas sociais. Imperatriz e região, partilham desse desafio, compreendendo que muitas frentes de atuação são necessárias para garantir pleno êxito. Aqui coloca-se à mesa o papel que as crônicas imperatrizenses podem oportunizar. Essas crônicas podem contribuir como mediadoras de entendimentos sobre a cidade e região. Crônicas cujo foco reside nos acontecimentos da cidade, repercutindo opiniões, gerando reflexões. Crônicas capazes de despertar novos leitores literários, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio no Componente Curricular da Língua Portuguesa e afins; as crônicas fazendo-se conhecer os aspectos regionais, valorizando o que localmente se tem e o que se produz, questionando o que aqui não se tem e o que não se produz. Enfim, um desafio que defende a cultura, a arte, pela leitura, conhecimento e apreciação literária.

O contexto local descrito, problematizado, refletido, o qual está posto em muitas crônicas imperatrizenses permite aproximações, identificações, adesões do leitor da cidade. Uma coisa é contar algo que está em um contexto adverso, embora do ponto de vista social e literário seja relevante, outra coisa é tocar no que pertence, na forma de viver a realidade do

tempo presente e lugar, com seus desafios, obrigações, fraquezas e proezas.

A oralidade e intertextualidade. Houve um tempo em que a escrita e a oralidade, no universo da literatura, se constituíam em uma grande diferenciação. Linguistas sustentaram, durante bastante tempo, essa dicotomia. Verdadeiras barreiras foram estabelecidas entre ambas. Entretanto, Marcuschi (1997) nos ajuda a compreender que, com o passar do tempo e o avanço nos estudos linguísticos, evidenciou-se que – a despeito de suas particularidades – de fato, há um equilíbrio na concepção de importância entre escrita e oralidade. De fato, não há razões para sobreposições. Toda e qualquer obra literária, incluindo o gênero da crônica, se apresenta pela escrita, com sua arte, sua natureza estética, seu sentido, suas nuances e subjetividades. E a característica da oralidade, de uma forma ou de outra, na expressão do texto ou em suas sutilezas, vai estar presente, porque há um movimento de recriar a realidade, que se traduz sobretudo na oralidade. O autor, junto com sua estética, pode colocar a sua “modalidade linguística” – para usar a expressão de Urbano (2000) – e, portanto, retratar pela oralidade, o que deseja. Ademais, de acordo com Santos (2005), mesmo sendo uma escrita, a crônica não contém somente elementos que pertencem ao universo da cultura letrada, mas está permeada do popular, da tradição oral, e transita nas massas.

Esses concisos argumentos teóricos acerca da oralidade são necessários para adentrar no âmbito das construções literárias de cronistas de Imperatriz. É perceptível a importância da escrita e da oralidade em justo equilíbrio; assim também se nota a valorização da oralidade como recurso para delinear aspectos da própria realidade a ser enfocada, refletida a partir desse gênero.

Notadamente, pelas crônicas analisadas, a maioria dos cronistas de Imperatriz utiliza-se desses recursos de oralidade como um importante meio de criação e interação com o leitor. Essa característica, de fato, aproxima autor, texto e leitor, quer seja por utilizar uma linguagem que está conectada com o seu dia a dia, despertando-lhe interesse, quer seja por colocar-se na condição do leitor, gerando empatia. Tudo isso segue na direção da persuasão, do encantamento, da conquista, do prazer na leitura, do movimento de criar vínculos.

As referidas crônicas, endereçadas ao leitor, sobretudo pelos jornais regionais, também imprimem outras características, como uma vertente de natureza crítica e social, as notas de humor, ironia, leveza e até de poética. Tudo faz parte dessa necessidade de aproximar autor, obra e leitor, tal como interlocutores, dialogando, fazendo costuras de linguagem, em uma espécie de entrelaçamento. E esse entrelaçamento passa por elementos de oralidade. E essa oralidade, como vimos, não tende a concorrer com a escrita, mas sim complementá-la.

Vejamos aqui um fragmento da crônica *Paixão Moderna*, de Jurivê de Macedo, a qual

conta a história de um filme repetidamente exibido em uma velha sala de cinema da cidade de Porto Franco, nos idos anos da década de 70, porém, relatados em crônica na década seguinte. Eis o fragmento:

O Cine Rex foi a primeira casa exibidora de filmes em Porto Franco, bote tempo nisso. Quando ali chegou a primeira máquina de projeção (sei lá o nome daquilo), a única coisa certa que se sabia em torno dela é que se tratava daquela feita pelos irmãos Lumiere. O filme Paixão de Cristo vinha com ela. Filmaço que fez a alegria do proprietário da casa de espetáculo. A cada ano de Quarta-feira de Cinzas ao Sábado de Aleluia, o faturamento era no Cine Rex o mesmo do Maracanã em dia de Fla-Flu. Dava gosto a gente ver aquela fila de mulheres contritas, delas até de xale, nos ombros e terço na mão, buscando um lugar no acanhado auditório. E quando o operador Moisés dava início à projeção, era o mesmo tirinete de gente e de lágrimas, a mesma chuva de dinheiro de ingressos vendidos (Macedo, 1990, p. 55).

O uso dos vocábulos “bote” e “tirinete” assinalam o falar local. A expressão “bote”, usada pelo autor está posta como alternativa ao verbo “por”, o qual, conjugado se poderia usar “ponha”. Todavia o autor preferiu usar a forma corriqueira de falar. O “bote tempo nisso”, faz o autor sentar-se ao lado do leitor de forma simples, despretensiosa, alinhando-se ao que se fala na rua, em casa, em um natural encontro de pessoas. E talvez aí se encontre o ponto de identificação do autor com seu leitor, pela oralidade. Da mesma forma, quando usa a expressão “o mesmo tirinete”. Desse modo, sua escrita torna-se também uma fala comum, uma identificação com o leitor comum, que por sua vez enxerga naquela crônica uma agradável prosa entre velhos conhecidos. Ambos os vocábulos funcionam de certa forma como uma identificação entre as pessoas por se tratar de uma conversa que interessa, um diálogo que vai valer à pena, uma interlocução que vai despertar alguma reação junto ao leitor. Tudo isso é possível pelo uso da oralidade que aproxima um universo pessoal de outro.

Em outro fragmento, aqui retirado da crônica *Velhas Lembranças*, de Maria Helena Ventura. O leitor toma conhecimento da saga de uma família que aporta na cidade de Imperatriz no ano de 1973, portanto, há meio século. A cronista faz uso de interessantes traços de oralidade; no texto a autora discorre sobre os desafios enfrentados a partir daquele projeto de tornar-se parte dos moradores da cidade. Uma história que, para além de identificar situações, conhecer fatos, é um convite a se aproximar de um passado vivido e partilhar sensações. Vejamos o fragmento:

[...] A viagem havia sido longa e cansativa, com mais de dezoito horas na estrada que liga São Luís a Imperatriz. Os carros atolavam aqui, furava pneu ali, mas finalmente chegamos. Muitos outros atoleiros iríamos enfrentar ainda, só que dentro da própria cidade. Apenas uma rua asfaltada; o resto era barro. Luz? Tirando a do sol do dia, à noite o “motor” da Cemar era ligado das 17 às 22 horas. Televisão, claro que não. Nem telefone. O jeito era dormir, e cedo. E sonhar. Sonhar que haveria de valer a pena ter chegado (Ventura, 2023,

s/p).

Fazendo um olhar sobre a expressão “Os carros atolavam aqui, furava pneu ali”. Tratando-se de uma forma bem comum para dizer que o caminho percorrido com os veículos não foi fácil, pois houve muitas dificuldades. Nesse jeito de comunicar o teor das dificuldades da viagem ocorrida há 50 anos, para além de retratar as agruras, permite uma identificação com o leitor. Uma identificação nos problemas ocorridos no “aqui” e “acolá” da vida. Ademais, o tempo cronológico sob o qual trabalha os acontecimentos - 50 anos.

Os sentimentos despertados no autor, ao tratar de tempos distantes, por identificação e/ou afinidade, também pode fazer o leitor empreender suas próprias viagens no tempo, pelo resgate de lembranças distantes. Talvez aqui resida o maior ganho dessa interação autor-leitor: despertar para sentimentos e emoções experimentadas em determinado momento no passado, os quais deixaram marcas.

Como se pode perceber através dos fragmentos das crônicas apresentadas e de muitas outras produzidas em Imperatriz – as quais apresentam a oralidade como elemento marcante – cujos autores estão sempre a convidar o leitor para uma espécie de cumplicidade, de colaboração com o texto. Os dois recortes especificamente colocados nesta pesquisa, retratam com bastante ênfase, esse caráter de oralidade. Os autores parecem estar sentados ao lado do leitor, contando-lhe sua versão da história com total informalidade e liberdade. Neste movimento, leitor, crônica e cronista se aproximam numa interação literária. Há uma conexão estabelecida, mediante elementos que evidenciam uma cronologia, um sentido estético e humor, os quais os textos se permitem colocar.

A intertextualidade também se destaca nas produções de autores de Imperatriz, um recurso que passa pela construção de determinado texto em diálogo com outros textos. Uma prática quase recorrente neste fazer literário, compreendendo que seu uso se torna um revisitar, como se fosse um eco que está sendo suscitado de outra fonte, problematizando valores, sentimentos, expectativas, crenças etc.

Segundo Kristeva (1978, p. 120) a intertextualidade compreende uma “*évocation d’une autre écriture*” - evocação de outra escrita. Na produção de crônicas, muitas vezes esse recurso é oportuno e recorrente, pois esse gênero, muitas vezes se utiliza dessa “evocação” para dizer de uma melhor forma o que se pretende dizer, enriquecer sua composição. Essa intertextualidade colabora na construção de sentidos do texto; ela está situada na interação entre eles, nos diálogos estabelecidos, na influência, influência de uma leitura sobre outras, na leitura dos acontecimentos etc.

Vê-se a intertextualidade e os efeitos de sua aplicação em diversos textos/crônicas,

sobretudo, naqueles em que o autor faz uso como recurso de citar, de visitar, de ampliar, valorizar outros textos; trazer à baila visões, abordagens, entendimentos de outros autores ou mesmo pincelar outras histórias já contadas por ele mesmo ou por outros, no intuito de corroborar seus argumentos, introduzir uma ideia, endossar ou colocar em evidência questões que julga necessárias em sua crônica.

Essa intertextualidade, deveras, ajuda a agregar elementos, inter-relações que podem servir como pontos de interesse do leitor, provocando-o a permanecer na leitura e dela tirar suas impressões. De fato, não há como obrigar o leitor a permanecer no texto, restando ao autor fazê-lo cativo pelo que é possível oferecer.

Nas crônicas imperatrizenses, objeto deste estudo, essa marca de intertextualidade está presente, como a garantir seu necessário espaço/valor, persuasão; uma espécie de encantamento junto ao leitor, um espaço garantido pelo encontro possível que um texto pode fazer com outros textos, com diversas situações vividas e contadas e que dialogam, enriquecem, e que estão ligados ao contexto regional. Nessa perspectiva, vale observar um fragmento da crônica *Tolerância, virtude ambígua*, de Vito Milesi (2004):

Um das figuras mais expressivas e veneradas nesta região tocantina é, sem dúvida, o sábio e grande educador que foi José de Queiróz. Quando jovem de uns 20 anos, ainda com algum rebusque de estilo, algumas repetições e conceitos, algum exortativo em primeira pessoa a deixarem transparecer o verdor da juventude, publicava um artigo no seu jornal manuscrito, O Carolinense com o título: “**Que coisa é ser tolerante**”.

Escreveu: “A prática da tolerância (...) implica também a prática de todas as outras virtudes (...) É saber ser irmão da Humanidade (...); é ser caritativo, sem jactância nem exagero; humilde sem baixeza (...). Ser tolerante é viver a lei do amor que é, ao mesmo tempo, caridade, hospitalidade, franqueza, cortesia, nobreza de gestos e polidez de maneiras (...) Já não se compreende o fanatismo num mundo vocacionado à Harmonia...” (Milesi, 2004, p. 75, **grifo do autor**).

A tolerância de que fala o autor, inspirado em escritos de seu mestre José de Queirós, é o sentido da benevolência, é o reconhecimento do direito a alteridade, é a humildade de não se sentir dono de nada, é a força de suportação que é a grandeza de espírito. Percebe-se no texto de Vito Milesi, uma espécie de revisita à seara de conhecimentos que lhes são característicos, desde a religiosidade aos aspectos filosóficos que são marcas de sua escrita, de suas vivências.

A tolerância religiosa é ressaltada no texto desse autor, a convivência pacífica entre as religiões - necessária e urgente no mundo – e em Imperatriz também, sempre salvos os direitos de rechaçar as agressões gratuitas), é expressão de civilidade e maturidade cultural. O reconhecimento do pluralismo filosófico, do entendimento político, do ecumenismo religioso, da multiplicidade étnica, não pode ser simples, suportação, mas aceitação do outro, do diferente,

admitindo que somos uma sociedade multiétnica e pluricultural (Milesi, 2004, p. 76). O recorte evoca as palavras de José de Queirós para ancorar sua abordagem sobre tolerância. A partir do mestre, o cronista posiciona, explicita sua visão de tolerância como reconhecimento de um direito à alteridade e que reporta à grandeza do espírito. A crônica em questão é, de fato, a expressão de um construir intertextual capaz de atender, referendar, valorizar texto outro e se servir dele como fonte para aquilo que se pretende dizer.

A intertextualidade ainda é um exercício intertextual que se faz em um diálogo, uma verdadeira interação de textos para levar o leitor a reflexão, fazendo-lhe provocações e gerando novos entendimentos. Explícito ou não, de certa maneira, ao fazer uso da intertextualidade o autor nomina, aponta, enaltece aqueles que, em parte, são também responsáveis pelo seu fazer literário.

Outro exemplo desta intertextualidade e de seu efeito na produção de sentido do texto podemos perceber na crônica *Patrono José Queirós*, de Agostinho Noleto (2021)

O reconhecimento do valor daquela figura humana de tantos predicados bem cedo se faz sentir. Em sua cidade natal, um busto de bronze em frente à sua casa, na avenida Getúlio Vargas, eterniza sua memória. Em Imperatriz, uma rua da Vila Redenção tem o seu nome e uma escola municipal recém-criada no Conjunto Nova Vitória leva o nome de Professor José Queiroz. Uma coletânea de sua produção literária, com 289 páginas, editada em 1994, uma revista comemorativa de seu centenário de nascimento comemorado em 1992, além de outras publicações que serão incorporadas ao acervo da biblioteca da Academia dão testemunho do vulto histórico que foi José Queiroz (Noleto, 2021, p. 5).

Neste fragmento da crônica de Agostinho Noleto há uma intertextualidade quando ele utiliza as informações e referências do mestre José Queirós, sua produção e acontecimentos para chamar a atenção do leitor sobre a importância da citada personalidade. É uma intertextualidade que carrega elementos de uma memória trazida à luz pelo autor e que imprime um caráter de essencialidade, portanto provocando a sensibilidade do leitor, despertando sentidos, gerando reflexões.

Notadamente a intertextualidade presente nas crônicas, as quais aqui foram extraídos os dois recortes, ajudam a ver não somente que essa característica existe nas construções textuais de cronistas imperatrizenses, como também evidenciam, como artesanias, esse papel de facilitador de diálogo, convidando o leitor a um aproximar-se com relação ao seu entorno, ao reconhecimento de sua cidade, região. Propiciando o entendimento, ajudando em suas próprias conexões e, por consequência, ampliando o universo de leitura.

A natureza provocativa. A rigor, muitas das crônicas pesquisadas – embora por abordagens e caminhos os mais diversos – transportam esse caráter de natureza provocativa. É

da própria essência das crônicas abrir essas janelas do pensamento, das novas abordagens, dos *insights*, das descobertas. Mesmo quando se trata de coisas simples do cotidiano, recurso usual de sua criação, o faz na intenção de provocar algo no leitor, chamando-lhe a atenção para um fato, um detalhe, uma proposição, um sentido. Mesmo quando usa de ironia, humor em uma narrativa, o faz para pescar o leitor e ser apreciado para além do riso, em vias de despertar de entorpecimentos, sem preocupação em oferecer respostas, mas provocando questionamentos.

Percebe-se que há nas crônicas um necessário convite ao exercício do pensar junto, uma provocação substancial ao leitor para determinadas temáticas, um imprescindível chamado à reflexão. Isso vemos claramente nas diversas abordagens das crônicas imperatrizenses. Na crônica nomeada de *Fora de Rota*, o autor Adalberto Franklin conta a história de um almoço que havia feito junto com dois professores de história, os quais chegaram da Bahia, nos idos anos da década de 90, cuja temática principal foi as diversas perspectivas relacionadas à Imperatriz e região. Nessa crônica o autor revela sua perspicácia na condução da conversa com os citados professores, bem como uma clara necessidade de – ao fazer esse relato – provocar o leitor, no sentido de possibilitar novos olhares, gerar reflexões. Cita-se o fragmento:

[...] No hoje, aqui e agora, pode-se conseguir muitos culpados pela desesperança e pela falta de perspectivas que toma conta de muita gente. Há quem goste de culpar os governos e há quem os defenda; há quem culpe o empresário e há quem os inocente; há quem culpe os políticos... ou os trabalhadores... e mesmo toda a sociedade. Com quem está a razão?

Este não parece o momento propício de se buscar culpados ou inocentes. É hora de “cair na real” e reconhecermos a fragilidade do futuro de nossa região. Não nos iludamos. Além de todas as agravantes da economia nacional, estamos também debilitados em nossas perspectivas regionais e municipais. O barco não afundou, temos certeza, mas temos que reforçar seu casco antes que venha a tempestade. Precisamos mostrar que ainda há razões para se ter esperança num futuro melhor. Que, embora possamos estar à deriva, chegaremos à Terra firme. O vatapá estava gostoso, a sobremesa, nem tanto (Franklin, 1995, p. 28).

Neste fragmento, o autor trabalha fortemente com a questão social e política, a partir de um contexto regional. O grande desafio posto nesta interlocução é estabelecer um diálogo argumentativo, dialético, capaz de responder à altura o que é proposto pelos interlocutores. E para comunicar isso ao leitor, o autor refaz os passos da conversa, coloca à mesa a posição e possíveis questionamentos de todos. Na sequência da interlocução, aponta elementos de discussão, chamando a atenção para a necessidade de “reforçar os cascos”, ou seja, de ponderar, de se garantir que alternativas sejam conquistadas, para permitir que se projetem mais bem qualificados resultados de natureza social, política e econômica para a região.

Vale, também, citar outra crônica imperatrizense, cuja essência, busca esse sentido de partilhar discussão que gere reflexão e novos entendimentos. E a crônica é *Escassez de*

Reciprocidade, de Elson Araújo:

É de se questionar! O que adianta uma cidade com uma geografia privilegiada, construída por brasileiros de várias partes do Brasil e do mundo, com um rio maravilhoso, o segundo maior rio genuinamente brasileiro, uma cidade que obedece a direitinho o regime de chuvas, que abriga a maior fábrica de celulose do mundo, com inúmeros cursos de graduação, incluindo três de medicina, sendo dois públicos, e um comércio forte, se a mesma não recebe os cuidados necessários para se desenvolver?

Sou até muito otimista, mas pelos problemas não enfrentados e que só se acumulam, a cidade corre o risco de sofrer um processo contínuo de involução, e ferir de morte as gerações futuras. Tal qual uma empresa, uma cidade malconduzida por sua gente vai falir (Araújo, 2023, p. 34)

Na citada crônica, colocada em foco por este fragmento, há uma preocupação do cronista em situar o leitor em relação às problemáticas da cidade. A questão da gestão da água e dos resíduos, a questão do lixo, a questão dos principais cuidados que se deveria ter com a cidade, os quais são negligenciados. Tudo isso em contraste com o enorme potencial que a cidade de Imperatriz oferece, quer seja em sua topografia, pujança econômica ou referência como polo educacional.

Outra crônica que segue nesta linha provocativa é a de Trajano Neto, intitulada de *Crônica da Saudade*, em cuja essência carrega saudosismo - como o próprio título sugere - mas também faz o seu olhar provocativo sobre o contexto sociopolítico da época. O autor faz uma viagem aos idos anos de 1964, resgatando detalhes e convidando o leitor a refletir. Eis um fragmento:

[...] Indeléveis anos sessenta! Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Roberto e Erasmo Carlos, Caetano, Gil, Bethania, Gal e tantos outros e outras que, por mérito, imortalizaram-se na história cultural da música brasileira. Contraditoriamente, a década de sessenta foi também o momento do apogeu da ditadura militar; para uns, sinônimo de ordem e civismo, para outros, sinônimo de conturbação social, de tortura e repressão intelectual, política e ideológica. Interessante trazer à baila essas lembranças que povoam a minha mente, retornando, nas asas do tempo, à minha cidade natal, Vitorino Freire, onde, para as crianças, assim como para os adultos menos esclarecidos, os comunistas eram animais ferozes e dissimulados que, na calada noite, no Campo Santo, desenterravam os mortos para comer-lhes a carne. A verdade é que, à exceção de alguns detalhes de caráter político-administrativo, a ditadura militar, a chamada “Revolução Política Brasileira”, cuja data magna é 31 de março de 1964, não chegou a baixar a sua mão de ferro na rotina do povo pacato de minha cidade. Ali, os detentores de cargos eletivos (prefeitos e vereadores) não tiveram cassados os seus mandatos. Apesar das contumazes fraudes eleitorais, ninguém foi preso nem torturado. Preponderam, lá, outros valores, outros fatores (Neto, 2012, p. 23).

Pelo que se constata nas duas citadas crônicas de Franklin, Araújo e Neto, os autores, em certa medida, apontam ordem e desordem, sombras e luzes, potencialidades e caos, olhares atentos lançados sobre uma realidade local complexa e multifacetada. Isso torna-se uma

provocação oportuna, um grande convite à reflexão. Uma cogitação engendrada, que não se basta em si mesma, mas almeja despertar o leitor, chamando-lhe a responsabilidade de pensar, tentar responder adequadamente aos desafios apontados.

Humor e ironia. Estas características sempre tiveram seu espaço na literatura brasileira, seja de forma explícita, seja de maneira mais velada, diluída nos entremeios dos textos, sobretudo, jornalísticos. Funciona como meio para divertir, mas também para tecer críticas ao governo, à sociedade, ao comportamento, costumes, cultura etc. E o riso é uma expressão do humor, uma manifestação natural, espontânea, que faz parte do dia a dia das pessoas. Ele é produzido a partir de uma fonte provocativa, que pode estar em uma situação engraçada que alguém compartilhou, uma piada contada, pode estar numa cena inusitada do cotidiano. O humor é mais livre, mais descomprometido, mais afeito ao que diverte. O humor passa por experiências cognitivas que levam ao riso. No dizer de Jerónimo (2015):

Considera-se humor quaisquer eventos ou formulações discursivas, intencionadas ou inadvertidas, que provoquem experiências cognitivas culturalmente partilhadas capazes de suscitar o riso e providenciar divertimento (Jerónimo, 2015, p. 67).

A ironia, mesmo estando aproximada do humor, não se confunde com ele. Nela se encontra uma estratégia discursiva a qual vai depender do contexto e dos interlocutores. Hutcheon (2000). Na ironia está a possibilidade de falar o que se pensa usando determinado elemento por meio do qual se pode dizer o contrário do que se deseja dizer; é aquele uso de palavras furtivas, apontando o que se deseja.

A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar instável, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura. Por isso mesmo, pressupõe que o interlocutor não a compreenda, ao menos de imediato: escamoteado, o pensamento não se dá a conhecer prontamente (Moisés, 2002, p. 247).

Notadamente, muitas crônicas de Imperatriz carregam essa característica. Dessa forma se pode afirmar que se trata de um elemento que compõe parte do perfil de produção, uma marca na construção literária da cidade. Um bom exemplo desse humor e ironia, se encontra na crônica nomeada de *A bicicleta*, de Zeca Tocantins. Nesta crônica, o autor conta parte de sua experiência de ciclista na cidade de Imperatriz, na década de 1980.

Gostava de gastar minhas tardezinhos pedalando bicicleta. Saía do bairro União e subia a Avenida Getúlio Vargas até o encontro com a rua Ceará, onde podia escolher a direita que me levaria até o bairro Bacuri, ou à esquerda, que me daria no bairro Santa Rita. Ainda tinha opção de seguir em frente, atravessando toda a avenida até a Vila Nova ou a Vila Lobão. Pedalar me distraía e me levava aos amigos mais distantes. Era assim que costumava

chegar à residência do sanfoneiro e tecladista Temístocles, que além de músico era proprietário da banda Raios de Sol. Gostava de saber dos acontecimentos. Esses profissionais assalariados viviam quase sempre numa corda bamba, alternando dias fartos com dias difíceis. Poucos deles tinham habilidade para criar uma reserva financeira para atravessar os momentos de escassez. A cidade sem ladeiras facilita o tráfico das “magrelas”. Se nossos governantes providenciassem vias para esse tipo de transporte, seguramente nossos habitantes seriam mais saudáveis, afinal de contas, está comprovado cientificamente que pedalar faz bem à saúde. Além, claro, de não causar nenhuma poluição, contribuindo com a qualidade do ar que respiramos. Os ciclistas esportivos uniram-se em grupos e fugiram do trânsito louco da cidade, buscando as trilhas e estradas que eles oferecem mais segurança. As academias adotaram bicicletas que não saem do lugar, agora, os trabalhadores que necessitam desse transporte tiveram que substituí-lo pelos coletivos. Pedalar na cidade grande, tinha ficado muito perigoso. Talvez um dia nossa evolução civilizatória nos leve a guardar os carros na garagem e dedicar um dia ao passeio ciclístico, permitindo assim que crianças e idosos pedale com segurança por nossas vias públicas. Numa das minhas visitas à sede da banda, fui surpreendido por um por um Temístocles totalmente diferente, revestido de empresário. Encontrava-se atrás de um balcão comandando uma mercearia bem surtida. Ali se encontrava tudo, inclusive um açougue. Fiquei feliz em constatar que meu amigo havia prosperado, aquela mercadoria era a prova dessa constatação. Conversando, fiquei sabendo que o recurso para aquele investimento viria da venda da própria banda. As inconstâncias dos músicos e as dificuldades de contratos tinham levado meu amigo a tomar aquela decisão, fato que eu tinha magoado profundamente. Sem pensar as circunstâncias, elogiei a decisão, desatei a língua falando de negócios, cheguei mesmo a afirmar que faltava apenas mais um passo para que ele fosse dono de um supermercado. Notei que meus elogios iam lhe tirando o ânimo; a tristeza habitou seu semblante e a voz saiu embaraçada: “Vou vender tudo e comprar outra banda”. Aquilo me soou como bofetada. Aquele camarada devia dar graças a Deus por poder agora dormir os finais de semana com sua família; ele agora estava livre do abuso de certas pessoas que impõem suas vontades só porque têm dinheiro. Melhor ainda: tinha se livrado daqueles cantores daqueles músicos... Minha mente foi povoada por um mundo de impropérios que só estancou quando o meu amigo voltou a falar como alguém que reconhece sua divina missão. “Meus clientes são os músicos desempregados da banda”. Baixei a cabeça (Tocantins, 2013, s/p).

Necessário foi colocar a crônica na íntegra para que não se perdesse de vista o sentido do humor com sutis tons de ironia que foram trabalhados pelo autor. Ele conta que, conforme sua própria rotina de andar pela cidade de bicicleta, foi visitar o seu amigo sanfoneiro chamado Temístocles, proprietário da então banda musical *Raios de Sol*. Na visita, encontra Temístocles ocupado com uma venda recém-inaugurada, cujo recurso veio exatamente da venda de sua banda. Na interlocução, Zeca tenta fazer uma fala de ânimo ao novo proprietário, falando das perspectivas de ampliar o negócio, prosperar etc., cai ali por terra seus argumentos explicitados, bem como seus pensamentos, os quais versavam sobre o alívio que Temístocles estaria sentido mediante ausência daqueles músicos na sua intensa rotina musical - talvez nada satisfeito com o rumo daquela conversa. Ao que o ex-proprietário da banda e novo proprietário da venda, declara que pretende vender seu estabelecimento, pois seus clientes são seus próprios músicos, agora desempregados.

Essa crônica, de certa forma, faz uma conexão com uma contada por Jurivê, também ambientada nos anos de 1980, chamada de Lembrando Vito. Nessa crônica, o autor conta a história também de uma conversa entre duas pessoas: o professor Vito Milesi e um assaltante. Uma conversa, que dado ao cenário, poderia ter sido conduzida de outra forma. Todavia o desfecho de natureza humorada/irônica chama a atenção:

Quase meia-noite, depois da última aula no campus local da UEMA, ele rumava para a sua casa trilhando o trecho mal iluminado daquela rua. Sentiu nas costas algo que ele pareceu o cano de uma arma. A voz disfarçada deu a ordem: - É um assalto, velhinho, pra cá o dinheiro, e não estrebucha. Sem diminuir os passos e sem esboçar qualquer reação, o professor deu o seu recado: - Meu amigo, quase metade do mês e o senhor assaltando um velho professor que ainda por cima, está com salário atrasado. O senhor está perdendo seu tempo comigo; dinheiro não existe. Foi a vez do quase assaltante assustar: - Professor é, o senhor? Me perdoa, que eu nunca imaginei isso. - Tudo bem, mas não deveria ser porque sou eu, o senhor não deve assaltar ninguém. Está errado. - O senhor não pode andar assim sozinho, professor... quer que eu lhe acompanhe até sua casa? - É... Noite escura e rua deserta, uma companhia é sempre bem aceita. Caminharam juntos as três quadras que os separavam da casa do mestre. - Pelo amor de Deus, professor, não me entregue à polícia, não. - Entregar o senhor à polícia por qual razão? O senhor não me feriu, nem tirou nada de mim. Vá para casa e procura dormir. Para com essa besteira de assalto, que um dia o senhor pode se dar mal. Obs.: Victor Milesi narrava isso como se estivesse contando uma piada engraçada. Contava o milagre, mas jamais revelou o nome do “Santo”. Seu quase assaltante ficou no anonimato (Macedo, 2012, s/p).

Para além do que foi dito nas duas crônicas, um elo acaba aproximando-as não somente pelo tempo do fato situado - idos anos de 1980, mas as expectativas dos personagens, as que foram frustradas: Na crônica de Zeca Tocantins, a expectativa do autor - o próprio Zeca - era confirmar a excelente escolha do ex-dono da Banda, Temístocles; na crônica de Jurivê de Macedo, a expectativa do assaltante era assaltar um desconhecido que possuísse dinheiro. Ambos se frustraram ante a realidade impetrada. No universo do humor e da ironia, Zeca se surpreende com a reação do ex-dono da banda, e o ladrão anônimo se surpreende com a reação do professor.

Diversas crônicas de autores locais vão colocar esses elementos de humor e ironia. Uma outra crônica bastante interessante é a de Gilmar Pereira, intitulada *Pensando na ideia de Livaldo Fregona*. Um texto que fala de ligações de uma pretensa escritora com Livaldo Fregona. A evolução das ligações exercita a paciência de Fregona. Uma paciência que vai sendo testada aos poucos, e garantido aos leitores, um merecido divertimento. A crônica aqui se transcreve:

Insistência. Aborrecido atende o telefone. Parara no segundo capítulo do seu décimo segundo livro. Um romance desta vez. Do outro lado da linha:
- Gostaria de saber do senhor como fazer para ser escritor?

À primeira vista percebe que o assunto é bastante infantil:

- Olhe, em primeiro plano é preciso ter talento. Conhecimento. Inspiração...
- O senhor já nasceu com talento, conhecimento e inspiração?

Embaraça-se com a resposta:

- Bem, em todo caso é preciso muita dedicação.

Depois de dez minutos ao telefone a pessoa insiste ainda na última pergunta:

- Como fazer para não sentir sono ao escrever?
- É estranho. Não é meu caso. Mas não é bom passar sono. O certo mesmo é dormir quando necessário.

Dois dias depois. O telefone toca no mesmo horário. Insiste. Só resta atender. Torce para que não seja a mesma pessoa. "Torcido e perdido". É a mesma pessoa. Desta vez querendo uma solução. Como se o escritor já fizesse parte de sua própria história:

- Olhe, quando inicio a escrita me dá um sono tremendo!

O escritor:

- Pois durma, minha filha!
- E quem é que vai escrever por mim?

Já um pouco aborrecido por ter parado no oitavo capítulo de seu livro, resolve partir para uma decisão fútil:

- Se você quer ser uma escritora ou quer escrever alguma coisa, faça o que for melhor!

Do outro lado:

- Tive uma ideia.
- Pois então.
- Quando estou comendo, não sinto sono!

O escritor:

- Tá uma boa ideia, escreva sempre comendo alguma coisa. Oito meses depois. O escritor, totalmente aliviado como se tivesse parido uma porcoespinho adulto, dá os últimos retoques nos capítulos do romance. Quando o telefone toca:

- Alô?
- Alô!
- O senhor se lembra de mim?

Ele busca na memória. A realidade mistura-se com a sua última ficção:

- Não!

Do outro lado insiste:

- Sou aquela garota que tempo atrás lhe pediu conselho sobre como escrever um livro.
- Ah! agora me lembro. Você conseguiu escrever seu livro?

A voz um pouco grossa:

- Escrever, escrever não, mas quero lhe dizer que estou acabando de sair para uma clínica de recuperação. Preciso perder trinta quilos.

O escritor bate o telefone e inicia seu décimo terceiro livro. (Pereira, 2012, p. 12)

Esta crônica de Gilmar Pereira guarda uma estreita relação com a crônica *O telefone de Ludovico*, de Vito Milesi. Ambos trazem o contexto de uma ligação telefônica. Ambos apresentam essa característica de humor com toques de ironia. Em Gilmar, uma interlocução entre Fregona e uma pretensa escritora; em Milesi, uma interlocução entre Ludovico e uma jovem que insistia em fazer perguntas ao velho professor. No desfecho, Fregona e Ludovico, batem o telefone nos seus interlocutores. Ira e indignação do momento, que ao serem contados, carregam humor e ironia marcantes.

4. CRÔNICAS REGIONAIS EM SALA DE AULA – LETRAMENTO LITERÁRIO

Tu bem o sabes: texto não lido não cumpre sua peculiar função de provocar reflexão. Não transforma olhares, não fertiliza pensares, imaginação, raciocínio crítico, visão crítica de mundo; equivalem, enfim, aos pequeninos que já nasceram mortos. Entendeste? (Monteiro, 2012. p. 23)

Como bem retrata o fragmento acima, não há argumentos que possam subestimar ou desqualificar a importância do ato da leitura como ferramenta de inserção social da pessoa. No dizer de Silva (2011, p. 36) trata-se de “um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências”. É dessa forma que almeja e se envidam esforços, os mais diversos, para que o indivíduo possa apropriar-se de gêneros textuais que trabalhem habilidades de leituras, dentre eles a literária. Neste sentido, o trabalho com o gênero da crônica, pela leveza e atratividade que oferece - considerando uma seleção adequada, com objetivo claro e metodologia coerente - pode tornar-se um excelente recurso para formação de leitores críticos e até mesmo fomentar escrita literária.

Silveira (2009) lembra que, a depender de uma adequada seleção de crônicas, o aluno pode aderir à atividade de leitura com prazer. Isso porque trata-se de um gênero capaz de envolver os seus leitores. Uma espécie de diversão que seduz. A autora defende ainda que o processo de leitura de crônicas, leva o aluno a tornar-se gradualmente mais receptivo a outros gêneros na sala de aula.

No contexto educativo atual, como se sabe, o ensino tradicional ainda está fortemente arraigado. Ainda persiste um processo de leitura acentuadamente mecânico de decodificação da escrita. Braggio (1992) afirma que esse processo enfatiza sílabas, palavras, e construções que carecem de significado. O leitor, por muitas vezes, acaba assumindo uma função de repetidor passivo, decifrando determinado texto. Essas práticas repetitivas são exaustivamente utilizadas por professores, que acabam fragmentando o ato de ler, distanciando-se do seu contexto social e comprometendo seu significado.

Como resultado de políticas educacionais equivocadas quanto à demanda que versa sobre a formação de leitores, hoje, as estatísticas apontam que em nosso país, o percentual de não leitores é de 44% (IBGE, 2022). Isso num universo de 203 milhões de habitantes, estamos falando de algo em torno de 89 milhões de pessoas que não têm acesso ou não leem livros em nosso país. Outro dado revela que 30% da nossa população, ou seja, mais de 60 milhões de pessoas, nunca compraram um livro na vida. Isso é socialmente preocupante – e, portanto, cabe uma fala política – porque, na medida em que oportunidades são desperdiçadas a cada geração, por falta de adequados investimentos na formação, solidificam-se projetos nefastos de poder e

de manutenção dos privilégios de quem sempre usufruiu das riquezas a que todos têm direitos.

É preciso fazer uma justa reivindicação – para além das mais prementes demandas que se conhece (alimentação, saúde, moradia, emprego e renda) – em prol de uma educação para o conhecimento, educação para uma cultura literária acessível a todos. É preciso ocupar espaço de decisões que ocorrem nas bases, escolas, secretarias de educação, conselhos municipais de educação, fóruns educativos, universidades etc. Esse movimento é fundamental na defesa de um projeto de democratização dos meios que levem a todos, indistintamente, ao pleno acesso ao que lhes é assegurado por direito.

Voltando a questões práticas em sala de aula: quando o objetivo é o letramento literário, a formação de novos leitores, o grande desafio é estar presente nas escolas, exercendo uma pedagogia comprometida com esse letramento. Notadamente, é preciso que investimentos sejam feitos de forma robusta e qualificada. É preciso gerenciar adequadamente a oferta de obras de acordo com o perfil dos leitores. Obras canônicas têm seu valor inestimável, obras de cem, duzentos, trezentos anos... Todavia, há um tempo e um modo adequados para oferecê-las para nossos leitores iniciais. Quando a leitura baseada em textos mais simples e estrategicamente adequados estiverem integrados ao exercício de leitura do aluno, da sua lida diária na escola, abrir-se-á janelas de entendimento para obras cada vez mais complexas – isso é essencial.

Trata-se, de fato, de um caminho de conquista, onde é preciso lhes oferecer o lúdico, a atratividade, a leveza, a diversão, o contato com situações humanas as mais diversas, bem como outros elementos que motivam a vida e a leitura do aluno. Oferecer, no dizer de dizer de Candido (1993, p. 23), “uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”.

É preciso ainda que o ato da leitura seja também o construir sentidos. Nessa perspectiva, Kleiman (1999) enfatiza que o leitor precisa, nessa construção de sentido para o texto, interagir com os mais diversos conhecimentos, sejam eles linguísticos, textuais históricos ou da vivência do cotidiano. Muito ajuda o pensamento de Freire (2011), ao falar da leitura como um ato político e pressuposto para a liberdade. Uma liberdade conquistada pela leitura crítica e reflexiva, permitindo ao sujeito adquirir elementos de compreensão social e política que lhe permita fazer enfrentamentos necessários para modificar sua própria realidade.

Nessa dinâmica de leitura, Bajour (2012) ajuda a refletir que na escola – sobretudo na segunda metade do século XX – coabitam dois discursos: o primeiro, que infere que a escola oferece uma proposta de leitura ligada à obrigatoriedade, ao que pesa sobre o aluno a responsabilidade pelo cumprimento de tarefas de leitura, sem as quais não poderá se sobressair nas avaliações; e o segundo discurso que é o da liberdade, associada à ideia de prazer pela

leitura. Contudo, o que de fato vale como argumento pertinente, é o que a autora vai chamar de *promoção da leitura*. Promover a leitura literária, por diversos caminhos metodológicos, desde que a perspectiva seja a partilha de um bem que é de todos.

A literatura é uma ferramenta de inserção social do indivíduo, pois, no dizer de Silva (2011, p. 36) trata-se de “um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências”. Usar essa ferramenta é um desafio que se impõe. Usar essa ferramenta significa gerenciar um importante recurso facilitador de meios, que de certa forma, contribuem com a vida do indivíduo. É dessa forma que se almeja e se faz necessário envidar esforços, os mais diversos, para que o aluno possa apropriar-se de gêneros textuais que trabalhem habilidades de leitura, aprimorando a questão da escuta, em vista da melhoria na qualidade de sua própria escrita.

Bajour (2012), apoiada em Roland Barthes, George Steiner e outros – em seu livro *Ouvir nas entrelinhas* (2023) – vai fazer uma abordagem interessante sobre a questão da “escuta” do leitor ao texto o qual se depara. Uma escuta que pressupõe intencionalidade e consciência. A autora avança nessa discussão, ao dizer que é enriquecedor pensar na leitura também como esse espaço de diálogo, de bate-papo, em uma interação de sentidos que o texto pode suscitar.

Expressar-se em voz alta, discorrendo sobre determinado texto, com sua própria voz e entonação é uma experiência de sentir o texto, de ouvi-lo com sua própria subjetividade e surpreendendo-se com a própria forma de interpretá-lo. Segundo a autora, estes sons fluem e se encontram com outros sons, em uma interessante forma de dialogar. Nesse particular, instigante se torna a experiência de apreciar e aceitar também o som que emana do outro, nem sempre convergente, mas por certo, sempre agregando novas visões de mundo. Essa experiência de ouvir o que vem do outro é uma forma de empatia, e carrega um sentido de paciência e generosidade – certamente essa mesma generosidade atribuída ao leitor a qual defendia Sartre (2015).

Não há negação alguma no silêncio apreciado e reivindicado pelos leitores, todavia se coloca à mesa o espaço de partilha da leitura como “espaço subjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença, mesmo que não concorde com ele” (Bajour, 2012, p. 25). Nisso reside uma riqueza imensa, considerando o que se constroem nas relações que se estabelece com o outro e com o mundo. A leitura, nesta perspectiva de atividade de partilha, com sensibilidade necessária para escutar o texto pelo olhar do outro, oferece um significado de natureza cooperativa, que gera processos de humanização.

A escola, reitera Bajour (2012), é este espaço de leitura privilegiado para preparar o ouvido de si e do outro para a arte contida nos textos literários, bem como outras manifestações artísticas que a todos pode tocar. E acrescenta: “a escolha de textos vigorosos, abertos,

desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações, é a antessala da escuta.” (p. 27). A escola, espaço mediador de escuta, precisa desenvolver projetos que levem o aluno a essa experiência de estar com o outro, de construir algo juntos, de desenvolver potencialidade de forma articulada e coletiva. Na literatura, há espaço aberto para o encontro com o leitor, também ávido por contar sua própria história, por refletir sua experiência entrelaçada com determinada obra, por partilhar incertezas, convicções, sensações ou impressões, todas elas a partir da experiência nascida com a literatura.

4.1 A Estratégia de letramento literário

O letramento literário é fruto da expansão do termo letramento, vinculado aos usos sociais da escrita (Souza e Cosson, 2011). Diferentemente de outras formas de letramento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita, sendo uma forma de letramento particularizada, onde a literatura ajuda na compreensão do mundo.

Viver essa experiência de leitura literária em vista do letramento, passa pelo exercício do papel ativo do leitor no momento da leitura, buscando a interação entre autor, texto, contexto e o próprio leitor. O leitor que adquire a tarefa de acessar o texto com interesse, fazendo de sua leitura um movimento de atenção e interesse pelos detalhes, buscando identificar as possíveis propostas do autor, os significados que podem ser descobertos neste processo.

Contudo, é sempre oportuno lembrar que, ao mesmo tempo em que a leitura exige atitude do leitor, ela não se transforma em camisa de força. Ao contrário, deve significar um salto para a própria liberdade. Uma liberdade que propõe um mergulhar no texto em vista das descobertas, tal como um voo livre e garantido pelos ventos da ousadia e da sensibilidade. Nesse exercício do leitor com o texto, está contida a possibilidade de ele, ao mesmo tempo em que melhora suas qualidades de leitor, cria condições de desenvolver seu lado crítico e reflexivo, que é pressuposto de letramento e outras conquistas pessoais. Há notadamente uma perspectiva freiriana, quando se alinha a liberdade, as descobertas, o senso crítico do aluno, neste processo de letramento. Porque tal processo pressupõe engajamento político no sentido da ação efetiva do aluno, que pode tornar-se sujeito partícipe das necessárias transformações sociais.

Por outro lado, é perceptível no âmbito do Ensino Médio, que permanece uma tendência dos jovens ao desinteresse pelo texto escrito. Silva (2005) chama a atenção para o fato de que a escola ainda não tenha dado necessária importância a atividades que promovam a discussão de textos, com seus significados e sentidos, detendo-se apenas a exercícios de interpretação que exploram aspectos já explícitos. Também está presente a velha forma de olhar a literatura na

escola como historiografia literária. Esse processo, em certa medida, reforça no aluno uma tendência para a acomodação em seu percurso de leitura.

O movimento que se contrapõe a esta tendência de apatia do aluno, passa pelo investimento do professor, da escola, do Estado, na conquista do deste aluno, para que adentre o universo da leitura e dele realmente faça parte. Um movimento que seja capaz de comunicar sentido ao aluno, fazendo dele um aluno-leitor. Um aluno que, com a ajuda do professor – que necessariamente precisa ser um professor-leitor – seja capaz de acessar os textos, compreender suas intenções, as aventuras poéticas, as narrativas, os sentidos construídos, as personagens, o ponto de vista pessoal do autor na escrita, o desfecho da história etc.

Necessário se faz retornar à perspectiva do questionamento já apontado, qual seja, a eficácia do exercício da leitura a partir de crônicas regionais como recurso para prover o letramento literário e desenvolver o senso crítico. Neste sentido, grande é a contribuição de Freire, quando diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2011, p. 9). A leitura de mundo, cujo ponto de partida é a experiência de vida, do contexto, dos fatos, para depois chegar à palavra, ganha todo sentido. Ademais, é muito importante que a escola seja este espaço fomentador dessa leitura. Uma escola que conquiste o aluno, considerando o que carrega em sua bagagem, para que depois seja capaz de priorizar os textos os quais podem tornar-se atrativos a ele. Essa atratividade dialoga com a literatura – e de modo particular, com as crônicas - objeto desta proposta. É um caminho rico de possibilidades, capaz de exercitar os sentidos e produzir novas compreensões.

Ganhos qualitativos sempre serão obtidos, quando se lança ao desafio de promover práticas escolares de leitura, independentemente dos gêneros que se deseja trabalhar. Entretanto, o exercício da leitura sistematizada em forma de trabalho com literatura, a partir do gênero das crônicas, no âmbito do Ensino Médio, aponta para significativos avanços na leitura, interpretação e desenvolvimento de senso crítico do aluno. Monteiro (2011) chama a atenção para o uso da crônica como essa possibilidade de um olhar sobre os acontecimentos do cotidiano de maneira detalhada, valorizando a aspectos da vida e, portanto, exercendo essa atratividade do aluno para a leitura e compreensão do texto.

Essa possibilidade de o aluno olhar os acontecimentos do cotidiano, pela janela das crônicas, jamais poderia existir a partir de uma observação passiva e descomprometida. Ao contrário, precisa vir acompanhado de atitude de leitor comprometido numa perspectiva crítica. Isso é possível na crônica, pois, para além de colocar fato, comumente, do cotidiano, há um movimento de acentuada provocação. O que o autor estaria querendo ressaltar ao contar determinado fato? Quais suas motivações?

Enxergar nas crônicas a necessária provocação que a partir dela se irradia, é exercício de letramento literário, o qual transcende à mera leitura, reconhecimento de palavras, frases, períodos. Autor, texto e leitor se intercomunicam nesse momento solitário de sínteses, descobertas. Há uma espécie de atingimento de metas em todo o processo: o autor, que se deixa conhecer parte do pensamento pelo texto; o texto que abre janelas de entendimentos para o leitor; o leitor que, pela subjetividade, empresta seu olhar para o texto, abrindo caminhos novos de compreensão.

Neste sentido, é válido o argumento de que, ao ser conduzido à uma leitura literária enriquecedora – no sentido do uso correto dos símbolos gráficos, normas e entonações – adicionados ao livre mergulho no conteúdo do texto literário, como uma crônica, o aluno abraça o letramento literário e dele alimenta suas próprias referências. O letramento literário oportuniza esse ganho formativo, permeado de leitura crítica, contextualizada com a vida e os acontecimentos, pleno de sentido literário e social.

O letramento literário também é capaz de transportar consigo um potencial de autonomia para o aluno, na medida em que ele adquire melhor domínio da escrita e do significado desta. Porque todo e qualquer processo educativo e literário que trabalhe na perspectiva da autonomia do aluno, precisará fazê-lo compreender o valor que está subjacente ao texto – um valor capaz de conjugar conteúdo e sentido, os quais poderão prover o aluno de ferramentas emancipatórias, tais como o senso crítico, a visão de mundo, a clareza de pensamento, a sensibilidade etc. Essas ferramentas fortalecem o aluno para livrar-se de dependências e limitações, gerando autoconfiança e projetando-o para novos desafios.

4.2 Sala de aula: espaço da crônica

Considerando que o universo da leitura não faz parte do hábito para grande parte dos alunos que frequentam escolas, considerando que se tem um déficit de leitores e que a leitura está sendo percebida como uma atividade de pouco interesse, o espaço educativo precisa mesmo ser desafiado. Solé (1998) vai lembrar que o ensino da leitura passa por estratégias as quais trabalhem o significado do texto, observando com atenção, interpretando o que se passa em volta do aluno, o contexto vivido, fazendo a necessária leitura de mundo.

Torna-se, portanto, oportuno indagar como a leitura e especificamente a leitura literária pode se tornar atraente para o aluno. De uma maneira mais objetiva, particularizada – compreendendo as possibilidades do gênero das crônicas as quais foram discutidas – cabe se fazer dois questionamentos:

A)- Como posicionar a crônica como um recurso atrativo, provocador de ideias, gerador de senso crítico, fomentador de novas leituras?

B)- Como fazer o aluno encontrar sentido nas crônicas de Imperatriz como ferramenta de leitura da própria realidade?

Se for possível responder satisfatoriamente aos dois questionamentos propostos, também será possível responder ao desafio maior que é trabalhar por um processo efetivo de letramento literário. Um letramento literário que seja capaz de prover ferramentas para se compreender o mundo e a si próprio, através da leitura. Esse desafio está indexado a imensos ganhos pessoais e sociais. Implica em colocar a escola com um protagonismo que gera responsabilidades adicionais. A escola sendo garantidora de uma pedagogia articulada para o letramento literário.

Posicionar a crônica como recurso atrativo, provocando ideias e levando ao senso crítico, pode se tornar possível, considerando as características desse gênero. Um gênero, cuja origem está ligada sobretudo ao universo jornalístico – sem, no entanto, se limitar a ele – é atrativo pela própria forma de ser. Trata-se geralmente de textos curtos – lembrando que parte do público guarda resistência com textos longos – os quais refletem o cotidiano, o ordinário da vida, as mais variadas situações no campo político, social, das relações pessoais, comportamentos etc.

Adicionado à questão da atratividade, há concomitantemente um componente de natureza cômica, lírica e com traços de oralidade que muitas vezes cativam o leitor. Todavia, o passo crucial passa pelo movimento de fazer o aluno-leitor perceber essas características, sentir estes pontos de envolvimento com o texto.

Enxergando as crônicas como essa possibilidade de leitura leve, aproximada da realidade, com toque de humor, associadas a percepções próprias do próprio leitor, o aluno poderá encontrar razões para tornar-se leitor de crônicas e delas se motivar a novas e mais densas leituras. E para além disso, a partir dessa experiência de navegação diversa no oceano literário, descortina valores, reinventando-se cotidianamente.

A outra questão, que trata de o aluno encontrar sentido nas crônicas regionais, em vista da leitura da realidade, é por demais provocativa. Ela passa pela perspectiva do enlevo, que está ligada ao prazer de ler algo que o agrada por vários aspectos, mas segue para além do prazer: é preciso encontrar sentido no que está sendo lido. E este sentido passa por uma identificação com o texto proposto; passa pelo leitor encontrar-se com o autor pelo texto; pela cumplicidade que o texto suscita, a ponto de este adentrar-se à obra, e dela fazer sua própria síntese.

Uma identificação é sempre necessária, que seja capaz de construir sentido ao texto, tal como uma janela aberta, a qual revela possibilidade de o aluno desenvolver-se. Uma perspectiva de superar entraves e conquistar seu espaço no mundo real. E essa conquista do mundo real deve e pode ser desafiadora para o aluno. No entanto, somente fazendo essa experiência literária, superando adversidades iniciais, vencendo resistências, poderá crescer no mundo da leitura e dele poder tirar os melhores proveitos.

Compreende-se que, a partir da sala de aula, o ensino da literatura pode desempenhar um papel essencial para a formação do indivíduo, provendo ferramentas para desenvolver o pensamento crítico, na dinâmica dos comportamentos, na formação socioemocional entre outros. Todavia, o desafio passa para o campo da aplicação prática. E essa aplicação prática passa ainda pelo valor formativo da literatura que ocorre para além de uma teorização ou mera historiografia da literatura, mas ela mesma como instrumento de fluência, de um entregar-se à liberdade de um texto, e com esta liberdade poder interagir com outras áreas do conhecimento.

No âmbito da sala de aula há de se atentar também para a continuidade do processo. Um projeto bem-sucedido passa pela paciência de maturar as etapas, de rever estratégias pedagógicas, de revisitar a aplicabilidade dos textos. Ademais, dialoga plenamente com as competências da BNCC desenhadas para o Ensino Médio, e uma maneira especial quando trata da competência específica para Linguagens e suas tecnologias para o Ensino Médio:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo (Brasil, 2017).

Do mesmo modo, a proposta da aplicabilidade dos textos com crônicas está conectada à habilidade assim identificada:

(EM13LP02) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade” (Brasil, 2017).

Com esse mencionado diálogo com o que está preconizado pela BNCC, bem como sua aplicabilidade prática, as crônicas dos autores de Imperatriz poderão visitar suas escolas, e nas salas de aula poderão deixar fluir esse sentido da liberdade. Nunca uma liberdade sem condições, mas uma liberdade que carrega signos, portanto imprime sentidos, revela intenções, provoca a cognição do aluno. Estar na sala de aula é a essência da proposta. Neste sentido se propõe um indicativo, o qual abaixo se aponta:

Quadro 1: Indicativos para sala de aula

INDICATIVOS PARA SALA DE AULA
Identificação do plano: Letramento literário. Leitura e interpretação: Crônica em foco
Área: Linguagens e suas tecnologias
Disciplina: Língua Portuguesa
Competência BNCC: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo (Brasil, 2017).
Habilidade BNCC: EM13LP02 - Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade” (Brasil, 2017).
Turma: 1º ano do Ensino Médio
<p>Sobre aula:</p> <p>Esta aula aborda o no gênero crônica, com aplicação de dois textos (duas crônicas), para leitura compartilhada e exercício de interpretação.</p> <p>A aula faz parte do módulo de leitura e interpretação textual pela crônica</p> <p>Informações introdutórias para aula: A palavra origem do termo Crônica (grego <i>Chronos</i>), gênero que utiliza o tempo como base; aborda fatos simples, questões que se passam no cotidiano e expresso em linguagem literária; texto com narrativas curtas, com personagens reduzidos e predominância de oralidade.</p>
Conteúdo: Duas Crônicas regionais.

1. *Endereço errado* --- de Jurivê de Macedo

Verdade que à falecida faltavam dois dentes. Faltava-lhe também aquele sinal (um cravo) sob o olho esquerdo. Aos olhos da dona da casa, “esta mulher não é minha mãe, mamãe era menor do que esta”. Mas no documento do hospital a defunta era dona Floripa, ali internada na tarde anterior, vítima de AVC. Pelo sim e pelo não, a funerária foi chamada, a morta posta em bonita urna “defuntícia”, flores foram postas em volta do corpo e, claro, o choro, as orações, os pêsames próprios dessas ocasiões, o cafezinho servido aos condoídos visitantes, tudo era feito segundo manda o ritual dos velórios. O féretro (êta palavrinha besta) saíria da casa por volta das cinco vespertinas. Tudo corri dentro dos conformes quando na porta da casa para outro carro funerário; dentro dele um outro cadáver de mulher. Essa aí, sim, é dona Floripa, bradaram familiares e amigos; até a inconsolável órfã respirou um tanto mais aliviada, “essa agora é minha mãe, graças a Deus”. Feita a troca das defuntas, e permutado os papéis do necrotério do hospital, desculpas esfarrapadas foram dadas à família.

Um ligeiro engano dera origem à troca dos dois corpos. “A senhora sabe como essas coisas acontecem! Aceite nossos pêsames e também nossas desculpas pelo incômodo”. Só então dona Floripa, já devidamente pranteada e de alma encomendada a Deus, tomou o seu devido, mas certamente não querido lugar no caixão e na sala do velório. Foi confirmada a hora da verdadeira viagem, enquanto outra defunta, que quem era nem de onde era ninguém da casa sabia, foi devolvida ao necrotério do hospital, agora sem choro, nem velas, nem flores.

2. *Brincando com fogo* --- de Zeca Tocantins

Quando desce a tarde sobre as águas do rio Tocantins, bandos de pássaros cruzam os céus em busca de seus dormitórios. Eu havia mergulhado, e agora esticava o corpo numa espreguiçadeira. Os anjos encarregados de recolherem as orações, já cumpriram suas tarefas e, agora se divertiam, pintando o céu de várias cores.

Foi nessa hora que tive a ideia estúpida: tocar fogo no capim seco da margem. Ao lado da minha casa, ficava uma casinha de palha do professor José Geraldo da Costa, que a utilizava, nos fins de semana, para seu descanso. Só descobri o perigo quando vi o capim queimando feito gasolina e, para complicar mais ainda, surgiu em vendo, não sei de onde, tangendo as labaredas pra cima da casa do professor.

O fogo gritava no barraco, devorando o capim, enquanto eu providenciava uma escada, um balde com água e uma vassoura para tanger as brasas que insistiam em repousar no barraco de palha.

Várias pessoas tinham se reunido para ver o acontecido e, o pior, eu ainda era um estranho na vizinhança. O fogo só parou porque não pode transpor um caminho que descia pro rio. Salvei o barraco. Mas foram destruídas dezenas de ninhos de galinha. Prometi pagar os ovos e nunca mais brincar com fogo. E a tarde estava tão bonita!...

Objetivos:

1. Apresentar dois textos de crônicas de autores regionais;

2. Fazer uma análise dos textos e do contexto da escrita;
3. Partilhar a experiência e o sentido produzido mediante a leitura dos textos;
4. Fazer conexões com a vida cotidiana, gerando interesse e despertando novos olhares;
5. Oportunizar um diálogo com os textos e entre os leitores, descobrindo caminhos novos de compreensão, sensibilizando para a conquista de leitores pelo prazer.

Metodologia:

1. **Leitura Participativa.** A turma sendo dividida em duas equipes, com seu respectivo texto. Cada equipe assume seu texto para leitura e análise sob a supervisão alternada do professor. Em seguida, um representante de cada equipe partilha a experiência de leitura e compreensão do texto. O professor então faz as perguntas provocativas, tais como: Como a equipe compreendeu o texto? O que o texto tentou expressar? Quais possíveis conclusões é possível tirar para a vida prática?
2. Na segunda parte da atividade, o professor convida os alunos a aproveitar as temáticas suscitadas, a partir da crônica escolhida: além das possíveis conexões com a vida, o que poderia propor do ponto de vista prático aos alunos. Entrevista? Uma resenha? Uma visita ao autor (se vivo)? Uma pesquisa comparando a crônica trabalhada com outras crônicas do mesmo autor ou de outros autores? Esse segundo passo é importante, pois trata-se do efeito prolongado da atividade proposta. Na mente do aluno, prevalece uma continuidade da atividade, mantendo-o ativo no processo por mais tempo, trilhando percursos de letramento.

Materiais necessários: - Projetor / Cópias dos textos para as duplas/ caderno de anotações/ ficha de perguntas.

Avaliação: Um formato processual e qualitativo, onde o professor avalia a evolução da atividade no decorrer do processo. Um espaço para o aluno avaliar seus pares e a si próprio a partir de referenciais como habilidade de leitura, argumentação, compreensão do texto etc.

Referências Bibliográficas:

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. **Jurivê de Macedo**: mestre da crônica jornalística. Imperatriz: Ética. 2012.

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. **Antologia**: contos, contos, poesias. Imperatriz. Ética: 2012.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura Trad. Alexandre Morales. Pulo do Gato: São Paulo, 2012.

Fonte: Autoria própria (2024).

Como se pode acompanhar neste indicativo, o qual se destina a servir como referência ao trabalho pedagógico, a partir do uso das crônicas, o objetivo do letramento literário está presente. A ferramenta didática será um caderno de antologias com 50 crônicas. Lá, também, o professor vai encontrar dados biográficos do autor da crônica escolhida. E muito embora se encaixe e seja proposto a partir do componente curricular Língua Portuguesa, poderá ser um recurso que transita como apoio a áreas afins.

Como foi explicitado, além dos materiais necessários para esta atividade (projektor/ cópias dos textos, caderno de anotações/ ficha de perguntas), a ferramenta oportuna a ser trabalhada na sala de aula é o e-book de antologia com 50 crônicas, intitulado *Antologia em sala*. Uma produção elaborada a partir de uma pesquisa sobre crônicas, considerando a autoria, o texto, o contexto e as diferentes possibilidades de sua aplicação.

5 A PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA

Conforme explicitado na Instrução Normativa N° 02/2021 – PPGLe/Uemasul, o produto técnico-tecnológico refere-se a um “objeto tangível”, o qual é resultado de uma aplicação de novos conhecimentos científicos, novas técnicas desenvolvidas no âmbito da pesquisa no Programa, em vista de um benefício social.

Significa uma proposta que dialoga com o ambiente educativo e social, propondo aplicabilidade, inovando meios de natureza pedagógica, e aproximando os desafios de ensino com a escolha dos métodos.

Neste sentido, propomos como produto técnico-tecnológico - PTT, um e-book, contendo uma antologia com 50 crônicas de Imperatriz, com referência de seus autores e com sugestão de questões para discussão em sala de aula. Trata-se de ferramenta de natureza didática

no sentido de favorecer a aplicação do exercício de leitura literária em sala de aula. Mas também uma ferramenta que se abre a discussão de situações sociais refletidas nos textos, para provocações de natureza social e política, em vista do letramento literário.

Essa antologia, em formato de e-book, sendo um recurso educativo, tem o objetivo de promover o letramento literário através de:

A) utilização em sala de aula de algumas crônicas regionais, incentivando o conhecimento destas e promovendo a valorização de construções locais;

B) trabalhar o texto e contexto das crônicas para interpretação e discussão em sala de aula e para além desta;

C) valorizar a literatura regional como instrumento a enriquecer a experiência de leitura e desenvolver senso crítico;

D) fazer uma conexão entre os temas abordados nas crônicas e as demandas sociais que fazem parte do universo do aluno;

E) promover uma cultura de leitura, incentivando bons hábitos e conquistando novos leitores.

5.1 Antologia de crônicas de Imperatriz

A proposta do PTT se concretiza nesta antologia com 50 crônicas selecionadas e disponibilizadas em formato de E-book. Um produto que - para além da obrigatoriedade, como deste percurso científico do mestrado profissional do PPGLe/Uemasul - nasceu também com uma motivação objetiva: tornar-se uma ferramenta didática útil em sala de aula em todo e qualquer espaço onde a literatura pudesse atingir.

E a literatura, de fato, pode atingir ou enveredar por muitos caminhos, quando a questão é o ser humano, o sujeito pensante com suas mais diversas e intrincadas dimensões. Isso reporta a Manacorda (2010), quando, bebendo da fonte de Marx, aborda a questão do homem omnilateral em oposição a homem unilateral, de natureza individualista e burguesa. O homem omnilateral que está aberto ao ser em cuja ação incide sobre o mundo que o rodeia e o define. O homem como manifestação plena de si mesmo. E todo seu potencial não fragmentado, não diluído, se impõe como força transformadora.

Uma ferramenta pode tornar-se eficaz, se, aliada ao seu conteúdo, existir o compromisso pedagógico de colocá-la em prática. Uma prática nunca engessada, mas livre para as possibilidades possíveis. Um PTT, de modo tal concebido no sentido de abraçar as

potencialidades do aluno, dialogar plenamente com ele, que carrega suas próprias demandas.

Pesquisou-se crônicas de Imperatriz com suas mais diversas possibilidades literárias, sociais, educativas, humanas.... Mas ao mesmo tempo se ousou trazer algumas delas, em forma de uma antologia, para se constituir parte de um fazer literário/educativo na escola. Um fazer que seja capaz de atrair o aluno pela natureza e possibilidades deste próprio fazer. Um fazer que, mesmo seguindo um método, se permita a liberdade para o espaço e tempo da criatividade, das descobertas, do crescimento humano.

E como parte final desse recurso didático-metodológico, foi inserido um conjunto de sugestões que o professor pode fazer como a título de apontamentos para compreensão do conteúdo a ser trabalhado. Isso permitirá ao professor usar como ferramenta possibilitando rever itinerários de aprendizagem e corrigir rotas.

A seguir coloca-se o quadro esquemático da antologia a ser disponibilizada em formato de Ebook, cuja motivação, metodologia, e objetivos, foram tratados. O quadro que segue, de forma simples, identificando autoria e crônica.

Quadro 2: Esquema da antologia

Adalberto Franklin	Elson Araújo	Luiz Carlos Porto
Fora de rota	Abstração	Antes da ação predatória
Foguetes	As vozes do silêncio, no apagão	Livaldo Fregona
Retrato de um tempo	É chegado o tempo deles	Amazônia: insônia do mundo
Na fila dos correios	Escassez de reciprocidade	Dor da alma
Agostinho Noletto	O simples e o complexo	Fé
O portal da Amazônia	Um encanto de região	Para ser Melhor
Os pioneiros de Imperatriz	Gilmar Pereira	Manoel Aureliano Neto
Patrono: José de Queiroz	Ciúme Pueril	De carnaval
Carlinhos Veloz	Ajuda em hora errada	Marcos Fábio
Imperador Tocantins	Pensando na ideia de Livaldo Fregona	Academia Imperatrizense de Letras
Minha cidade	Hyana Reis	A Uemasul e suas metáforas
Edelvira Marques		Curso de Jornalismo

* Trilogia:	Ponte Dom Felipe	Raimundo Trajano Neto
A chegada dos brancos	Tempo de Praia	Crônica da Saudade
Meu encontro com Frei Manoel Procópio	A Rua 15	Tributo a Imperatriz (I)
Nova vida	O Velho Gullar	Minha cidade
Edimilson Sanches	Jurivê de Macedo	Vito Milesi
Imperatriz, Majestade	A lição do jumento	Tolerância, virtude ambígua:
Rio Tocantins (1)	Amaral Raposo	Telefone de Ludovico
Rio Tocantins (2)	Coisas e coisas nossas	Zeca Tocantins
	Endereço errado	A bicicleta
	Lembrando Vito	Brincando com fogo
	Paixão moderna	Eu e o peixe
	Seu Nogueira	Meu reino enfraquecido

Fonte: Autoria própria (2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante referir que, no universo da leitura e escrita, educadores das mais diversas áreas do conhecimento, precisam garantir cada vez mais, uma prática pedagógica em sala de aula comprometida com o pleno desenvolvimento do aluno, considerando os conteúdos e conceitos que ele já carrega consigo, sua bagagem cultural, seu contexto, suas habilidades pessoais, suas potencialidades. Tudo isso propiciando ao aluno um processo contínuo de construção de si próprio, com novos conhecimentos, novas habilidades, adquirindo senso crítico, desenvolvendo sua leitura de mundo, ampliando horizontes.

É notadamente um processo gradual, que compreende passos firmes para a conquista de objetivos e de uma necessária autonomia do aluno. Nesse processo, inúmeras estratégias são possíveis. E a união da literatura com o letramento, também abre perspectivas importantes para o desenvolvimento pleno do aluno. A literatura tem esse pressuposto irrefutável de agregar valor ao aprendizado do aluno por diversas formas. E mais que isso, a literatura participa de um processo que se permite ser humanizador, para lembrar Candido (1995), na medida em que planta sementes de conquistas futuras, na medida em que se investe no potencial de desenvolvimento do aluno, em sua criatividade, imaginação, inteligência, no necessário

exercício do pensamento.

Tudo pode se tornar possível no itinerário da leitura. Quanto mais precoce for essa experiência, maiores serão as oportunidades que ela pode oferecer. Oportunidade de ir para além do que está posto como rotineiro em nossa realidade. Ir além do que boa parte dos jovens estão dispostos a ir – conscientemente ou não. Isso exige disponibilidade do aluno, senso de urgência, ousadia e coragem; mas ao mesmo tempo, exige que o Estado cumpra seu papel político de boa gestão da coisa pública, exige que a escola seja essa promotora de ricas experiências de letramento; exige que os educadores abracem tal desafio como um recurso indispensável para o pleno desenvolvimento do seu aluno.

A leitura - lembraria Sartre (2015) – significa um exercício de generosidade do leitor, um leitor que reelabora a si mesmo em sua leitura, com suas paixões, valores etc. O aluno, neste processo de interação com o texto, neste usufruto da leitura literatura, de certa forma encontra a si mesmo no enredo, em suas percepções e expectativas, em sua imaginação e inteligência. Isso tudo mediado pelo enredo que somente a leitura literária é capaz de proporcionar: os dramas, as conquistas, as alegrias e descobertas. Encontra também o outro, na perspectiva de identificar sua vida com a outras vidas, seja pela semelhança das condições sociais, seja pelo significado da história contada, seja por afinidades ou mesmo ideologias. Neste universo de infinitas descobertas, o aluno também lança seu olhar para toda a realidade que o circunda. E esse olhar torna-se revelador, na medida em que o permite esse encontro consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

De fato, há no gênero literário da crônica uma janela de entendimentos e despertares que não se deixa fechar. Reside a oportunidade de o sujeito encontrar-se com o cotidiano de maneira elaborada, muitas vezes inusitada, inédita e rica de detalhes e sutilezas, permeada de sentidos. Há ainda a perspectiva de olhar para o social, o econômico e o político de forma contextualizada e compreensível. A capacidade que o aluno-leitor tem de exercer essa interação com textos que o conduzem ao pensamento crítico é considerada a principal tarefa da escola no contexto da educação atual. Marchi (2009). Neste sentido, a literatura se apresenta como importante caminho para a compreensão da vida social e da história em seus diversos níveis. Portanto, pensar em um processo que convida o aluno a viver e pensar a partir de referências na escola e para além dela, mediados pela leitura literária, é tarefa pedagógica e humana de inestimável valor. É possível, pois superar um modelo de leitura literária fechada em si mesma e não é capaz de seduzir o aluno. É preciso abrir-se para as possibilidades de leitura que conjugam texto e realidade, a história contada e a história vivida, em um movimento capaz de ultrapassar os muros da escola. É possível avançar em uma conquista

sólida a partir da leitura literária, garantido resultados qualitativos para o aluno.

Ademais, é importante lembrar que professores e comunidade escolar carregam uma responsabilidade marcante a partir de iniciativas de leitura literária. E quanto mais articulado o professor for com as necessidades do aluno, quanto mais aberta for a escola se tornar para o aluno, maiores serão as oportunidades de sucesso do processo. Aqui está a possibilidade de se trabalhar uma visão do mundo mais profunda e interessante, por diferentes meios que a literatura proporciona. Nesse processo, na relação entre leitor e texto, no dizer de Candido (2002) se constitui em [...] “um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele” (p. 85).

Ao final deste percurso, que se torna começo de outros, torna-se imperativo voltar à questão social, voltar à possibilidade de discutir meios de inclusão e promoção de direitos. E onde houver demandas que versam sobre direitos, sobre a participação da pessoa nas decisões que impactam o coletivo, haverá a necessidade de discutir o social. E discutir o social é também permitir a devida oportunidade de escutar os discursos que nela estão circulando, é possibilitar a escuta dos atores sociais que fazem parte do processo. Mais do que nunca, é preciso fazer uma reflexão no coletivo e de maneira aberta, sensível o suficiente para compreender a realidade tal e qual se apresenta, enxergando novas perspectivas, articulando e projetando novos cenários. E dessa experiência, seguir construindo projetos humanizantes.

REFERÊNCIAS

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. **Jurivê de Macedo**: mestre da crônica jornalística. Imperatriz: Ética, 2012.

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. **Antologia**: contos, contos, poesias. Imperatriz: Ética, 2012.

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza. **Os pés nos quintais e os olhos no mundo**: um menino chamado Paulo Freire. Recife: Cepe, 2021.

ARAÚJO, Elson. **Universo aberto**. 1. Ed. Imperatriz: Estampa, 2021.

_____. Crônica *Escassez e reciprocidade*. Coluna Opinião. Jornal *O Progresso*. Disponível em <<https://oprogressonet.com/noticia/32068/escassez-de-reciprocidade>>. Acesso em 08 set. 2023.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura Trad. Alexandre Morales. Pulo do Gato: São Paulo, 2012.

- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **Literatura de sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1995
- _____. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler**: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. A literatura e formação do homem. In: **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002.
- _____. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011
- _____. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v. (Edições do Senado Federal; v. 107-A)
- COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo**: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Revista Estudos Históricos. v. 8 n. 15 (1995): História e Região. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989>> Acesso em: 10 fev. 2023
- CNPJ INFO. AIL - Academia Imperatrizense de Letras. Disponível em <http://cnpj.info/Academia Imperatrizense-de-letras>. Acesso em: 18 de set. 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Belo Horizonte: Horizonte: 2012.
- FACCHINI, Talita. ENEL - Painel do Varejo de Livros no Brasil. **Pesquisa sobre mercado editorial**. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/08/08/painel-do-varejo-de-livros-no-brasil-7-periodo-de-2023>. Acesso em 22/08/23.
- FRANKLIN, Adalberto. **Ofício das Letras**. Imperatriz: Ética, 1995.
- FREGONA, Livaldo. **Livaldo Fregona**: Blog do autor. Disponível em <https://jupiter.com.br/u/livaldo/> Acesso em 01 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 51. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HAESBAERT, R. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas.

Revista Antares – Letras e Humanidades. Caxias do Sul. n° n° 3 – Jan/jun 2010.

Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4330801/mod._resource/content/1/3.haesbaert.pdf> Acesso em 10 de mar. 2023.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia.** Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em 20 de agosto de 2023.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Plataforma Pró-Livro. 5º Ed. Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Ed. 2020. Disponível em <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>> Acesso em 10 de maio de 2023.

JERÓNIMO, N. A. **Humor na sociedade contemporânea.** Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2015.

JOACHIMSTHALER, J. A literarização da região e a regionalização da literatura. **Revista Antares – Letras e Humanidades.** Caxias do Sul, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/400/330>> Acesso em: 10 fev. 2023.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

KRISTEVA, J. **Semiótica do Romance.** 1. ed. Lisboa: Arcádia, 1978.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura? Coleção Primeiros Passos.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Aldo de. (org.) **O direito à literatura.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MACEDO, Jurivê. **Crônica Seu Nogueira** (1980). Portal Socultura. Disponível em: <https://jupiter.com.br/u/socultura/jurive.html>. Acesso em 02 maio. 2023.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** Campinas: Alínea, 2010.

MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. Erechim: Edelbra, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e escrita**. São Paulo: Signófica, 1997.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. **História e Tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Letras). PUC-RS: 1984.

MENEGHETTI, Ítalo. Literatura Cidadã. **Revista Conhecimento Prático de Literatura**, n. 31. s/v. s/p. 2010. Acesso em 15 set. 2023.

MILESI, Vito. **Leituras para contar**. Imperatriz: Ética, 2003.

_____. **Leituras para pensar**. Imperatriz: Ética, 2004.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária - Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. Crônica literária: um gênero e sua tradição. In: GOMES, João Bosco Figueiredo; OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de; ARAÚJO, Silvano Pereira de. (Org.). **Práticas linguageiras, literatura e ensino**. Mossoró: Edições UERN, 2011.

NOLETO, Agostinho. **O Portal da Amazônia: crônicas de terra e gente**. Imperatriz: Ética, 2015.

_____. Os pioneiros de Imperatriz. **Portal Notícias da Região Tocantina**. Disponível em: <https://regiaotocantina.com.br/os-pioneiros-de-imperatriz>. Acesso em: 21 ago. 2023.

NETO, Manoel Aureliano. **Crônicas e reflexões**. Imperatriz: Ética, 2008.

NETO, Trajano. **Andanças**. Imperatriz: Ética, 2018.

NORA, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, n. 10. s/v. s/p. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>> Acesso em 15 set. 2023.

ORLANDI, E. Análise do Discurso. In: ORLANDI, E & LAGAZZI, S (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem. Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2017.

PEREIRA, Gilmar. **Bem perto e muito longe**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012.

PEREIRA, Tainá Serafim. Leitura proficiente: uma leitura para além dos muros escolares. **Revista Saberes Pedagógicos**. Criciúma, v. 3, n. 2, 2019. Disponível em: <Revista Saberes Pedagógicos | Pedagogia | Unesc - Universidade do Extremo Sul Catarinense> Acesso em 16 set. 2023.

PERRONE-MOISÉS, L. Literatura para todos. **Revista Literatura e Sociedade**. v. 11, n. 9, s/p. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>. Acesso em: 21 ago. 2023.

- _____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- PORTO, Luiz Carlos. **Imperatrizando**. Imperatriz: Ética, 2005
- PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ**. Por Cezar, Orlando. 2019. Site oficial. In: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/autor/jurive-de-macedo-mestre-da-cronica-jornalistica.html> acesso em 25.08.22
- PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ**. Por Barros, Luana. 2018 Site oficial. In: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/jurive-macedo-mestre-da-cronica-jornalistica.html>. Acessado em 28.08.22.
- POZENATO, J. C. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005
- SANCHES, Edmilson. **Crônicas da esperança crônica**. Imperatriz: Ética, 2010.
- SANTOS, J. V. T. A construção da viagem inversa. **Cadernos de Sociologia, ensaio sobre a investigação nas ciências sociais**. Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-88, 1991.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Vozes, 2015.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2011.
- SILVA, J. B. P. **A Natureza da indiferença**: um olhar humano e pedagógico. 01. ed. São Paulo: Dialética, 2023.
- SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Ateliê de crônicas & portfólio. **Leitura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL**, v. 42 p. 237-249, 2009.
- SOCULTURA, Portal. 2023**. Disponível em: <https://jupiter.com.br/u/socultura/jurive.html>. Sem autor: Jurivê de Macedo: Curriculum e textos. Acessado em 02/05/23.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Claudia Schiling. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário, Leitura literária, Educação literária, Oficina de leitura**. São Paulo: Unesp, 2011.
- SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 8, n.16, p. 20-45, 2006. Disponível em: < Políticas Públicas: uma revisão da literatura | Sociologias (ufrgs.br)> Acesso em 13 out. 2023.
- SANTOS, Aleilton. ARAÚJO, Leiliane. **Acervo literário**: um guia sobre escritores de Imperatriz. Imperatriz: Estampa Editora, 2017.

SANTOS, Gerson Tenório. **Desconstruindo Sísifo**: o tempo kairótico da crônica. *Kalíope*, São Paulo, ano 3, n. 1, p. jan./jun., 2007.

SANTOS, Regina Maria dos. **Memórias de um plumitivo**: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SILVEIRA, Joicinara Baldoni. RODRIGUES, Inara de Oliveira. Afirmção estética da crônica. **Disciplinarum Scientia**. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 203-214, 2003.

SOUSA JÚNIOR, J. de. Politecnia e onilateralidade em Marx. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 5, p. 98–114, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9150>. Acesso em: 02 jan. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 5 ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**. Curitiba: n. 65, s/v. p. 149-166, 2017. Disponível em: < SciELO - Brasil - Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil > Acesso em 23 out. 2023.